Este número é dedicado à música que vive dentro de si.

# iátrico

nº28

# Nuances e Relances

# ÍNDICE


**3** **APRENDER A VIVER**
Esperar menos e amar mais.

**5** **PARA VIVER COM POESIA**
Quintanares.

**6** **ANTOLOGIA**
O Cânone poético e suas lições.

**8** **CIÊNCIA EM CRISE?**
É seu destino e força.
Não há nada melhor.

**9** **FATOR HUMANO**
Desbasta o tecnicismo.

**10** **BATER À MÁQUINA**
Saudosismo da formação.

**28** **PROVOCAÇÕES**
Como são boas quando aguçam o espírito humano... quando chegamos perto... sim, ainda podemos.

**36** **GALERIA**
Tons e sons

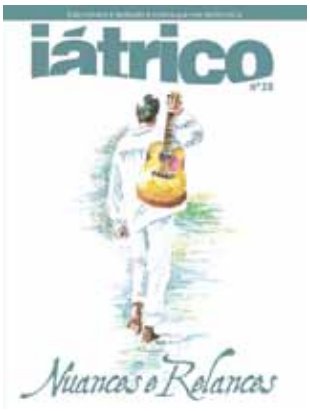
**38** **SOBRE SAUDADE**
Ausência assimilada ninguém rouba de si.

**43** **AFORISMOS**
Pílulas de sabedoria.


**Edições Anteriores** - Confira as edições anteriores do látrico no site www.crmpr.org.br

Este número é dedicado à música que vive dentro de si.

## A CAPA




Este é um número de nuances, de gradações que começam na aquarela da capa e continuam nas aquarelas internas, sempre mais sugerindo do que mostrando, nas diferentes gradações pelas quais passam as cores e a arte de Deisi, a artista, em sua sutileza de nos fazer perceber os tons. Que também são sons na arquitetura sonora de relances. Tons e sons, palavras e gestos, alimentos que fazem exalar o amor. Músicas e textos que absorvem o barulho e a incompreensão, e ordenam o caos, gerando a linguagem da inteligência. Nuances e relances estão no âmago da revista sempre disposta a impregnar como tatuagem a alma do leitor. Este observador de incertezas e imponderáveis, embora corteje o definitivo. Mas a permanência só pode estar nos matizes e na variedade da vida, cuja tradução tentamos expor. Por respeito à sensibilidade do leitor.

**PIONEIROS DA MEDICINA**
Painel reproduzido na terceira capa da revista integra a coleção "Pioneiros da Medicina do Paraná", de autoria dos médicos Iseu Affonso da Costa e Carlos Ravazzani, e que está em exposição permanente na sede do CRM-PR.


látrico

PUBLICAÇÃO CIENTÍFICO-CULTURAL DO CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA DO PARANÁ - EDIÇÃO Nº 28
CRM-PR – Rua Victorio Viezzer, 84 | Vista Alegre | Curitiba-PR | CEP 80810-340 | Fone: 41 3240-4026 | Email: iatrico@crmpr.org.br | Comissão de Comunicação: João Manuel Cardoso Martins, Carlos Roberto Goytacaz Rocha (presidente do CRM-PR), Miguel Ibraim Abboud Hanna Sobrinho, Gerson Zafalon Martins, Luiz Sallim Emed, Donizetti Dimer Giamberardino Filho, Hélcio Bertolozzi Soares, Ehrenfried O. Wittig e Hernani Vieira | Editor-coordenador: João Manuel Cardoso Martins (Membro da Academia Paranaense de Medicina e Professor da PUC-PR) | Coeditor: Hernani Vieira (CTRS 993/06/98v - SINDIJOR 816) | Projeto Gráfico e Diagramação: Vert Comunicação (41 3024-0674) | Impressão: Finaliza Acabamentos Gráficos | Tiragem: 22.000 exemplares | Edição Junho-Julho 2011.

# Aprender a viver

**Você se espanta com o que vive? Questiona seu** viver? Digamos que sim, mas não tem nenhum interesse especial pela filosofia, certo? Então é a pessoa adequada para ler *Aprender A Viver* do Luc Ferry, filósofo francês.

Qual o objetivo: resolver seus problemas? Não exatamente. Diria que é simplesmente para tornar-se mais crítico, autônomo, reflexivo. E isso nada tem de pouco, pois ajudará a apurar seu rigor a respeito das coisas da vida e de sua vida, de modo a validar melhor seus argumentos em qualquer conversação, principalmente com o seu outro eu, com quem você convive quando está só. Esse duplo eu, um quando conversamos com alguém, outro quando dialogamos com nós próprios, se enriquecerão se você tiver ideias mais claras sobre a natureza de si mesmo e, portanto, de seus limites e de sua finitude. No que isso vai desaguar? Numa riqueza maior do instante presente, sem as angústias do passado e do futuro.

"A FILOSOFIA É A BUSCA DO SENTIDO PARA O MUNDO QUE NOS CERCA, AQUI E AGORA."

Você tem duas maneiras de vivenciar isso. Uma pela procuração que você der a uma religião, ou seja, pela fé; outra, por conta própria, mais difícil mas mais autêntica, pois implica na superação das dúvidas, modo de raciocinar por excelência e primeiro passo para a autonomia. É o caminho mais árduo para alcançar a serenidade pela liberdade de pensamento. Como se faz? Associando os conhecimentos científicos vigentes, pois a filosofia atual depende muito deles, à história do humano, pois é com eles que vivemos e com eles temos que conquistar a harmonia possível. Isso deve fornecer os meios que dispomos para nos conhecer, dentro do alcance que nos é dado. Também deve nos levar a viver mais sabiamente e a ter menos medo de nossa finitude. Numa frase: a filosofia é a busca do sentido para o mundo que nos cerca, aqui e agora. Pois não esqueçamos as sábias palavras de Sêneca, um filósofo estoico, "enquanto se espera viver, a vida passa". Portanto, "esperar um pouco menos, amar um pouco mais", deve ser o mote de uma vida melhor vivida. Essa e muitas outras lições você obterá lendo *Aprender A Viver*.

# Quando chegamos perto...

**Quando chegamos perto... queremos ser cúmplices** do passado, rememorar o que a memória amou e deixou esparsa no tempo que não é mais nosso. Quando chegamos perto queremos captar os instantes que nos felicitaram, que nos fizeram dizer: valeu a pena! E são tão poucos... Tente. Lembre-se do que sua memória esculpiu no tempo pretérito e fez você se afirmar com gosto e alegria, e verificará que não são tantos quanto gostaria. Você correu, correu demais, e, por isso mesmo, perdeu o sabor dos momentos, não chegou a tempo, restaram poucos que iluminaram sua alma. Dos que nos impregnam feito cicatriz invisível e que realçam a existência. É, meu caro, quando chegamos perto queremos voltar, refazer o caminho apenas rascunhado, dar feitio definitivo à caminhada. Mas não dá mais, não é mais possível, quando chegamos perto... Resta a saudade dos momentos perfeitos na imperfeita vida. Resta usufruir a brisa amena que se pospõe aos vendavais existenciais. Resta a nostalgia de que poderíamos mais. Será? Não será a doce ilusão de um fazer necessariamente tateante, intuitivo, repetitivo e sem sentido definitivo? Não será o impossível sonho de reordenar fatos, corrigir distorções, revelar emoções ocultas e elaborar trajetórias? Calma, fomos feitos para esperança, não se afobe no calor do balanço, não se entristeça ao suor da coleção de infortúnios, na gélida amargura dos momentos palpitantes que evanesceram. Quando chegamos perto... ainda podemos, sim, ainda podemos ter alguns momentos. Não os desperdice, estão aí, à sua frente, enquanto é tempo, e estamos perto...

"FOMOS FEITOS PARA ESPERANÇA, NÃO SE AFOBE NO CALOR DO BALANÇO, NÃO SE ENTRISTEÇA AO SUOR DA COLEÇÃO DE INFORTÚNIOS, NA GÉLIDA AMARGURA DOS MOMENTOS PALPITANTES QUE EVANESCERAM. "

# Para viver com poesia

**Para viver com poesia é necessário bons senti-**mentos. Estes não se controlam, ao contrário do comportamento. Sentimentos são emoções que podem clarear nossos dias. E não só. Se impregnados de poesia dão asas à nossa fantasia, dão-nos uma inquietude benfazeja que leva a sério a criança dentro de nós e brinca com o adulto que nos habita. Assombra essa criança e faz o adulto reaprender permanentemente pela via da observação. Pois observação é o ver treinado, o olhar interessado, é a urgência de perceber. De perceber poesia em tudo, de viver com poesia. É isso que nos mostra o livro de Mário Vassallo sobre reflexões de Mario Quintana, a que demos o nome de quintanares. Editora Globo.

## QUINTANARES

*» A modéstia é a vaidade escondida atrás da porta.*
*» Se eu acredito em Deus? Mas que valor poderia ter minha resposta, afirmativa ou não? O que importa é saber se Deus acredita em mim.*
*» Os lugares-comuns são cômodos como sapatos velhos. Facilitam a vida, estreitam relações, evitam desconfianças e desentendimentos.*
*» Sonhar é acordar-se para dentro.*
*» A imaginação é a memória que enlouqueceu.*
*» Uma página em branco é a virgindade mais desamparada que existe.*
*» Não esquecer que as nuvens estão improvisando sempre, mas a culpa é do vento.*
*» Maior prazer não é roubar um fruto/ Mas sim ir saboreá-lo às escondidas.*
*» Uma das conquistas do cinema sonoro foi a descoberta do silêncio – o silêncio de quando se espera ou se imagina uma coisa.*
*» A gente pensa uma coisa, acaba escrevendo outra e o leitor entende uma terceira coisa... e, enquanto se passa tudo isso, a coisa propriamente dita começa a desconfiar que não foi propriamente dita.*
*» As reticências são os três primeiros passos de pensamento que continua por conta própria o seu caminho.*
*» Nunca me releio... Tenho um medo enorme de me influenciar.*
*» Autodidata. – Ignorante por conta própria.*
*» Fere de leve a frase... E esquece... Nada/ Convém que se repita.../ Só em linguagem amorosa agrada/ A mesma coisa cem mil vezes dita.*
*» A função do poeta não é explicar-se. A função do poeta é expressar-se.*
*» Quem faz um poema abre uma janela.*
*» A maioria das gentes vive de convicções e não de ideias.*
*» A ignorância rasa e simples é coisa honesta e conserva desanuviado o entendimento. Mas Deus te livre, meu filho, da ignorância complicada.*
*» A indiferença é a mais refinada forma da polidez.*
*» O que têm de bom as nossas mais caras recordações é que elas geralmente são falsas.*
*» Deus é mais simples do que as religiões.*
*» Buscas a perfeição? Não sejas vulgar. A autenticidade é muito mais difícil.*
*» O livro traz de a gente poder estar só e ao mesmo tempo acompanhado.*
*» A alma é essa coisa que nos pergunta se a alma existe.*

# Antologia

**A rubrica antologia apareceu no pri-**meiro número do **IÁTRICO** (no masculino, era encarte no início, depois suplemento, só mais tarde virou revista, se feminizou) para dar vazão ao que era primoroso na poesia e na música. Assim continua, retomada com o personalismo do editor, sempre disposto a mostrar o que sua memória amou e, portanto, nunca esqueceu. Neste número mostra que suas horas também têm medos, como algumas do Drummond; que já viu vários enterros e que já teve as mesmas sensações do Bandeira, inclusive a de que a vida é uma agitação feroz e sem finalidade, embora logo em seguida tente buscar o sentido da mesma; pois para isso fomos feitos: para a esperança no milagre, como diz o Natal de Vinicius; e que muito se insubordinou com os pronominais, tanto quanto o Oswald, embora sua formação seja clássica; por isso continua brigando pelo cânone como deixa dúbio João Cabral quando advoga a educação pela pedra. Enfim, lições poéticas, que a todos interessam. Afinal, aprimoram a vivência.

"A RUBRICA ANTOLOGIA APARECEU NO PRIMEIRO NÚMERO DO IÁTRICO PARA DAR VAZÃO AO QUE ERA PRIMOROSO NA POESIA E NA MÚSICA. ASSIM CONTINUA, RETOMADA COM O PERSONALISMO DO EDITOR, SEMPRE DISPOSTO A MOSTRAR O QUE SUA MEMÓRIA AMOU E, PORTANTO, NUNCA ESQUECEU."

## POEMA DE NATAL - VINÍCIUS DE MORAES

*Para isso fomos feitos:*
*Para lembrar e ser lembrados*
*Para chorar e fazer chorar*
*Para enterrar os nossos mortos –*
*Por isso temos braços longos para os adeuses*
*Mãos para colher o que foi dado*
*Dedos para cavar a terra.*

*Assim será a nossa vida:*
*Uma tarde sempre a esquecer*
*Uma estrela a se apagar na treva*
*Um caminho entre dois túmulos –*
*Por isso precisamos velar*
*Falar baixo, pisar leve, ver*
*A noite dormir em silêncio.*

*Não há muito que dizer:*
*Uma canção sobre um berço*
*Um verso, talvez de amor*
*Uma prece por quem se vai –*
*Mas que essa hora não esqueça*
*E por ela nossos corações*
*Se deixem, graves e simples.*

*Pois para isso fomos feitos:*
*Para a esperança no milagre*
*Para a participação da poesia*
*Para ver a face da morte –*
*De repente nunca mais esperaremos...*
*Hoje a noite é jovem; da morte, apenas*
*Nascemos, imensamente.*

---

## MOMENTO NUM CAFÉ - MANUEL BANDEIRA

*Quando o enterro passou*
*Os homens que se achavam no café*
*Tiraram o chapéu maquinalmente*
*Saudavam o morto, distraídos*
*Estavam todos voltados para a vida*

*Absortos na vida*
*Confiantes da vida.*

*Um no entanto se descobriu*
*num gesto largo e demorado*
*Olhando o esquife longamente*
*Este sabia que a vida é uma*
*agitação feroz e sem finalidade*
*Que a vida é traição*
*E saudava a matéria que passava*
*Liberta para sempre da alma extinta.*

---

## A EDUCAÇÃO PELA PEDRA - JOÃO CABRAL DE MELO NETO

*Uma educação pela pedra: por lições;*
*para aprender da pedra, frequentá-la;*
*captar sua voz inenfática, impessoal*
*(pela dicção ela começa as aulas).*
*A lição de moral, sua resistência fria*
*ao que flui e a fluir, a ser maleada;*
*a de poética, sua carnadura concreta;*
*a de economia, seu adensar-se compacta:*
*lições da pedra (de fora para dentro,*
*cartilha muda), para quem soletrá-la.*
*Outra educação pela pedra: no Sertão*
*(de dentro para fora, e pré-didática).*
*No Sertão a pedra não sabe lecionar,*
*e se lecionasse não ensinaria nada;*
*lá não se aprende a pedra: lá a pedra,*
*uma pedra de nascença, entranha a alma.*

---

## ANOITECER - CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

*É a hora em que o sino toca,*
*mas aqui não há sinos;*
*há somente buzinas,*
*sirenes roucas, apitos*
*aflitos, pungentes, trágicos,*
*uivando escuro segredo;*
*desta hora tenho medo.*

*É a hora em que o pássaro volta,*
*mas de há muito não há pássaros;*
*só multidões compactas*
*escorrendo exaustas*
*como espesso óleo*
*que impregna o lajedo;*
*desta hora tenho medo.*

*É a hora do descanso,*
*mas o descanso vem tarde,*
*o corpo não pede sono,*
*depois de tanto rodar;*
*pede paz – morte – mergulho*
*no poço mais ermo e quedo;*
*desta hora tenho medo.*

*Hora de delicadeza,*
*gasalho, sombra, silêncio.*
*Haverá disso no mundo?*
*É antes a hora dos corvos,*
*bicando em mim, meu passado,*
*meu futuro, meu degredo,*
*desta hora sim, tenho medo.*

---

## PRONOMINAIS - OSWALD DE ANDRADE

*Dê-me um cigarro*
*Diz a gramática*
*Do professor e do aluno*
*E do mulato sabido*
*Mas o bom negro e o bom branco*
*Da Nação Brasileira*
*Dizem todos os dias*
*Deixa disso camarada*
*Me dá um cigarro.*

# Ciência em crise?

**A ciência é uma cadeira apoiada em quatro pernas:** empirismo, racionalismo, imaginação e verificação. Todas importantes por sua interação e complementaridade. Sem surpresa, é do conflito das mesmas que surge a vitalidade da ciência. Mas como há interação e troca, às vezes, a cadeira se torna instável. Instabilidade essencial para o exercício da verdade científica. Portanto, a experiência prática do empirismo unida à lógica do racionalismo, associadas ao voo da imaginação com o apuramento da verdade pelas provas, é que tornam a ciência mais exata, ratificam sua necessidade e força no mundo moderno.

No entanto, no seu seio há também fatores que podem minar o conforto e a segurança da cadeira: é o binômio dogmatismo e superespecialização. Como combatê-lo? Com a filosofia da ciência. Esta não pode ser débil, isto é, tem que dar uma consciência ao progresso científico. Na verdade, essa interação deveria ser forte; a filosofia fazendo reflexão sobre os fatos científicos e estes alimentando a filosofia. Sem quaisquer fronteiras. Esse diálogo permanente fortaleceria ambas, ciência e filosofia.

O condicional acima é porque outros problemas se agregaram. Quando a filosofia pôs em crise a ideia de fundamento, os seus e os da ciência, criou uma instabilidade maior, pôs em cheque "a própria legitimação das verificações/confirmações suportadas por armaduras lógico-matemáticas que pareciam refletir as estruturas do real". Em miúdos, Karl Popper demonstrou que a verificação não era suficiente para dar suporte a uma teoria científica. Esta nunca traria a certeza, ao contrário, sua refutabilidade é que lhe daria maior consistência. E como adverte Edgar Morin, a própria lógica dedutiva que, para Popper, conservava valor decisivo de prova e seria um fundamento irrecusável da verdade, não passava também a ser suficiente diante da indecibilidade lógica estabelecida pelo

teorema de Gödel. Portanto, teríamos uma dupla crise; à crise dos fundamentos do conhecimento científico se associaria a crise dos fundamentos filosóficos. E estes que sempre quiseram ser a consciência do saber científico se debilitaram. Uma dupla orfandade. Ou seja, continua havendo insuficiência filosófica e de ciência.

Aí estão, pois, postos os desafios futuros de nossos conceitos, nossa lógica e nossa inteligência. A cadeira balança, mas não cai. Nós é que temos que fortalecer suas pernas com o novo, sem medo da instabilidade. A ciência sempre viveu em crise. É seu destino e força. Resta-nos alimentá-la com nossas pesquisas e provas, mesmo que às vezes precárias, e mesmo que ainda sob desconfiança. Não há nada melhor. Desde que não fiquemos enfeitiçados só pela técnica e não subestimemos a curiosidade pelo novo, embora sem tentar inventar a roda.

"QUANDO A FILOSOFIA PÔS EM CRISE A IDEIA DE FUNDAMENTO, OS SEUS E OS DA CIÊNCIA, CRIOU UMA INSTABILIDADE MAIOR, PÔS EM CHEQUE 'A PRÓPRIA LEGITIMAÇÃO DAS VERIFICAÇÕES/CONFIRMAÇÕES SUPORTADAS POR ARMADURAS LÓGICO-MATEMÁTICAS QUE PARECIAM REFLETIR AS ESTRUTURAS DO REAL'."

# Fator humano

**O que é mais importante para uma instituição:** O técnico ou o líder? O que detém o conhecimento tecnológico de toda uma estrutura ou o que lida bem com seus liderados estimulando-os a alcançar objetivos e facilitando seu desempenho? Aí o prezado leitor diria, por que não um que reúna ambas as coisas? O problema é encontrar quem tenha a completude dessas aptidões, não concernentes geralmente a um pobre humano.

Daí a surpresa quando o Google, uma empresa de apenas 13 anos, valendo mais de 46 bilhões de dólares no mercado, e única em empreendedorismo e busca de novos caminhos, passou a se preocupar com seus técnicos e fez pesquisa para saber como orientá-los a se tornarem mais efetivos. É isso aí, quem é líder não pode descansar, tem que continuar evoluindo. A grande surpresa foi a revelação do que já se sabia há tanto tempo e que muitos teimam em não acreditar: o fator humano é o grande diferencial. Aquele que escuta, reflete, é ponderado, orienta, é prático e claro nas suas observações e, portanto, pensa antes de falar, e não tenta inventar o que já está inventado. É o que é mais necessário e menos acessível no famoso mercado de trabalho. Este supera, mesmo que com menos conhecimento técnico, o restrito ao tecnicismo. Não tem a arrogância do saber, uma limitante significativa no desenvolvimento pessoal e do pessoal. Ter conhecimento de si e dos outros, de suas virtudes e de suas limitações, é o fiel da balança para o sucesso profissional, e por extensão, de sua instituição. Esse o fator humano.

PSICOLOGIA

## NEM TUDO SE PODE VER, OUVIR OU DIZER

*Um músico me escreve contando que pertence a uma grande orquestra, mas não tem prazer no trabalho por causa dos colegas. Não suporta o despotismo, a vaidade, a prepotência, a arrogância e a mania de grandeza de alguns. O convívio com "egos inflados" é demasiadamente penoso, e ele me pergunta o que fazer.*

*Eu, que sempre faço a apologia do ato generoso da escuta, sugiro ao músico que faça ouvidos moucos. Lembro que ele tem o privilégio de escutar os sons mais sutis e sabe ouvir o silêncio. Não precisa dar ouvidos ao que não interessa. Inclusive porque egos inflados estão em toda parte e a luta contra eles não leva a nada. Evitar a luta de prestígio é um bem que nós fazemos a nós e aos outros.*

*Para viver, nem tudo nós podemos ver, escutar ou dizer. Isso é representado, desde a Antiguidade, pelos três macacos da sabedoria. Cada um cobre uma parte diferente do rosto com as mãos. O primeiro cobre os olhos, o segundo, as orelhas e o terceiro, a boca. A representação é originária da China. Foi introduzida no Japão, no século VIII, por um monge budista. A máxima que ela implica é "não ver, não ouvir e não dizer nada de mau". Foi adotada por Gandhi, que levava sempre consigo os três macaquinhos, o cego, o surdo e o mudo – Mizaru, Kikazaru e Iwazaru.*

*Eles ensinam a não enxergar tudo o que vemos, não escutar tudo o que ouvimos e não dizer tudo o que sabemos. Noutras palavras, ensinam a selecionar e a conter-se. Isso é decisivo para uma atitude construtiva, mas não é fácil. Somos impelidos a focalizar o que nos prejudica – impelidos por um gozo masoquista ao qual temos de nos opor continuamente. Só a consciência disso permite não sair do caminho em que a vida desabrocha.*

*Seleção e contenção tornam a existência mais fácil. Desde que não sejam um efeito da repressão, como na educação tradicional, e sim do desejo do sujeito – um desejo vital de se opor às forças do inconsciente que podem nos fazer mal. Isso implica a humildade de aceitar que o inconsciente existe e nós não somos donos de nós mesmos.*

*A ideia não é nova. Data da descoberta da psicanálise por Freud, no fim do século XIX, mas continua a ser ignorada porque é difícil nos livrarmos do ego. Sobretudo numa sociedade como a nossa, que tanto valoriza, e que não condena a vaidade, a prepotência, a arrogância. Pelo contrário, estimula-as para se perpetuar.*

***Betty Milan (SP/Paris, França).***

# Bater à máquina

**Um dos problemas da idade é que nos tornamos** cada vez mais reminescentes. Talvez seja o motivo de ter apreciado o delicioso artigo de Carlos Leonam e Ana Maria Badaró, *Testemunha ocular da história* (Carta Capital nº. 641), sobre seus tempos de redação jornalística. A testemunha é a máquina de escrever, que volta a ter interesse no circuito cult, tal qual o LP.

Levou-me a recordar o final dos cinquentas do século passado quando fiz um cursinho de datilografia a bordo de uma surrada Underwood, para atingir 60 palavras por minuto sem erros e sem olhar o teclado, o que nunca consegui (colava de viés o teclado) para provável desespero de meu professor, um senhor severo e sempre com as camisas puídas nos colarinhos e nos punhos, não condizentes com a mensalidade que pagávamos.

A máquina de escrever me acompanhou até os noventas, e ainda hoje sinto saudades de minha Olivetti Lettera, portátil, com seus tic-tecs metálicos e os plins que anunciavam o fim da margem direita. Embora, às vezes, me desse problemas. As folhas, chamadas laudas, de vez em quando engelhavam, e mesmo que as retirasse e alisasse, raramente voltavam à forma original. Mesmo imperfeitas, as usava. Eram caras. E as fitas que borravam nossos dedos de preto (quando chegaram as bicolores eram um "must"), colocadas deslizando entre dois carretéis, exigiam habilidade específica para serem troçadas. No cursinho de datilografia o professor primeiro ensinava a mecânica, só depois a bater (não se usava o termo digitar). Semelhante às aulas de educação física, em que primeiro fazíamos ginástica e só nos últimos minutos jogávamos futebol. Que desespero! O meu professor do ginásio (era o termo que se usava) devia ser ruim ou não gostar de bola, ou sádico. O de datilografia o imitava, primeiro mecânica, depois teclado.

Como adquirir as 60 palavras por minuto me afligia...

Mas, prezado leitor que já nasceu com um teclado à frente, acredite, bater à maquina era diferente de manuscrever. Exigia outra maneira de olhar o texto e ordená-lo. E quem o fazia, se sentia parte de outra estirpe, achava que escrevia melhor do que quem apenas manuscrevia. Igualzinho hoje, com o computador. Mudam os tempos, e as vaidades são as mesmas.

Deixei para o fim duas confissões. A primeira é a inveja que tinha das secretárias que digitavam 120 palavras por minuto. Simplesmente dobravam minha habilidade. Você, leitor, pode achar que não é nenhuma maravilha; relembro que o teclado era mecânico, não a moleza de um teclado eletrônico de hoje.

Segunda confissão: nunca fui traído por uma máquina de escrever como fazem os computadores hoje em dia. Sabe por que? Porque se contentavam a único papel: escrever. Tal como os relógios, que só davam horas. Nada da prosmicuidade atual da computação eletrônica...

*PS: Aos analfaeletrônicos devo dizer que o grande Antonio Candido ainda usa máquina de escrever e não sabe o que é computador.*

# Ora, direis, ouvir música!

**Organizar o repertório para um CD costuma ser** o tempo mais aflitivo para um vocalista, pois não há fórmula. Só acaso. E se for compositor de suas próprias letras pior ainda. Entre o gosto pessoal e a possibilidade do gosto público, sempre incerto, há ainda as ingerências de gravadora e detalhes não percebidos. E algo inusitado, a canção fica bem na voz de um cantor, com arranjo e harmonia definidos, e não funciona na voz de outro, mesmo que tenha melhor qualidade vocal.

Já para o Editor do **IÁTRICO**, não há tempo mais gostoso. Selecionar o que gosta e tentar experimentar esse gosto no leitor-ouvinte que acessa o "site" da revista.

Neste número, *Nuances e Relances (Glances)*, trilha nacional e internacional, dão capa à revista e tentam pegar o leitor pelo ouvido.

Nuances pretende ser um painel da música popular brasileira, do samba ao sertanejo, sem ser tão samba nem tão sertanejo. Pois a boa música excede rótulos, sobrepassa o limite do gênero.

Começamos até com uma versão, a de Cláudio Rabello para "For the First Time" (*A primeira vez*), tentando dar dignidade à boa versão na voz de uma das três novas cantoras que vieram para ficar, Tânia Mara, apesar do nome pouco artístico (as outras duas, representadas na trilha, são Paula Fernandes e Maria Gadú.)

"NUANCES PRETENDE SER UM PAINEL DA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA, DO SAMBA AO SERTANEJO, SEM SER TÃO SAMBA NEM TÃO SERTANEJO. POIS A BOA MÚSICA EXCEDE RÓTULOS, SOBREPASSA O LIMITE DO GÊNERO."

Depois embarcamos na deliciosa voz de Emilio Santiago e sua leitura de *Samba de Verão*, dos irmãos P. C. Valle. Você que já ouviu na voz de muitos, certamente ficará com a nossa, espero.

*Cordilheira* de Sueli Costa e Paulo Sérgio Pinheiro é a linda letra em cima de uma melodia que dá bem a ideia e sentido das palavras. E a voz é da grande Simone, nos dois sentidos.

Você que se apaixonou pela *Romaria* de Renato Teixeira cantada pela Elis, vai gostar muito desta releitura dele próprio com o Sergio Reis, ao vivo.

Ana Carolina, já consagrada, fundiu sua voz à do Seu Jorge em *É Isso Aí*, uma maneira de mostrarmos os diferentes timbres vocais de nossa musicalidade.

O sempiterno Roberto Carlos aparece com a ambiguidade dos sentimentos humanos em *Outra Vez*, da Isolda. É proposital que não seja composição sua, afinal, como Caetano, é um grande intérprete.

*Se Eu Não Amasse Tanto Assim* do Herbert Vianna e P. S. Valle traz o talento de Ivete Sangalo.

*Tocando em frente*, da dupla Almir Satter e Renato Teixeira, linda canção surpreendentemente composta em poucos minutos, traz Leonardo em parceria vocal com Paula Fernandes, belo casamento sertanejo.

*Catedral* lançou Zélia Duncan no mundo fonográfico, e está presente por ser do gosto de tantos.

*Naquela Mesa*, a composição de Sérgio Bittencourt para seu pai Jacob do Bandolim, não é apenas um preito filial, é uma homenagem a todos os pais de talento, e nada melhor que ter a grande voz de Nelson Gonçalves para pontuá-la. Ele gago, e sua voz única.

*Bela Flor* da jovem compositora e cantora de apenas 24 anos quando gravou seu disco, Maria Gadú – com acento e erro mesmo, tem direito a esse despropósito – sinaliza ao ouvinte a nova voz da MPB. Voz com registro de contralto e timbre específico que veio não apenas para ficar, mas para fincar a modernidade de nossa música popular no que há de melhor. Sua trajetória tem sido meteórica, pois em apenas um ano gravou, tocou nas rádios, apareceu na TV, ganhou prêmios e foi acompanhada e elogiada por monstros sagrados da MPB. A qualidade de suas composições e a

primazia em interpretá-las mostram uma artista prematuramente madura. Ou nem tanto, pois iniciou a tocar piano aos seis anos de idade. Repare na letra de *Shimbalaiê*, criada aos dez anos: "Ser capitã desse mundo/ Poder rodar sem fronteiras/ Viver um ano em segundos/ Não achar sonhos besteira/ Me encantar com um livro/ Que fale sobre vaidade/ Quando mentir for preciso/ Poder falar a verdade". Bom, não? Você acertou, prezado leitor, fizemos esta resenha só para falar dela, e escolhemos *Bela Flor* como poderíamos ter escolhido qualquer outra de suas composições. Vale a pena comprar o CD ou o DVD, Maria Gadú, Som Livre.

*As Rosas Não Falam*, um clássico de Cartola e Guilherme Brito, tem aqui seu registro na voz potente de Altemar Dutra e Alcione com timbres vocais que se ajustam de forma extraordinária.

*O Coco do Coco*, a safadinha composição de Guinga e Aldir Blanc, do álbum da dupla Girassol e Catavento, traz uma interpretação magistral de Leila Pinheiro.

Zé Ramalho se alimenta da margem social ao compor *Garoto de Aluguel* com seu acento característico.

*Madalena* com Elis mostra toda sua versatilidade em qualquer gênero, por isso tornou-se um clássico. Impossível gravar esta composição depois dela. Ivan Lins e R. M. de Souza bastariam ter essa música para serem lembrados.

*Não Chore Mais* é a versão de Gilberto Gil para um clássico do reggae que ganhou o mundo.

A bela *Milagreiro* de Djavan encontra a cumplicidade vocal com Cássia Eller, uma perda inestimável. O efeito sonoro dos dois é perturbador, no bom sentido.

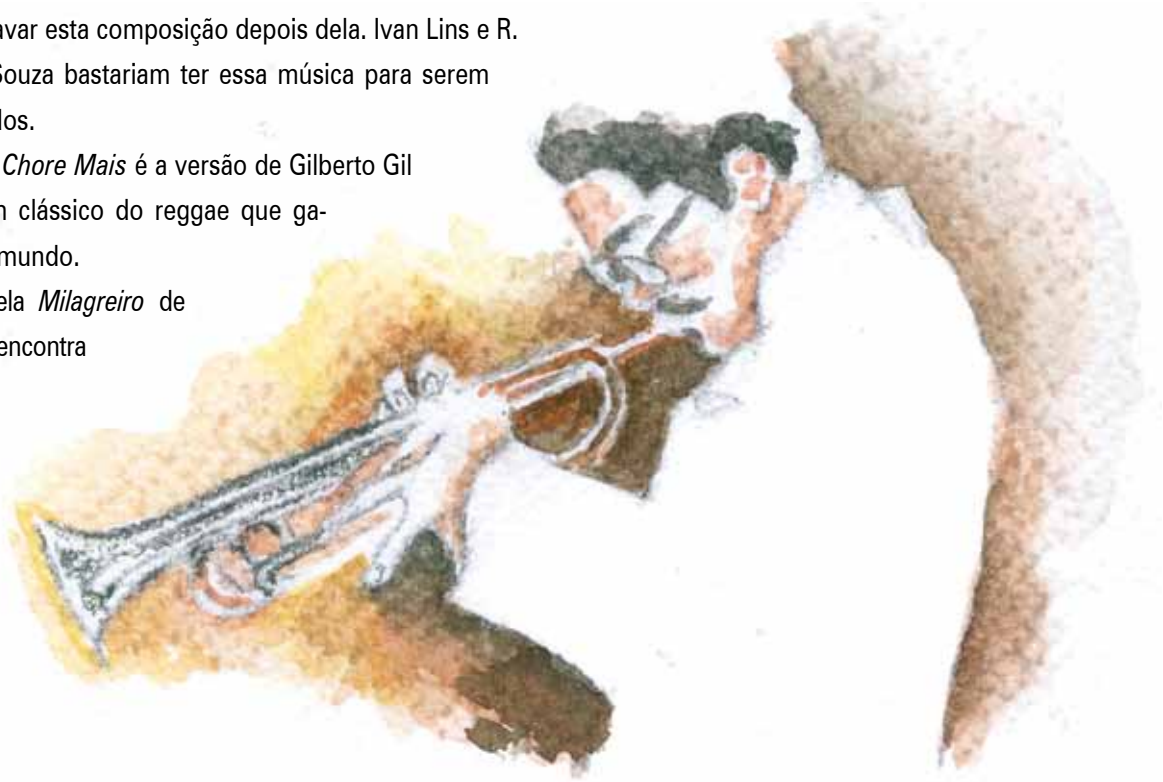
*Paralelas* lançou o desaparecido Belchior, que já foi uma grande promessa de nosso cancioneiro e se perdeu, na música e na vida. Colocamos sua própria voz nesta composição, pois lhe dá carnatura, ao contrário da insípida versão que fez muito sucesso na voz de Vanusa.

*Aganjú* do Carlinhos Brown mostra a riqueza dos ritmos no Brasil, e a beleza da voz é de Bebel Gilberto.

"O SEMPITERNO ROBERTO CARLOS APARECE COM A AMBIGUIDADE DOS SENTIMENTOS HUMANOS EM OUTRA VEZ, DA ISOLDA. É PROPOSITAL QUE NÃO SEJA COMPOSIÇÃO SUA, AFINAL, COMO CAETANO, É UM GRANDE INTÉRPRETE."

Falar de Rita Lee é sempre sobejo, aqui representada por *Baila Comigo*.

E, finalmente, além-mar, com Amália na composição de Alberto James, *Foi Deus*. Está mostrado todo o painel. De uma prosaica versão ao que há de mais precioso na língua em ritmos diversos. Por isso, tire seu sorriso do caminho que eu quero passar com minha dor.



# Relances (glances)

**Estamos sempre partindo. De lugares, empregos,** amores, de erros. Partindo, para tentar acertar. Embora o desejo seja de permanência, de estabilidade. E é partindo que esperamos ter com o leitor-ouvinte um caso de amor à primeira audição. *Je Partirais*, primeira faixa, é um dueto forte de voz e piano, para a composição e execução de Gilbert Becaud, ao vivo, no Olympia de Paris.

Depois partimos para um poema cantado, *Hallelujah*, de Leonard Cohen, canadense, poeta, compositor e músico. Convocamos sua compatriota K. D. Lang e sua linda voz. Lembra-se o leitor de Roy Orbison? Aquele da canção-tema de *Uma Linda Mulher* com a Julia Roberts e o Richard Gere? Pois é, K. D. Lang era uma das suas backing-vocals. Foi aí que aprendeu toda a malandragem de saber quando e como colocar a voz. Foi sua escola. Muitos artistas gravaram essa composição, a própria K. D. fez mais de uma versão. Escolhemos uma que está no CD2 de *Recollection* (Lembrança). Tem outra versão no CD1.

A terceira faixa, *Midnight Train To Georgia*, também tem várias gravações, inclusive de jazzistas. Mas nossa escolha foi a do recente álbum *Dreams*, do Neil Diamond, por ter um arranjo simples mas de grande sensibilidade e estar perfeita na voz do cantor. Relances significa isso, coisas anteriores renovadas.

"JEALOUS GUY ESTÁ EM ÓTIMO ÁLBUM SOLO, IMAGINE, DE JOHN LENNON. É UMA CANÇÃO SUBESTIMADA, POR ISSO E POR SUA BELEZA RESOLVEMOS COLOCÁ-LA NA COLETÂNEA."

Quantas versões você conhece de *The Summer Knows*? Muitas, claro, e boas. Há canções que são repetidas à náusea, mas sempre encontramos uma bem digerível, ao sabor próprio. A minha é da Nana Mouskouri.

Quando Frank Sinatra pediu a Paul Anka um sucesso, ou seja, uma canção que o levasse às paradas, em dois momentos diferentes o canadense não se fez de rogado e o atendeu. Por saber bem francês, e casado com uma, não teve dúvida, fez as versões inglesas de *My Way* e *Let Me Try Again*. Esta última aqui representada.

Ninguém gravou *Get Here* do B. Russel como Oleta Adams, delicie-se.

Em canções como *In The Ghetto* ou *Don't Cry Daddy* você saberá como era a real voz do rei do rock, Elvis Presley. Sem a estridência do ritmo. Embora um tanto melíflua, selecionamos *Don't Cry Daddy* por que a outra já aparecera em trilha anterior do **IÁTRICO**.

*I Dreamed A Dream* é a típica canção feita para musical. Para tentar agradar a todos, bastando haver uma grande voz. É também a canção, via YouTube, que lançou Susan Boyle às alturas.

*Jealous Guy* está em ótimo álbum solo, Imagine, de John Lennon. É uma canção subestimada, por isso e por sua beleza resolvemos colocá-la na coletânea.

*Wild Horses*, dos Rolling Stones, M. Jagger e K. Richards, também tem uma bela gravação da Susan. Nosso registro, no entanto, é melhor. Alicia Keys fazendo dueto com Adam Levine, imperdível.

Quem assistiu *Mamma Mia* e ouviu antes muito ABBA deve estar cansado de S.O.S. Mas aqui está renovada na voz de Peter Cetera e Ronna Reeves.

O clássico *Tema de Mahogani* na voz de Diana Ross não podia faltar. Uma digna representante da gravadora Motown, que fez história.

Os Bee Gees deram fama e universalidade à sua composição *How Can You Mend A Broken Heart*, e Michael Bublé deu novo frescor à balada.

Melody Gardot é o charme do momento. Você ainda vai ouvir falar muito dela. Aqui sua composição, *Your Heart Is A Black As Night*, mostra um pouco do seu valor.

Como poderia não incluir Julio Iglesias na seleção?

O homem que é amado por nove entre cada dez mulheres? O típico latin-lover? Com sua voz de leite condensado? Essa concessão haveria de ser feita.

*Alone Again* (Naturally) é outro clássico popular. Escolhemos Vonda Shepard para representá-lo.

Outra autoria de Becaud com sua versão inglesa *Let It Me Be* é cantada Rod Stewart e Jennifer Hudson. Funciona bem.

O grande álbum-solo que lançou Lionel Richie aos píncaros teve uma faixa que ficou oculta devido aos megasucessos, por isso, a escolhemos: *Stuck On You*.

Representando o cancioneiro italiano, colocamos desta vez Nicola di Bari com *Il Cuore E Um Zíngaro*.

E, por último, o grande Johnny Mathis com seu timbre característico aparece com a melodia dos amantes, *A Time For Us*. Boa audição.

*P.S. Escrevam-nos dando opinião sobre as trilhas do* ***Iátrico****. Em breve, mais música clássica. E rock.*

## IÁTRICO RECOMENDA SEM MODERAÇÃO

***Hit man:*** *David Foster and Friends; Blue Ray Disc*

***Hit man returns:*** *David Foster and Friends; CD e DVD*

# NUANCES

***1. A PRIMEIRA VEZ***
*(J. Friedman/ A. Rich/ J.N.Howard/ versão Claudio Rabello) Tânia Mara.*
***2. SAMBA DE VERÃO***
*(P. S. Valle/ M. Valle) Emílio Santiago.*
***3. CORDILHEIRA***
*(S. Costa/ P. S. Pinheiro) Simone.*
***4. ROMARIA***
*(Renato Teixeira) Renato Teixeira e Sérgio Reis.*
***5. É ISSO AÍ***
*(Damien Rice/ vs. Ana Carolina) Ana Carolina e Seu Jorge.*
***6. OUTRA VEZ***
*(Isolda) Roberto Carlos.*
***7. SE EU NÃO TE AMASSE TANTO ASSIM***
*(H. Vianna/ P. S. Valle) Ivete Sangalo.*
***8. TOCANDO EM FRENTE***
*(A. Satter/ R. Teixeira) Leonardo e Paula Fernandes.*
***9. CATEDRAL***
*(T. Tikaram/ vs. Zélia e C. Oyens) Zélia Duncan.*
***10. NAQUELA MESA***
*(Sergio Bittencourt) Nelson Gonçalves.*
***11. BELA FLOR***
*(Maria Gadú) Maria Gadú.*
***12. AS ROSAS NÃO FALAM***
*(Cartola/ G. Brito) Altemar Dutra e Alcione.*
***13. O COCO DO COCO***
*(Guinga/ A. Blanc) Leila Pinheiro.*
***14. GAROTO DE ALUGUEL***
*(Zé Ramalho) Zé Ramalho.*
***15. MADALENA***
*(I.Lins/ R. M. de Sousa) Elis Regina.*
***16. NÃO CHORE MAIS***
*(V. Ford/ vs. Gilberto Gil) Gilberto Gil.*
***17. MILAGREIRO***
*(Djavan) Cássia Eller e Djavan.*
***18. PARALELAS***
*(Belchior) Belchior.*
***19. AGANJÚ***
*(Carlinhos Brown) Rita Lee.*
***20. BAILA COMIGO***
*(Rita Lee) Rita Lee.*
***21. FOI DEUS***
*(Alberto Janes) Amália Rodrigues.*

# RELANCES (GLANCES)

***1. JE PARTIRAI***
*(L. Amado/ G. Becaud) Gilbert Becaud.*
***2. HALLELUJAH***
*(Leonard Cohen) K. D. Lang.*
***3. MIDNIGHT TRAIN TO GEORGIA***
*(Jim Weatherly) Neal Diamond.*
***4. THE SUMMER KNOWS***
*(M. Legrand/ A. Bergman/ M. Bergman) Nana Mouskouri.*
***5. LET ME TRY AGAIN***
*(Caravelli/ M. Jordan/ P. Anka/ S. Cahn) Frank Sinatra.*
***6. GET HERE***
*(B. Russel) Oleta Adams.*
***7. DON'T CRY DADDY***
*(Davis) Elvis Presley.*
***8. I DREAMED A DREAM***
*(Schonberg/ Bloubil/ Kretzmer/ Natel) Susan Boyle.*
***9. JEALOUS GUY***
*(J. Lennon) John Lennon.*
***10. WILD HORSES***
*(M. Jagger/ K. Richards) Alicia Keys e Adam Levine.*
***11. S. O. S.***
*(Anderson/ Ulvaeus/ Andersson) Peter Cetera e Ronna Reeves.*
***12. THEME OF MAHOGANI***
*(M. Masser/ G. Goffin) Diana Ross.*
***13. HOW CAN YOU MEND A BROKEN HEART***
*(Irmãos Gibb) Michael Bublé.*
***14. YOUR HEART IS A BLACK AS NIGHT***
*(M. Gardot) Melody Gardot.*
***15. ÀS VEZES TU ÀS VEZES EU***
*(Cecília/ F. Adour/ Iglesias) Julio Iglesias.*
***16. ALONE AGAIN (NATURALLY)***
*(G. Ósullivan) Vonda Shepard.*
***17. IL CUORE É UNO ZÍNGARO***
*(Mattone/ Migliacci) Nicola De Bari.*
***18. LET IT BE ME***
*(G. Becaud/ M. Kurtz/ P. Leroyer) Jennifer Hudson e Rod Stewart.*
***19. STUCK ON YOU***
*(L. Richie) Lionel Richie.*
***20. A TIME FOR US***
*(L. Kusik/ E. Snyder) Johnny Mathis.*

# Do êxtase ao prazer: a evolução do sublime

**Peripaques já ocorriam comigo antigamente.** Em um deles, a escuta cardíaca e um exame de sangue levaram o reumatologista a me imobilizar por 15 dias devido a uma "escarlatina". Foi um castigo. O pretenso mais produtivo nadador do estado não poderia defender Curitiba nos Jogos Abertos do Paraná de 1968, em Arapongas. Este é um torneio para todas as idades juntas, tipo uma corrida de carreteiras força livre, e seria a glória ganhar umas medalhas. Consegui ser liberado do repouso total já no fim da semana de competições, com uma ameaça de lesão cardíaca definitiva se fizesse algum esforço. Não podia carregar peso nem correr. Um ônibus leito me levou ao Hotel Roma, a poucos metros da rodoviária. Desembarque de madrugada, o dia raiando. Aos 14 anos de idade, o grau de ansiedade era de surto bipolar.

Sem uniforme da capital, pois não havia sido incluído na equipe, com uma malinha mínima antes do advento das mochilas, frustrado, andei lentamente até o quarto no primeiro andar. Dia 20 de setembro, sexta-feira. Construção de madeira, soalho de ripas, fui tentar arrastar e juntar uma cama com a outra, para dormir no meio dos dois um pouco mais. Porém, as camas eram muito estranhas; tinham a "mesa" de cabeceira anexada ao estrado em si. Na verdade o criado-mudo era uma extensão lateral, na mesma altura da cabeceira da cama, pendente; empurrado, aquilo tudo balançou. Um radinho de pilha caiu no chão ligado nos primeiros acordes desta música mais maravilhosa, uma voz conhecida e um piano. Reclamando, meus companheiros ajudaram a acertar as camas, mas não voltamos a dormir. Ficamos imobilizados. Era Paul McCartney, e a nossa primeira exposição a um dos momentos mágicos do rock&roll: *Hey Jude*. Muito provavelmente a primeira amostra de algo sublime que os três adolescentes experimentavam.

O resto do dia foi muito divertido: a piscina do Clube Campestre havia sido recém-construída ao lado de um barranco de terra vermelha. Com a chuva da noite a piscina estava cheia de barro! Mas o Norte, Jacarezinho, Londrina e adjacências, era muito mais moderno que Curitiba, e foi uma rádio de Londrina que nos apresentou *Hey Jude* e a aventura dos Beatles aos limites da consciência. Com certeza a Rádio Ouro Verde não tocava nada assim antes das 7h da manhã na capital em 1968.

*Fast Forward* no toca-fitas da memória para junho de 1973, frio, terça-feira, um grupo de estudantes em um Fusca e uma Variant matam as aulas. Bons alunos, a Federal era fácil. Resolvem descer para Santa Catarina ouvindo Pink Floyd no toca-fitas de um carro, Yes no outro. Primeira praia bela, deserta, preparada para o nosso deleite, ao lado da estrada, ainda de manhã, era onde hoje fica o Plaza Itapema. Não tinha nada, só a areia mais grossa que o usual, ainda hoje em dia parece úmida ao pé; um morro com uma gruta de um lado e um promontório do outro. O som do Fusca permitia tirar a tampa com alto-falantes Pioneer de trás do banco traseiro e ligar no porta-malas dianteiro. Com as portas e a boca abertas, o Pink Floyd era digno de concerto ao vivo em frente às ondas.

"NO NOSSO NICHO DE JOVENS ESTUDANTES CURITIBANOS ANTENADOS NOS COLLEGES AMERICANOS O SOM ERA O ARMAMENTO, PROGRAMADO CONFORME A SITUAÇÃO. MÚSICA PARA DANÇAR, PAPEAR, VIAJAR CURTO, VIAJAR LONGO, CONQUISTAR MOÇAS ASSIM OU MOÇAS ASSADAS. SEMPRE MUITO ALTO. CURIOSAMENTE, OS VIZINHOS NÃO RECLAMAVAM. OU O SOM ERA REALMENTE MUITO BOM, OU NOSSA ATITUDE ERA TÃO SURPREENDENTE QUE FICAVAM SEM RESPOSTA."

Dia sublime. Éramos seis, uma evolução jovem dos

adolescentes nadadores. Em quatro anos e meio tínhamos nos graduado em rock&roll, desenvolvido subespecialidades, gêneros de interesse. Alguns já sabiam o que era uma slide-guitar, um violão de 12 cordas. Carregávamos som para os jardins das casas, festas, litoral, tocava no carro o dia todo. Um dos bons arsenais era meu, que já trabalhava. Era justamente professor de inglês, a língua que trazia o raciocínio e o embasamento desta cultura. As pessoas não entendiam o nome das músicas, muito menos compreendiam as derivações intelectuais que levaram "performers" a se chamar The Who, Rolling Stones, Bob Dylan. Ou a usar as roupas, cabelos e barbas medievais, que resultaram na moda dos anos 60.

Na trilha de Macchu Pichu e no Trem da Morte já existiam mochileiros, principalmente europeus, poucos latino-americanos. O humor jovem latino era de Guevara. Mas ninguém estava disposto a se mandar como fez o "Che". No país dos irmãos do norte o humor era Dylan + Stones + Grateful Dead ou Pink Floyd. Respectivamente palavras (Dylan) + guerra (Stones) + delírio psicodélico (Dead ou Floyd). Nosso protesto aqui no Brasil era menos estruturado. Roberto Carlos já tinha debandado do inferno, Vandré já tinha saído de circulação, e seus sucessores eram muito pop ou light.

No nosso nicho de jovens estudantes curitibanos antenados nos "colleges" americanos o som era o armamento, programado conforme a situação. Música para dançar, papear, viajar curto, viajar longo, conquistar moças assim ou moças assadas. Sempre muito alto. Curiosamente, os vizinhos não reclamavam. Ou o som era realmente muito bom, ou nossa atitude era tão surpreendente que ficavam sem resposta. Bolachões importados, toca discos Garrard, agulhas de diamante. Caixas de som feitas à mão porque as importadas eram caras para comprar aqui e grandes para trazer na bagagem. Fitas cassette de cromo, gravadas virgens, para não comprometer o silêncio do intervalo. Cuidados dignos de hóstia.

*Fast forward* mais cinco anos. Arredores de Londres, "early evening", no caminho para a festa de fim do ano de 1978, na casa do Professor de Clinical Pharmacology do St Bartholomew´s. Pequeno Ford Fiesta tocando Radio Caroline em bons alto-falantes, futura esposa, linda morena, sentada ao lado. Frio do cão de dezembro lá fora ... entra uma guitarra muito lenta. Trata-se da homenagem de Eric Clapton a Patti Boyd, a mulher que disputou a vida toda com seu melhor amigo, George Harrison. *Wonderful Tonight*, a música mais romântica do rock clássico britânico. Cada dedilhar da guitarra

pendendo por intermináveis milissegundos, cada palavra da letra ressonando, demonstrações momentâneas galácticas de amor. Já maduro e vivido, em parte nos meus quase 25 anos, mas com certeza nos quase 35 de George, Patti e Eric. A execução mais dramática desta "Nossa canção" planetária foi no encerramento do tributo aos 70 anos de Nelson Mandela, quando de surpresa, God substituiu o guitarrista do Dire Straits, e teve a maior banda da época como back up, Mark Knopfler no apoio de guitarra. Justamente o maior discípulo, usa o mesmo estilo "Slowhand", notas gementes, penduradas de emoção no espaço cósmico neuronal, numa continuidade que parece impossível, extracerebral.

Já dá uma certa dor no dedo apertar o botão FF do controle do DVD vital para passar um quarto de século. A situação se repete. Bela morena, paixonite, oportunidade, uma alma gêmea musical do sexo oposto. Comemoração privada em uma pequena cobertura central, ingredientes tudo do bom e do melhor, calma a tranquilidade, longas horas, clima perfeito na capital curitibana deserta em um feriado de verão.

As mulheres da minha geração e das muitas que se seguiram nunca gostaram de música mesmo, per se. Elas gostavam do homem, Chico, Caetano, ou da mulher, Gal, ou odiavam a mulher, Wanderléa. No meio clássico também, confundiam von Karajan com a música que tocava, e mal sabiam que a orquestra dele era a Berlin Philarmonic. De rock não gostavam porque não entendiam aquele monte de "fakes" de andróginos. Depois vieram as gerações do sertanejo, que as atraiu durante anos. E agora, incrivelmente, aparecem gerações que gostam de rock clássico.

Finalmente, quando a terceira idade ameaça ao fim da década, aparece mais uma candidata que, além de tanta outra coisa em comum, gosta e conhece rock inglês clássico! Não só acha Pink Floyd romântico, até conhece as baladas e entende porque David Gilmour é melhor que Roger Waters. A nuvem de admiração dura um bom tempo. Logo descubro que, na verdade, esta cultura não é espontânea nem homenagem a mim; veio do último ex, que tocava Pink Floyd em casa. Sem contar que minha filha canta e toca como um Bob Dylan de voz fina; o filho ainda infantil tem um i-Pod cheio de Beatles; os amigos tocam Guitar Hero em videogames. Tenho que trancar minhas coleções de bolachões, CDs, fitas cassette, biografias de roqueiros, para não desaparecer tudo!

Alguns pais e muitos avôs estão transformando Paul McCartney em algum tipo de santo, e *Let it Be* em um hino a Maria. Deixam para lá o combustível usado por Paulie, como o chamava John, quando o amigo rival vinha com mais uma das suas melodias maravilhosas. Leo, o personagem mau da novela das oito na Globo, vai ao ar com *Satisfaction*, obra-prima do pior elemento ainda vivo do rock&roll, Keith Richards, aquele que cheirou as cinzas do pai. No original, as cinco notas do "riff" de *Satisfaction* mais parecem rajadas de uma metralhadora, e assim foram usadas em "Apocalypse Now". Considerado o segundo melhor rock da história, *Satisfaction* perde para McCartney em listas europeias e para Dylan nas americanas. Creio que o medo geral é deixar o diabo em primeiro lugar. Em 1965 Brian Jones já apresentava Keith a Robert Johnson, a própria encarnação do demônio em uma encruzilhada; segundo todos eles, o negro de mãos gigantes inventou o rock&roll ali por 1930.

"ALGUNS PAIS E MUITOS AVÔS ESTÃO TRANSFORMANDO PAUL MCCARTNEY EM ALGUM TIPO DE SANTO, E *LET IT BE* EM UM HINO A MARIA. DEIXAM PARA LÁ O COMBUSTÍVEL USADO POR PAULIE, COMO O CHAMAVA JOHN, QUANDO O AMIGO RIVAL VINHA COM MAIS UMA DAS SUAS MELODIAS MARAVILHOSAS."

Assim, as coisas mudaram, 80 anos depois do início, 40 anos depois do meu envolvimento, a música não é mais um arsenal de guerra, usada por pequenos terroristas subvertendo a ordem da consciência da época. Que, é claro, não era nada natural, com ditaduras, racismo e todos ismos que, pelo menos, estão agora fora da lei. Não se usam mais fantasias, imagens, faz de contas, palavras. Nem biquínis. Agora as armas são armas. A guerra está nas ruas de Curitiba, não em

Street Fighting Man, no Vietnam ou nas selvas da Bolívia. A turba de mais de 100 atleticanos que passou pela 7 de Setembro  a uma quadra da Praça do Japão, quebrando expressos e farmácias na noite de 20 de abril de 2011, não parecia ter fones de ouvido. Atacavam tudo com o que tinham à mão. As passeatas antimilitares dos estudantes barbudos eram ridículas perto do que ocorre hoje. Nossos esquerdistas, principalmente aqui em Curitiba, cidade de um Catolicismo espanhol total, eram poucos e mal armados intelectualmente. E é claro, os fios-dentais estão aí.

As festas de rock&roll ficaram meio da pesada; os bares nem falar; os shows se tornaram enormes. Há 10 ou 15 anos ainda assisti David Bowie e Oasis em São Paulo com o palco a poucos metros de distância, como via Eric Clapton em um *wine bar* de Londres todo ano. A lista de shows mais intimistas destes 40 anos de rock é interminável. Ainda ocorrem em Las Vegas, Nova York e Los Angeles, infrequentemente. Neste intervalo o rock&roll virou o *establishment*; os *set-lists* dos grandes shows representam o gosto atual, as preferências dos novatos, muitos deles crianças.

Através dos anos, desde muito jovem, me eduquei profundamente, nas fontes mesmo, em vários tipos de música, mas a preferência pelo rock baseado no blues do delta do Mississsipi se mantém. O resto, clássico e jazz inclusive, simplesmente não bate o mesmo ritmo do roll. A tão decantada emoção dramática da ópera, preferência de meus colegas médicos em Londres nos anos 70, definitivamente não pertence à minha genética musical. Keith Richards diz que Mick é o rock e ele é o roll. E o mundo rapidamente se rende.

"A TÃO DECANTADA EMOÇÃO DRAMÁTICA DA ÓPERA, PREFERÊNCIA DE MEUS COLEGAS MÉDICOS EM LONDRES NOS ANOS 70, DEFINITIVAMENTE NÃO PERTENCE À MINHA GENÉTICA MUSICAL. KEITH RICHARDS DIZ QUE MICK É O ROCK E ELE É O ROLL. E O MUNDO RAPIDAMENTE SE RENDE."

Uma alternativa muito boa é exercitar nossas próprias áreas de influência, como o editor, Dr João Manuel, faz com a trilha sonora do **IÁTRICO**, e a própria revista. Nas ocasiões formais, quando tive escolha, sempre optei pelo rock mais apropriado. Com bons resultados, inclusive. Em uma delas a cerimônia se desmontou em lágrimas com *Wonderful Tonight*. E, neste espaço, posso exercitar minha veia Tom Wolfe de realismo fantástico *yuppie* curitibano. Sempre aprendendo um pouco mais sobre este ou aquele detalhe. Pequenos realces de pequenas nuances levam a muito prazer.

E o que mais então? Pilotar motocicletas, tomar cinco garrafas de vinho por dia e casar todo ano, tudo ao mesmo tempo, como Gerard Depardieu? As fraturas e múltiplas pontes de safena resultantes são meio doídas! E a conta de banco dele, assim como sua profissão, são mais compatíveis. Se várias formas de êxtase não são mais recomendáveis, nem possíveis, e o que eu entendia virou banal?

Os americanos, com sua cultura automobilística, têm há muitos anos rádios digitais ligadas a satélites, tipo uma Sky TV. Existem muitas, e algumas dedicadas a um gênero de rock, clássico, ou jazz. Para o automóvel é perfeito. Fora do carro ou fora dos EUA, a melhor saída são os iPods, se possível não muito grandes, e só vale a pena colocar neles as músicas que gostamos mesmo, de boa fonte. Trata-e de uma ação prioritária: investimento no prazer, só entra o que vale a pena, como na escolha de vinhos ou comidas. Ou outras escolhas. E o grande segredo é não dispensar aquele iPod ou telefone celular quando vem outro mais moderno. O melhor é guardar e ouvir de novo um ou dois anos depois. Nestes *Walkmans* digitais o ideal é ouvir sequências. Assim, a gente acaba com uma prateleira de iPods e tocadores abrigados em celulares. Tenho *playlists* chamadas Rock, rock lento e rock médio desde o tempo das fitas cassette. Nos iPods não há o limite de tempo, e existe o recurso excelente do *shuffle*, que traz surpresas ótimas. Justamente por que todas *playlists* fatalmente cansam, e não dá tempo nem existe paciência para se montar tantas. Então o ideal é colocar no *shuffle*.

Daí não colocar abobrinha ser tão importante. Se tem uma coisa antiêxtase é terminar uma versão mara-

vilhosa do *Blowing in the Wind* e vir uma canção chatíssima do Crosby, Stills, Nash and Young ou do Bruce Springsteen, colocada ali só porque estava disponível. Ou alguma coisa gravada pirata, de má qualidade. Faz bem lembrar que no tocador de música não há audiência, é só para a gente mesmo.

Atividade física fora da água e da chuva forte, passeios de vários tipos, inclusive no automóvel, podem ser fonte de muito prazer em ondas próximas de êxtase, quando subitamente entra Lou Reed com *Intro/Sweet Jane*, e todo mundo que está por perto fica embevecido, para no fim perguntar o que é aquilo. Mais um orgulho às custas de um clássico que começou em bolachão, virou CD, estava perdido em um dos iPods, e ressurge.

No *shuffle* sempre surge uma música que sua memória associa com algo especial, pegando naquele dia, e que você não ouve há tempo suficiente para ter esquecido que existia. Rádios dedicadas ao tipo de música que a gente gosta são ótimas por causa destas supresas que produzem êxtase. Na falta delas, ou em horário nos quais elas se rendem ao comércio usual, *playlists* de iPods de alta qualidade múltipla são a versão meia-idade do êxtase juvenil.

"HOJE VIVEMOS DE UMA MANEIRA MUITO MAIS PÚBLICA. SE NA JUVENTUDE AS POUCAS PESSOAS DO MUNDO NOS DEIXAVAM EM PAZ POR IMAGINAR QUEM ERA AQUELE GRUPO DE CABELUDOS E MOÇAS SEM SOBRANCELHAS, HOJE EM DIA FICAM AINDA MAIS RESPEITOSOS POR SABEREM EXATAMENTE QUEM SOMOS."

Será esta forma de prazer muito diferente das já passadas? À primeira vista parece ser mais discreta, solitária, mas esta impressão não é completa. Hoje vivemos de uma maneira muito mais pública. Se na juventude as poucas pessoas do mundo nos deixavam em paz por imaginar quem era aquele grupo de cabeludos e moças sem sobrancelhas, hoje em dia ficam ainda mais respeitosos por saberem exatamente quem somos. Depois de tanto tempo nas vizinhanças, não se dá um passo sem encontrar gente muito conhecida.

Provavelmente temos menos espaço para delirar com novidades, e existem menos novidades, já que até as crianças preferem o velho rock&roll. As viagens margarinísticas de hoje precisam ser mais especializadas. Em outro artigo no **IÁTRICO** já concluí, após extensa análise filosófica, que o bom é desenvolver um interesse, e explorá-lo. Faça como Dylan, Clapton, Richards, Jagger e Mc Cartney. Ou Roberto Carlos e Julio Iglesias. Desenvolva um interesse, faça sempre a mesma coisa, cada vez melhor. Uma vez no programa da Luciana Gimenez uma prostituta, fake da Bruna, dizia a uma mulher casada de longo tempo, que a casada devia ser muito mais experiente que a profissional. Todas as participantes pensaram, sorriram e assentiram.

**Dr. Paulo Rogério Mudrovitsch de Bittencourt (PR).**

# Saúde mental

**Fui convidado a fazer uma preleção sobre saú-**de mental. Os que me convidaram supuseram que eu, na qualidade de psicanalista, deveria ser um especialista no assunto. E eu também pensei. Tanto que aceitei. Mas foi só parar para pensar para me arrepender. Percebi que nada sabia. Eu me explico.

Comecei o meu pensamento fazendo uma lista das pessoas que, do meu ponto de vista, tiveram uma vida mental rica e excitante, pessoas cujos livros e obras são alimento para a minha alma. Nietzsche, Fernando Pessoa, Van Gogh, Wittgenstein, Cecília Meireles, Maiakóvski. E logo me assustei. Nietzsche ficou louco. Fernando Pessoa era dado à bebida. Van Gogh matou-se. Wittgenstein alegrou-se ao saber que iria morrer em breve: não suportava mais viver com tanta angústia. Cecília Meireles sofria de uma suave depressão crônica. Maiakóviski suicidou-se. Todas elas, pessoas lúcidas e profundas que continuarão a ser pão para os vivos muito depois de nós termos sido completamente esquecidos.

"UM COMPUTADOR PODE ENLOUQUECER POR DEFEITOS NO *HARDWARE* OU POR DEFEITOS NO *SOFTWARE*. NÓS TAMBÉM. QUANDO O NOSSO  FICA LOUCO, HÁ QUE SE CHAMAR PSIQUIATRAS E NEUROLOGISTAS, QUE VIRÃO COM SUAS POÇÕES QUÍMICAS E BISTURIS CONSERTAR O QUE SE ESTRAGOU."

Mas será que tinham saúde mental? Saúde mental, essa condição em que as ideias comportam-se bem, sempre iguais, previsíveis, sem surpresas, obedientes ao comando do dever, todas as coisas nos seus lugares, como soldados em ordem unida, jamais permitindo que o corpo falte ao trabalho, ou que faça algo inesperado; nem é preciso dar uma volta ao mundo num barco a vela, basta fazer o que fez a Shirley Valentine (se ainda não viu, veja o filme!) ou ter um amor proibido ou, mais perigoso que tudo isso, a coragem de pensar o que nunca pensou. Pensar é uma coisa muito perigosa...

Não, saúde mental elas não tinham. Eram lúcidas demais para isso. Elas sabiam que o mundo é controlado pelos loucos e idosos de gravata. Sendo donos do poder, os loucos passam a ser os protótipos da saúde mental. Claro que nenhum dos nomes que citei sobreviveria aos testes psicológicos a que teria de se submeter se fosse pedir emprego numa empresa. Por outro lado, nunca ouvir falar de políticos que tivessem estresse e depressão. Andam sempre fortes em passarelas pelas ruas da cidade, distribuindo sorrisos e certezas.

Sinto que meus pensamentos podem parecer pensamentos de louco e por isso apresso-me aos devidos esclarecimentos.

Nós somos muito parecidos com computadores. O funcionamento dos computadores, como todo mundo sabe, requer a interação de duas partes. Uma delas chama-se *hardware*, literalmente "equipamento duro", e a outra denomina-se *software*, "equipamento macio". O *hardware* é constituído por todas as coisas sólidas com que o aparelho é feito. O *software* é constituído por entidades "espirituais" símbolos que formam os programas e são gravados em discos flexíveis.

Nós também temos um *hardware* e um *software*. O *hardware* são os nervos do cérebro, os neurônios, tudo aquilo que compõe o sistema nervoso. O *software* é constituído por uma série de programas que ficam gravados na memória. Do mesmo jeito como nos computadores, o que fica na memória são símbolos, entidades levíssimas, dir-se-ia mesmo "espirituais", sendo que o programa mais importante é a linguagem.

Um computador pode enlouquecer por defeitos no *hardware* ou por defeitos no *software*. Nós também. Quando o nosso *hardware* fica louco, há que se chamar

psiquiatras e neurologistas, que virão com suas poções químicas e bisturis consertar o que se estragou. Quando o problema está no *software*, entretanto, poções e bisturis não funcionam. Não se conserta um programa com chave de fenda. Porque o *software* é feito de símbolos e somente símbolos podem entrar dentro dele. Assim, para se lidar com o software, há que se fazer uso de símbolos. Por isso, quem trata das perturbações do *software* humano nunca se vale de recursos físicos para tal. Suas ferramentas são palavras, e eles podem ser poetas, humoristas, palhaços, escritores, gurus, amigos e até mesmo psicanalistas.

Acontece, entretanto, que esse computador que é o corpo humano tem uma peculiaridade que o diferencia dos outros: o seu *hardware*, o corpo, é sensível às coisas que o seu *software* produz. Pois não é isso que acontece conosco? Ouvimos uma música e choramos. Lemos os poemas eróticos de Drummond e o corpo fica excitado.

Imagine um aparelho de som. Imagine que o toca-discos e os acessórios, o *hardware*, tenham a capacidade de ouvir a música que ele toca e se comover. Imagine mais, que a beleza é tão grande que o *hardware* não a comporta e se arrebenta de emoção!

Pois foi isso que aconteceu com aquelas pessoas que citei no princípio: a música que saía de seu *software* era tão bonita que seu *hardware* não suportou.

Dados esses pressupostos teóricos, estamos agora em condições de oferecer uma receita que garantirá, àqueles que a seguirem à risca, "saúde mental" até o fim dos seus dias.

Opte por um *soft* modesto. Evite as coisas belas e comoventes. A beleza é perigosa para o *hardware*. Cuidado com a música. Brahms e Mahler são especialmente contraindicados. Já o rock pode ser tomado à vontade. Quanto às leituras, evite aquelas que fazem pensar. Há uma vasta literatura especializada em impedir o pensamento. Se há livros do doutor Lair Ribeiro, por que se arriscar a ler Saramago?

Os jornais têm o mesmo efeito. Devem ser lidos diariamente. Como eles publicam diariamente sempre a mesma coisa com nomes e caras diferentes, fica garantido que o nosso *software* pensará sempre coisas iguais. E, aos domingos, não se esqueça do Silvio Santos e do Gugu Liberato.

"ESSE COMPUTADOR QUE É O CORPO HUMANO TEM UMA PECULIARIDADE QUE O DIFERENCIA DOS OUTROS: O SEU *HARDWARE*, O CORPO, É SENSÍVEL ÀS COISAS QUE O SEU SOFTWARE PRODUZ. POIS NÃO É ISSO QUE ACONTECE CONOSCO? OUVIMOS UMA MÚSICA E CHORAMOS. LEMOS OS POEMAS ERÓTICOS DE DRUMMOND E O CORPO FICA EXCITADO."

Seguindo esta receita, você terá uma vida tranquila, embora banal. Mas como você cultivou a insensibilidade, você não perceberá o quão banal ela é. E, em vez de ter o fim que tiveram as pessoas que mencionei, você se aposentará para, então, realizar os seus sonhos. Infelizmente, entretanto, quando chegar tal momento, você já terá se esquecido de como eles eram.

**Rubem Alves (SP).**

*Melhores Crônicas, editora Papirus*

## PALAVRAS DE MESTRE I

*"Para se formar uma grande equipe, com muito talento individual e coletivo, é preciso unir disciplina tática com a fantasia, o planejamento com a improvisação, a técnica com a inventividade. Não é uma coisa ou outra. Isso é importante em qualquer atividade. Assim, o Brasil ganhou cinco Copas do Mundo. É necessário sonhar com os olhos abertos, 'A linha reta não sonha'."*

*Oscar Niemeyer.*

# Redução de danos

**Os brasileiros engordam cada vez mais. Em 13** anos estarão tão obesos quanto os americanos de hoje. Em pouco mais de uma década a paisagem humana de nossas cidades será a mesma que choca os turistas quando levam os filhos à Disneylândia.

É paradoxal: de um lado, nunca fomos expostos a tanta informação de qualidade sobre a conveniência de adotar a assim chamada alimentação saudável, beber com moderação, praticar atividade física e não fumar; de outro, adotamos o estilo de vida oposto.

O fenômeno é mundial, poupa apenas os países muito pobres em que há falta de comida e de acesso ao conforto que a tecnologia proporciona.

Se toda a humanidade se comporta dessa maneira, sou forçado a questionar o papel da Medicina no mundo moderno.

Há mais de 40 anos repito para meus pacientes que o corpo humano é uma máquina desenhada para o movimento, que a rotina sedentária e o excesso de calorias ingeridas apressam o envelhecimento e encurtam a duração da vida. Pareço o sacerdote no púlpito a insistir que os fiéis resistam às tentações da carne, diante da igreja surda.

"A QUESTÃO DA VIDA SAUDÁVEL TRANSFORMA O MÉDICO NUM DEFENSOR INVOLUNTÁRIO DA MORAL E DOS BONS COSTUMES E DESVIA A MEDICINA DE SUA FUNÇÃO PRIMORDIAL: ALIVIAR O SOFRIMENTO HUMANO."

A questão da vida saudável transforma o médico num defensor involuntário da moral e dos bons costumes e desvia a Medicina de sua função primordial: aliviar o sofrimento humano. Explico o que quero dizer, caríssimo leitor.

Um homem me procura porque bebe demais. O que posso fazer para ajudá-lo? Aconselhá-lo a beber com moderação? Explicar que a bebida faz mal? Receitar os poucos medicamentos que a Medicina desenvolveu para enfrentar de forma pífia uma tragédia pessoal dessa magnitude? Ou encaminhá-lo para os Alcoólicos Anônimos?

A experiência me ensinou a confiar mais nos Alcoólicos Anônimos, por uma razão simples: os resultados são melhores. Existe exemplo mais ilustrativo da incompetência médica do que curar menos do que um grupo de autoajuda?

Na cadeia, atendo mulheres que imploram tratamento para largar da cocaína. Chegam desesperadas, cheias de dívidas que lhes ameaçam a integridade física. O que a Medicina tem para oferecer-lhes além de aconselhá-las a dizer não às drogas?

De que armas o médico dispõe para tratar as compulsões que infernizam aqueles que assaltam geladeiras na calada da noite, fumam, jogam, bebem, compram sem parar ou usam crack?

No início da epidemia de Aids, atendi um policial de 40 anos, pai de três filhos, que me pedia para encaminhá-lo a um cirurgião que o castrasse. Contou que não conseguia passar duas ou três semanas sem usar cocaína. Sob a ação da droga, invariavelmente ia atrás dos travestis que trabalham nas ruas, e acabava a noite nos hoteizinhos mais sórdidos da cidade. Nesses locais, já havia sido espancado e assaltado mais de uma vez.

Ingênuo como eu era na época, expliquei que a causa de sua desventura não era a sexualidade, mas a cocaína. Respondeu que estava cansado de saber, o problema é que não conseguia evitar as recaídas; se pelo menos a libido lhe desse trégua, seria possível reduzir os danos que a droga lhe causava.

Tentei inutilmente convencê-lo a desistir da ideia da castração, cirurgia de consequências irreversíveis, mas ele estava tão decidido que sugeri uma medida alternativa: tomar uma injeção de uma droga que bloqueia a produção de testosterona durante três meses, período

que lhe daria mais tempo para reflexão.

Dois meses mais tarde, ele retornou, feliz com o resultado. Não havia abandonado a cocaína, mas estava livre da compulsão sexual.

O exemplo é didático. Não é papel do médico julgar comportamentos de acordo com seus critérios morais, nem é aceitável que a Medicina atribua ao doente a culpa moral por ser portador da enfermidade que o aflige.

A ciência médica moderna deveria abandonar a ficção ridícula de transformar seres humanos preguiçosos, compulsivos, cheios de defeitos e vícios que prejudicam o organismo, em rebanhos de cidadãos bem comportados que passem a existência dedicados a cuidar da saúde acima de tudo, porque sempre haverá aqueles que acharão sem graça viver dessa maneira.

O que nos falta são tratamentos eficazes e recursos técnicos para reduzir os danos da obesidade, do sedentarismo, da dependência química e das compulsões autodestrutivas que nos atormentam.

**Dr. Drauzio Varella (SP).**

# Notícias da Tumorlândia

**Já acordei mais de uma vez com a sensação** de morte. Mas não estava preparado para aquela manhã de junho passado, quando despertei sentindo-me como que acorrentado a meu próprio cadáver. Todo o interior do meu peito parecia ter sido escavado e depois preenchido com cimento de secagem lenta. Eu podia ouvir levemente meu respirar, mas não conseguia inflar os pulmões. Meu coração batia demais ou de menos. Qualquer movimento, por mais tênue que fosse, exigia prudência e planejamento. Foi necessário um esforço intenso para atravessar o meu quarto de hotel em Nova York e chamar o serviço de emergência. Eles chegaram com rapidez e se comportaram com imensa cortesia e profissionalismo. Tive tempo para pensar por que eles precisavam de tantas botas e capacetes e equipamentos pesados, mas agora, quando vejo a cena em retrospecto, entendo tudo como uma deportação muito tranquila e firme, que me leva do país do bem-estar e cruza a austera fronteira que delimita a terra da doença. Em algumas horas, pois tiveram que fazer muitos procedimentos de emergência em meu coração e meus pulmões, os médicos dessa triste fronteira mostraram-me alguns cartões-postais do interior e disseram-me que minha próxima parada teria que ser em um oncologista. Uma sombra caiu sobre os negativos.

Na noite anterior, eu lançara meu último livro em um grande evento em New Haven. Na noite dessa terrível manhã, eu deveria aparecer no *The Daily Show* (programa televisivo que satiriza as notícias do dia) e, depois, participar de um evento no *Upper East Side*, juntamente com Salman Rushdie. Minha curta campanha de negação teve a seguinte forma: não iria cancelar esses compromissos ou desapontar meus amigos e nem perder a chance de vender um monte de livros. Consegui passar por esses dois eventos sem que ninguém percebesse nada de estranho, apesar de ter vomitado duas vezes – com uma combinação extraordinária de precisão, clareza, violência e profusão – pouco antes de cada apresentação. Isso é o que os habitantes do país da doença fazem enquanto ainda estão desesperadamente agarrados a seu antigo domicílio.

"SERÁ QUE NÃO VIVEREI (...) PARA LER OU MESMO ESCREVER OS OBITUÁRIOS DE VELHOS CALHORDAS COMO HENRY KISSINGER E JOSEPH RATZINGER?"

A nova terra é bastante acolhedora a seu modo. Todo mundo sorri encorajadoramente e parece não haver racismo de forma alguma. Um espírito igualitário generalizado prevalece e, obviamente, aqueles que administram

o local chegaram aonde estão por mérito e trabalho duro. A desvantagem é que o humor é um tanto fraco e repetitivo, parece não haver quase nenhuma referência a sexo, e a comida é a pior de todos os lugares que já visitei. O país tem uma linguagem própria – uma língua franca que consegue ser chata e difícil e que contém nomes como Ondansetron, uma medicação antináusea – bem como alguns gestos inquietantes (...). Por exemplo, um funcionário que você acabou de conhecer poderá afundar abruptamente os dedos em seu pescoço. Foi assim que descobri que meu câncer havia se espalhado para os linfonodos e que uma dessas belezas deformadas, localizada na minha clavícula direita, era grande o suficiente para ser vista e apalpada. Não é nada bom quando o câncer é "palpável". Especialmente quando, nessa fase, não se sabe onde é sua fonte primária. O carcinoma trabalha astuciosamente de dentro para fora. A detecção e o tratamento muitas vezes agem mais lenta e cautelosamente, de fora para dentro. Muitas agulhas foram enfiadas na região da minha clavícula – "O tecido é o que importa" – poderia ser um bom slogan no linguajar da Tumorlândia e me disseram que os resultados da biópsia sairiam em uma semana.

**ESÔFAGO**

O trabalho com as escamosas células cancerígenas descobertas nos primeiros resultados levou mais tempo do que isso para mostrar a desagradável verdade. A palavra "metástase" foi a primeira do relatório que chamou minha atenção. O alienígena colonizara um pedaço do meu pulmão, além de uma parte do meu nódulo linfático. E sua base de operações original localizava-se – já havia algum tempo – no meu esôfago. Meu pai morreu, e muito rapidamente, também de câncer do esôfago. Ele tinha 79 anos. Eu tenho 61. Independentemente do tipo de "corrida" que a vida seja, tornei-me abruptamente um finalista.

Tinha planos reais para a minha próxima década e sinto que havia trabalhado duro o suficiente para merecê-la. Será que não viverei para ver meus filhos casados? Para assistir ao World Trade Center subir de novo? Para ler – ou mesmo escrever – os obituários de velhos calhordas, como Henry Kissinger e Joseph Ratzinger? Mas entendo esse tipo de não-pensamento como aquilo que ele é: sentimentalismo e autopiedade. Logicamente, meu livro chegou à lista dos *best-sellers* no dia em que recebi a mais cruel das notícias e, além disso, meu último voo como uma pessoa saudável (para um público bem grande na Feira do Livro de Chicago) foi o que resultou em 1 milhão de milhas voadas pela United Airlines, com uma vida inteira de *upgrades* gratuitos pela frente. A ironia é o meu negócio, mas não consigo ver nenhuma ironia aqui: seria menos triste ter câncer no dia em que minhas memórias fossem um fiasco de bilheteria ou em que eu fosse excluído da classe econômica e largado na pista? À pergunta idiota "por que eu?", o universo indiferentemente responde: por que não?

**Christopher Hitchens (Inglaterra/Estados Unidos).**

## PALAVRAS DE MESTRE II

*"Avalia-se a inteligência de um indivíduo pela quantidade de incertezas que ele é capaz de suportar."*
***Immanuel Kant***

*"Angústia é a sensação do nada."*
***Martin Heidegger.***

*"A conexão de cada momento particular com a totalidade de minha vida é feita pelo relógio biográfico. Seus dois ponteiros são a memória e o projeto, o que já fui e o que espero ser."*
***Gilberto de Mello Kujawski.***

# Microcontos e nanocontos

**ANIMALIDADES**
A gata, vindo, gritou: poorcooo.
O lobo, rente, retrucou: sua vaacaaa.
Assim morreram os três porquinhos.
Na curva da estrada. Atropelados por um burro.

**COMPREENDA**
Ele achou que era só um rito.
Ela não queria descumprir a jura.
Separaram-se, sem compreender-se.
Nem no rito nem na jura.

**TEMPO NÃO VOA**
Saiu da missa das nove, cansado e faminto.
Ligou o celular e ficou assustado.
Eram apenas dez horas da mesma manhã de domingo.

**NUA OU CRUA?**
– Onde você estava até esta hora?
– No motel!
Sem conter-se, aos prantos, trancou-se no quarto.
Meia hora depois foi cozinhar o jantar para ele.

**CAPUZ TAMANHO ÚNICO**
– Gentalha ignorante!
– Por que somos gentalha?

**"DECISIDIO"**
Paciente, esperava sua vez, como segundo da fila.
Demorava tanto que ele decidiu fazer andar essa tal fila.
Antes do ato, doou aquele que era bom.

**QUASE SALVO**
– Cuidaaahah...

**LEDO ENGANO**
No dia seguinte, ele fez que não sabia de nada.
Até que ela pergunta, olho no olho:
– Por que hoje você está tão constrangido?
– Eu?

**VERDADES**
– Alguém estava com você no momento?
– Não.
– Então fique quieto!
– Mas doutor... É verdade... Eu que...
– Calma! Estão dizendo que foi você.

**SALVAÇÃO**
Ninguém pediu. Ninguém desejava aquilo.
Mas os batimentos cessaram.
Assim mesmo culparam os médicos.
Por certo, ali, ninguém tinha fé.

**ANALISA-TE OU DEVORO-TE**
– Agora me fale do teu pai.
– Por que, doutor?
– Por que não?

**MATURESCENTE**
Era uma vez... Lembras? Tudo começava assim.
E sempre terminava no eram felizes...
E éramos!
Mas por que diziam para sempre?

**PODER DA PALAVRA**
– Leia-me!

**Deni Santoros (PR).**

## DO CADERNO VERDE

*A fonte da felicidade está em se satisfazer com o possível.*

# Música e Medicina em sintonia

www.guipagliari.com.br

**Todos os dias somos chamados a executar di-**versas tarefas, algumas com mais urgência, outras, nem tanto. Mesmo que apresentemos certas limitações, elas são sempre desafiadoras, mas há as que são separadas e guardadas numa gaveta, para que, quem sabe algum *dèja vu* as faça voltar à mesa de prioridades. Nesse contexto, levo-me às lembranças de quando começaram meus primeiros passos.

O sonho de se tornar médico sempre caminhou junto com a música. Nunca existiu uma prioridade, mas uma forma de viver, percebendo a importância de cada um, lado a lado, na sua função e formação como pessoa e profissional. Não cito critério para seleção de especialidade, nem de gosto musical, pois acredito que isso se constitui no contexto cultural e social que cada um está inserido, construindo, assim, a trajetória da própria identidade.

"MEDICINA ESTÁ PARA MÚSICA COMO A MÚSICA PARA A MEDICINA."

Trabalhando há dois anos no SUS, principalmente na chamada "linha de frente", já possuo uma certa noção dos problemas sociais que são enfrentados diariamente no atendimento aos pacientes, que muitas vezes não conseguem exprimir sua dor local ou sistêmica tão bem como o fazem quando precisam reclamar de algo, que foge ao nosso controle, como o "Sistema".

Uma música de marcha fúnebre nesse momento, por favor. Mas só por este momento. O que componho e construo nas melodias são reflexos desta sociedade, mas também minha vontade e meu amor em tornar as condições deste "Sistema" mais próximas de um mega-evento positivo, como a execução de um rock clássico, ou uma orquestra sinfônica, tendo-se como premissa que cada qual possa executar suas funções na mais perfeita sintonia.

*Pelos Nossos Sonhos* é meu primeiro trabalho como médico músico e compositor. O que vi durante a vida acadêmica foi marcante, lembranças que jamais esquecerei, mas o que tenho hoje é bem mais que um exame físico completo, ou um exame de imagem. Está na alma.

Tudo é lindo quando apresentado o esperado diploma; o CD gravado, uma festa. Mas o que gosto de contar é como tudo aconteceu e porque estou aqui agora, traduzindo num artigo um pouco destas vivências e que considero uma carta de apresentação aos novos entusiastas da geração "coca-cola ao iphone".

Já fui questionado inúmeras vezes quanto à escolha definitiva para seguir. Medicina? Música? Não fico chateado com a pergunta. Mas acho engraçado. Por que não fazer as duas coisas? Será que estou sendo irresponsável por adquirir mais conhecimento que melhore meu entendimento para a relação médico-paciente? Será que estou apenas levando isso como alavanca para carreira musical? Atualmente, faço plantões em Curitiba e estudo para realizar mais um sonho. Tornar-me especialista.

*Faça tudo valer* é o nome do segundo trabalho, que será lançado final do ano, após o resultado "positivo",

de provas de residência médica... O título faz menção à correlação Medicina e Música (sim, a Medicina está para a Música como a Música está para a Medicina). Som que promete manter a boa pegada do primeiro álbum, mas, com todo respeito, está mais "sadio e com melhor qualidade de vida".

Entendemos que se precisa melhorar cada vez mais a técnica, mas acreditamos que se faz necessário, concomitantemente, aperfeiçoar as relações de "ser entre ser", primar por uma conduta médica mais humanista Desta forma, chamamos a atenção para a consulta médica sob um olhar poético, durante a qual muitas histórias e narrativas se dão e, mesmo que não possamos garantir o "felizes para sempre", ao menos o bem-estar e conforto do momento.

Na consulta precisa-se ver, ouvir, sentir, conversar e examinar o paciente; sempre como se fosse pela primeira vez.

A "conversa" está ótima, mas, colegas, tenho de voltar aos estudos, pois, como disse anteriormente, sonho também em ser especialista. Vocês que já o são sabem que para isso muitos acordes foram colecionados.

**Dr. Guilherme Cé Pagliari (PR).**

# Provocação

**"A diferença entre Freud e Jung é que, para Freud, 'o inconsciente é a lata de lixo das repressões'. E, para Jung, 'o inconsciente é uma arca antiga, cheia de joias e tesouros fantásticos'."**

**ANÔNIMO, IÁTRICO Nº. 27, PÁGINA 41.**

A citação anônima – apesar de caricata, o que lhe rouba a inocência – poderia ser tomada, como sugeria seu título, por uma provocação ingênua. Esta seria a maneira simplificada de lê-la: com um sorriso, sem levá-la muito a sério. No entanto, ela pede mais reflexão, pois enuncia um problema gravíssimo: o mesmo problema que o mesmo número da revista **IÁTRICO** põe na mesa com seu título – "Verdadeiro e Falso: Onde o Real?"

Sigamos devagar, reconhecendo, antes de mais nada, que estamos diante de um dos dois únicos problemas centrais de toda a Filosofia que, reduzida à essência, ocupa-se, fundamentalmente, de apenas duas questões: a questão relativa ao ser, ou questão ôntica; e a questão epistêmica, ou questão do saber. Estas são as questões filosóficas cruciais. Primeira: O que é o Real? Segunda: Como apreendê-lo? Como vir a saber, com segurança, algo do Real? Como tecer uma rede que pesque algo do Real EM SI, não apenas seus atributos sensíveis, sujeitos a variações de acordo com o aparelho sensorial-perceptivo e o esquema de valores do pesquisador?

Qualquer estudioso honesto sabe que a diferença entre a construção teórica de Freud e de Jung não pode ser equacionada pela afirmação minimalista cuja provocação decidimos aceitar. Mas, admitindo que realmente ela contenha um grão de verdade literal, ou seja, admitindo, por hipótese, que realmente para Freud o *Inconsciente* não passe de uma "lata de lixo das repressões"; e que Jung, ao contrário, tenha encontrado ali uma "arca antiga, cheia de joias e tesouros fantásticos"; temos que nos colocar uma questão epistêmica: como é possível que dois médicos, formados no rigor da ciência de seu tempo, supostamente comprometidos, ambos, com a verdade, debruçando-se sobre a clínica das neuroses e das psicoses apreendam, do Real da clínica, conclusões tão absolutamente antagônicas?

"COMO É POSSÍVEL QUE DOIS MÉDICOS, FORMADOS NO RIGOR DA CIÊNCIA DE SEU TEMPO, SUPOSTAMENTE COMPROMETIDOS, AMBOS, COM A VERDADE, DEBRUÇANDO-SE SOBRE A CLÍNICA DAS NEUROSES E DAS PSICOSES APREENDAM, DO REAL DA CLÍNICA, CONCLUSÕES TÃO ABSOLUTAMENTE ANTAGÔNICAS?"

Levemos a questão a sério e desdobremos o problema em algumas premissas:

1. Examinou-se o mesmo Real?

2. Realmente estão em foco dois pesquisadores regidos pelo espírito científico?

3. De fato estamos falando de dois pesquisadores comprometidos com a verdade?

4. Se respondermos sim às perguntas anteriores e mesmo assim constatarmos que os dois extraem dois mapas diferentes, e até mesmo antagônicos, onde o Real?

"SE O REAL É O QUE RETORNA SEMPRE AO MESMO LUGAR, ENTÃO HÁ UM REAL EXPLÍCITO NO SEGUINTE FATO: PACIENTES QUE SOFREM DEMAIS E SE VEEM EM ENCRUZILHADAS SEM SAÍDA NA PRÓPRIA VIDA CHEGAM, FREQÜENTEMENTE, A SOLUCIONAR SEUS IMPASSES POR MEIO DA PALAVRA PRONUNCIADA SOB TRANSFERÊNCIA."

Examinando rápida e superficialmente as premissas:

1. O laboratório de pesquisa, tanto para Freud como para Jung, foi a clínica dos doentes mentais. Não seria razoável supor que o acaso levasse ao divã de Freud apenas pacientes moralmente degenerados, que nada teriam a falar, a não ser depor sobre o lixo reprimido no seu inconsciente, reservando ao consultório de Jung apenas a fina flor da formosura moral? Seria impossível que tivesse acontecido uma distribuição tão caprichosa dos pacientes, levando Freud a apreender um Real e Jung a outro diametralmente oposto? Seria inadmissível que o acaso continuasse, caprichosamente, até hoje, redistribuindo a clientela dos praticantes da Psicanálise (Freud) e da Psicologia Analítica (Jung) que, como clínicos, continuam a confirmar os achados de seus teóricos de escolha. Assim sendo, *reductio ad absurdum*, trata-se do mesmo Real nas duas investigações. Um Real profundamente problemático, diga-se de passagem: as dificuldades intrínsecas ao objeto de estudo não podem ser minimizadas.

2. A perspectiva científica é encampada pelos dois e por seus seguidores, embora com particularidades. Para Freud, Real é o corpo e o sofrimento que lhe impõe o psíquico; para Jung o Real vai mais além e inclui a esfera da espiritualidade. Com estes pontos de vista tão distintos, é de se esperar que a leitura do Real seja afetada. Aliás, que o exame do Real seja contaminado pela subjetividade não é, de modo algum, estranho à Ciência, mesmo a mais objetiva. Assim, em que pese o viés inequívoco que os dois pesquisadores, inclusive, reconhecem, estamos em presença de construções teóricas animadas pelo espírito científico.

3. A honestidade intelectual de Freud e Jung nunca foi questionada e fica evidente em suas obras publicadas: de parte a parte, um volume formidável de trabalhos em que qualquer estudioso pode atestar a seriedade, o rigor e a coerência das respectivas produções teóricas e dos relatos que fazem da clínica.

4. Dois cientistas honestos – dois mapas: o mesmo Real? Atrevo-me a dizer que sim, tomando por base as enormes dificuldades da clínica e os efeitos benéficos que os praticantes de ambas as escolas testemunham: na Psicanálise, a cura para Inibição, Sintoma e Angústia, basculando o paciente da miséria neurótica para a infelicidade comum, com apetência e aptidão para o amor e o trabalho; na Psicologia Analítica, o processo de individuação e a transcendência.

## ELEMENTOS DE ANÁLISE

Se o Real é o que retorna sempre ao mesmo lugar, então há um Real explícito no seguinte fato: pacientes que sofrem demais e se veem em encruzilhadas sem saída na própria vida chegam, frequentemente, a solucionar seus impasses por meio da Palavra pronunciada sob Transferência.

Admitamos que praticantes honestos – seja da Psicanálise, seja da Psicologia Analítica – acolham igualmente o discurso de seus pacientes, sem distorcê-lo segundo este ou aquele princípio teórico, e pautando-se pela ética da não-sugestão, o que implica em calar todo julgamento, toda opinião e todo conselho. Assim, se o analisante sob tratamento psicanalítico quiser falar de sua fé e de suas crenças, sua fala será acolhida como relativa a fatos psíquicos inequívocos, que entrarão na cadeia associativa do tratamento como elementos de análise, quer dizer, de livre associação, como outros conteúdos quaisquer. Do mesmo modo, se o paciente de um praticante da Psicologia Analítica quiser falar das marcas que carrega da

sexualidade infantil, este material também será acolhido como valioso e colocado na corrente do trabalho.

Sendo assim, na prática clínica honesta, levada a efeito por profissionais preparados para exercê-la – ou seja: que levaram sua própria análise até seus limites sensíveis – está posta a garantia de que O REAL DO DISCURSO SOB TRANSFERÊNCIA retorne sempre, em cada sessão de trabalho que se realize – e tal retorno TEM EFEITOS DE TRATAMENTO, seja este tratamento chamado de cura ou de individuação.

Aí, o que sobressai irredutível, para além das diferenças teóricas, é que, frequentemente, nas duas práticas, segundo o depoimento de praticantes e de analisantes, pelo Discurso endereçado ao Outro da Transferência, o Sujeito encontra, o que não é pouco, um modo de viver mais compatível com a vida, apesar da tendência inexorável que empurra o vivo para a morte.

**Vera Lúcia de Oliveira e Silva (PR).**

# A polêmica Freud x Jung – uma aproximação

**Pouca gente duvida que Freud e Jung cons**truíram mapas distintos do Real em jogo na clínica das doenças mentais. Cabe perguntar o porquê.

Freud e Jung teriam, tão somente, escolhido, cada qual, um determinado viés – ou sido vítimas dele –; viés desde o qual construíram, para apreender o Real, a rede teórica satisfatória às necessidades emocionais de cada um? Neste caso, estariam eles, plenamente, inscritos no subjetivismo da Psiquiatria a que Kraft-Ebing (1840/1902) alude, ao dizer: "Devido à peculiaridade dessa ciência e ao fato de se apresentar ainda incompleta, os livros sobre Psiquiatria têm características eminentemente subjetivas, em maior ou menor grau, dependendo da personalidade de seus autores"[1]. Seria esta "dependência da personalidade do autor" um fato inevitável na formalização científica da Psiquiatria?

A resposta de Jung a esta pergunta é inequívoca: "Toda psicologia, inclusive a minha, tem o caráter de uma confissão subjetiva"[2]. Para ele, nesta convicção residia sua principal divergência com Freud. Então, supondo a inevitável contaminação subjetiva do Real por diferentes pontos de vista, pensemos um pouco sobre a "personalidade do autores" em questão.

De Freud, direi o que todo mundo sabe: um estudioso rente ao método cartesiano, a ponto de Lacan afirmar que "o campo freudiano não seria possível senão certo tempo depois da emergência do sujeito cartesiano, pois que a ciência moderna só começa depois que Descartes deu seu passo inaugural"[3]. Para Lacan é "impensável que a psicanálise, como prática, e que o inconsciente freudiano, como descoberta, houvessem tido lugar antes do nascimento da ciência, no século XVII"[4]. Ele sustenta que, "ao contrário do que se inventa sobre um pretenso rompimento de Freud com o cientificismo de sua época, foi esse mesmo cientificismo que conduziu Freud, como nos demonstram seus escritos, a abrir a via que para sempre levará seu nome. Essa via nunca se desvinculou dos ideais desse cientificismo e a marca que traz deste não é contingente, mas lhe é essencial.É por esta marca que ela preserva seu crédito, malgrado os desvios a que se prestou"[5].

"POUCA GENTE DUVIDA QUE FREUD E JUNG CONSTRUÍRAM MAPAS DISTINTOS DO REAL EM JOGO NA CLÍNICA DAS DOENÇAS MENTAIS. CABE PERGUNTAR O PORQUÊ."

Já as referências às inclinações de Jung para o Oculto e o Sagrado são abundantes e os autores concordam que a construção freudiana padecia, para ele, de um "reducionismo intolerável"[6]. Por outro lado, afirmam que "o

positivismo científico materialista de Freud não perdoou o discípulo que buscou o fundamento criativo da religião". Aliás, Jung acabou merecendo o rótulo de "ocultista herético"[7], fazendo adversários nos dois campos, o científico e o religioso: "Até hoje, cientistas positivistas o desqualificam como ocultista e religiosos repudiam, como heréticos, seus estudos sobre o cristianismo..."[8]

"JUNG ACABOU MERECENDO O RÓTULO DE 'OCULTISTA HERÉTICO', FAZENDO ADVERSÁRIOS NOS DOIS CAMPOS, O CIENTÍFICO E O RELIGIOSO."

Embora seja verdade que Jung, ainda estudante de Medicina, proferia palestras na sociedade "Zofingia" que congregava os estudantes universitários, e suas palestras "eram um misto de ciência, filosofia e ocultismo"[9]. Embora seja também verdade que, "simultaneamente com suas conferências, – Jung realizava sessões espíritas, com sua mãe... (onde) uma das primas, Helene, era quem que se comunicava com os mortos"[10]. Sua dissertação para a conclusão de curso de Medicina (era exigida naquele tempo) tomou por base o exame crítico daquelas experiências, considerando os fenômenos psíquicos em questão como fatos objetivos a serem estudados cientificamente. Sua dissertação foi aceita e valorizada pela banca examinadora, o que atesta a cientificidade de seu trabalho. Este mesmo trabalho, além dos testes objetivos com a associação de palavras, rendeu-lhe a admiração inicial de Freud, que foi imensa. O estereotipo que se construiu em torno a Jung como praticante de um culto místico ao Oculto não tem qualquer assentamento na verdade biográfica.

Historicamente, o desdobrar do pensamento dos dois médicos investigadores culminou, no que se refere à Religião, com a posição freudiana manifesta na publicação de um texto em que ele se refere às "representações religiosas humanas" como "suas ilusões"[11]. Jung, por seu lado, teve parte de sua produção intelectual reconhecida como um verdadeiro resgate do Sagrado. Ele mesmo escreve: "Esforço-me por evitar, ao menos, os preconceitos mais grosseiros e, por isso, estou inclinado a reconhecer todos os deuses possíveis, supondo que eles atuam na psique humana... Minha atitude é, portanto, positiva com relação a todas as religiões"[12].

Bem, nesta aproximação que faço do problema, aproximação evidentemente superficial, parece que fica muito claro que estes dois médicos, partindo de dois pontos de vista tão diametralmente opostos, examinando o mesmo Real – a clínica neuropsiquiátrica – não poderiam desenhar-lhe um mesmo mapa. E então, cabe a pergunta: onde o Real?

Para saber, com honestidade intelectual, se as duas construções teóricas produzidas por Freud e Jung falam do mesmo Real, seria indispensável examinar os conceitos fundamentais das práticas terapêuticas que ambos fundaram – e seus resultados. Só assim é que poderíamos, talvez, chegar a uma conclusão mais apropriada da

distância que as separa, ou não. Do lado freudiano, os conceitos fundamentais são a Pulsão, o Inconsciente, a Transferência e a Repetição. Para a Psicologia Analítica os conceitos fundamentais são os Arquétipos, regidos pelo arquétipo central denominado Self; os Complexos; a Persona; o Ânima e o Ânimus; os Tipos Psicológicos; o Processo de Individuação. Se a abordagem de Jung privilegia formações do Imaginário, a concepção freudiana deposita toda a sua aposta no Simbólico – palavra e discurso como símbolos por excelência.

Traçar o paralelo proposto seria uma tarefa gigantesca, pois, para se chegar a compreender a obra de cada um deles, em particular, já se exige um enorme investimento intelectual e pessoal. Lembremo-nos que, em defesa de Freud, Jung afirmou: "Infelizmente, acontece, muitas vezes, que pessoas que nunca leram a literatura psicanalítica se presumam capazes de julgar a psicanálise. Estou absolutamente convencido de que ninguém pode formar um juízo neste campo se não tiver estudado os escritos básicos da escola psicanalítica"[13]. Freud vai mais longe ao declarar exigível que o candidato à compreensão se submeta, ele próprio, ao procedimento analítico. É razoável supor a mesma exigência para quem deseje compreender – e falar com propriedade – da Psicologia Analítica.

Entretanto, se considerarmos que o que está em jogo são práticas a que recorre uma legião de sofredores, a questão não pode ser minimizada, muito menos desqualificada, e permanece válida a recomendação do psiquiatra Eugen Bleuler, diretor do hospital em que Jung realizava a sua prática, no começo do século XX, para quem "a única forma de fazer progresso era verificar tudo, evitar conclusões prematuras e se manter em contato com os colegas para a comparação dos resultados"[14].

"PARA SABER, COM HONESTIDADE INTELECTUAL, SE AS DUAS CONSTRUÇÕES TEÓRICAS PRODUZIDAS POR FREUD E JUNG FALAM DO MESMO REAL, SERIA INDISPENSÁVEL EXAMINAR OS CONCEITOS FUNDAMENTAIS DAS PRÁTICAS TERAPÊUTICAS QUE AMBOS FUNDARAM – E SEUS RESULTADOS."

Cabe aos analistas a tarefa que Bleuler assim lhes assinala.

**Vera Lúcia de Oliveira e Silva (PR).**


*Referências:*

*1 - KERR, John. Um Método Muito Perigoso - Jung, Freud e Sabina Spielrein: a História Ignorada dos Primeiros Anos da Psicanálise. Rio de Janeiro : Imago Editora Ltda., 1997, p. 56*

*2 - JUNG, C. G. A Divergência entre Freud e Jung. IN JUNG, C.G. Obras completas: Volume IV – Freud e a Psicanálise. Petrópolis, Editora Vozes, 1989, p.325*

*3 - LACAN, Jacques. O Seminário - Livro 11 Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise [1964]. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor Ltda, 1988, p. 49*

*4 - Id. A Ciência e a Verdade [1965]. In Escritos. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor Ltda. 1998, p. 871*

*5 - Id. Ibid., p. 871*

*6 - LIUDVIK, Caio. Um Arcaísmo Moderno In: COSTA PINTO, M. O Livro de Ouro da Psicanálise – o Pensamento de Freud, Jung, Melaine Klein, Lacan, Winnicott e Outros. Rio de Janeiro, Ediouro, 2007, p. 194*

*7 - BYINGTON, C. A. B. Transcendência e Totalidade In COSTA PINTO, M. O Livro de Ouro da Psicanálise – o Pensamento de Freud, Jung, Melaine Klein, Lacan, Winnicott e Outros. Rio de Janeiro, Ediouro, 2007, p.154*

*8 - Id. Ibid., p.154*

*9 - KERR, John. Um Método Muito Perigoso - Jung, Freud e Sabina Spielrein: a História Ignorada dos Primeiros Anos da Psicanálise. Rio de Janeiro : Imago Editora Ltda., 1997, p. 52*

*10 - Id. Ibid., p. 53*

*11 - FREUD, Sigmund. O Futuro de Uma Ilusão (1927) In: Obras Completas, Volume III. Madrid, España : Editorial Biblioteca Nueva, 1981, p. 2967*

*12 - JUNG, C. G. A Divergência entre Freud e Jung. IN JUNG, C.G. Obras completas: Volume IV – Freud e a Psicanálise. Petrópolis, Editora Vozes, 1989, p.326*

*13 - Id. Ibid. p.235*

*14 - KERR, John. Um Método Muito Perigoso - Jung, Freud e Sabina Spielrein: a História Ignorada dos Primeiros Anos da Psicanálise. Rio de Janeiro : Imago Editora Ltda., 1997, p. 45*


## PROVOCAÇÕES

*"Amar não significa olhar um para o outro, e sim olhar na mesma direção."*

***Saint-Exupéry.***

# Sabor da vida

**"No estudo da verdade, o principal não é encontrá-la, mas investigá-la."**

**MAX NORDAU – PREFÁCIO DE PARADOXOS**

O que dá sabor à vida, tornando-a encantadora, não é como pensa, infelizmente, a maioria, essa constante repetição das coisas cotidianas, como frequentar cinemas, reuniões sociais padronizadas ou os passeios de automóvel, aos domingos, com a família inteira, pelos quarteirões residenciais da cidade.

É bem verdade que esses hábitos estão de tal maneira arraigados no espírito do povo que é muito difícil, para quase todos, abandoná-los. São atitudes, derivadas de várias causas, conservadas quase religiosamente. Faltar a elas é ser antissocial, esquisito, esnobe!

Interessante é observar a conduta dessa gente! Tudo é feito de modo ou menos automático, assim como se o espírito não fosse passível de vibrações, de mudanças e desníveis, de surtos de esperança e de desânimo, de riso e de seriedade. Os sorrisos parecem mecânicos, a alegria não é espontânea, os gestos são estudados, e até as próprias manifestações de condolência resumem-se num ar de irremissível indiferença. Verdadeiramente comparável, tudo isso, a um teatro de fantoches, analogia hoje impossível por ser assunto já esgotado pela arte de todos os tempos.

"OS ESCRITORES QUE EU CONSIDERO MAIS SIMPÁTICOS SÃO AQUELES QUE ACONSELHAM A OLHAR A VIDA COM ÓCULOS COR DE ROSA."

Viver bem, no mundo de hoje – e sempre deve ter sido assim – é adaptar-se, da melhor maneira, ao ambiente; é contribuir, com o corpo bem vestido e alma anestesiada, para o grande elenco da Sociedade.

Ridículo? Não nos atrevamos a comentar essa faceta, que vários filósofos e artistas, de todas as épocas, já fizeram ressaltar.

Como quer que seja, a um observador ligeiramente arguto, não pode passar despercebida essa procissão de coisas que tão bem caracterizam – e caracterizam sempre – a humanidade. Porque, apesar da diferença das culturas, e da decantada influência do meio, o fenômeno é sempre constatável, advindo daí que o celebrizado *homo sapiens* ainda se acha muito distante daqueles padrões ideais de justiça, de sincera solidariedade, retidão que ele mesmo construiu através de uma infinita série de filosofias, mais ou menos profundas, que por este mundo rolam, incrementando os sábios e confundindo os povos.

Ora, afinal de contas é preciso viver e, de certo modo, adaptar-se. Daí os constantes choques entre a atitude social que vemos exercitada e os pontos de vista que firmamos contrariamente a ela; sem contar o sem número de dúvidas, alvibradas em teses, antíteses e sínteses que decorrem, necessariamente, do problema, e vão contribuindo, aos poucos, mas de modo inexorável, para a nossa experiência de vida e, também, para o embranquecimento dos nossos cabelos.

Os escritores que eu considero mais simpáticos são aqueles que aconselham a olhar a vida com óculos cor de rosa. As grandes preocupações acerca de minúcias dizem a tentativa de espiolhar os mais recônditos meandros, das pessoas e das coisas, e o intuito da análise profunda, não são tarefas para quem deseja viver bem. E menos ainda quando, vasculhando todos os labirintos, se deseja dar um remédio definitivo para as dores do mundo.

Uma série de brocardos confirma esses arcabouços de filosofia que não deixam, a meu ver, de ter contato mais ou menos íntimo com o hedonismo. Assim, corre por aí que "o homem faz e Deus desfaz" etc. E há mesmo algumas religiões que desaconselham a interferência

humana nos altos mistérios da criação!

"O homem vai e o mundo fica", grita outro provérbio antiguíssimo.

Mas, se essas orientações agradam, não convence. Ou melhor, não cobrem todos os buracos que a pua das minhas dúvidas abrem, dolorosamente, no meu espírito.

É bem verdade que certos autores, dos mais consagrados, se aprofundaram, magistralmente, nos problemas gerais da Humanidade, pondo a ridículo certos costumes, certas atitudes que as pessoas seguem de olhos fechados, pois assim é a lei do mínimo esforço; deve dizer-se, porém, que não ousaram aconselhar remédio algum para tal estado de coisas. Os exemplos mais frisantes de que me recordo no momento são o *D. Quixote*, de Cervantes, e o *Elogio da loucura*, do celebérrimo Erasmo de Roterdã.

Falo em tudo isso para concluir, afinal, que nem me conformo com certas vidas plenas de banalidade, nem faço algo, de sentido geral, para remediá-las. Apenas aborreço-me. E sinto que, ao me aborrecer, contamino os que comigo convivem.

Para sair desse círculo vicioso, agarro-me, fanaticamente, às coisas belas; porque, como compensação, o mundo nos oferece coisas belas.

O fator principal que qualifica essa beleza é de ordem egoística, embora isso pareça, a alguns, impossível. Bem analisado o assunto, é que nos alçamos às regiões que os banais não podem alcançar. Diante de um espetáculo soberbo da natureza, ou numa conversa íntima sobre temas do nosso deleite, estamos a sós, paradoxalmente sozinhos.

Onde a obrigação moral da solidariedade? Para onde fugiram aquelas lições, companheiras da nossa infância, arrimo da nossa mocidade que, pela voz dos pais e professores, na letra dos livros, no som dos hinos patrióticos, se elevaram, grandiosamente, em nosso espírito? Onde aquilo que sentimos ser, ainda agora, verdadeira expressão da nossa tendência mais espontânea?

O contato conosco, de nós para nós mesmos, facultado pela beleza, faz-nos liberais e solidários. Desafogados, livres, misteriosamente eufóricos, abrimos os braços fraternalmente, e mais do que isso, as pesadas comportas do coração.

Desavisados, contentes com tudo e todos, eis que manifestamos uma liberdade ampla, um fluir das boas emoções há tanto tempo sofreadas. Sentimos, então, a nossa alma transbordar em bondades exaltadas, haurindo, em largos haustos de esperança, as aragens tão ansiosamente prometidas pela intuição de um porto definitivo para as agruras que tanto magoam.

"BEM ASSIM A ALMA, QUE SE VÊ DESAMPARADA E TÍMIDA, SE ENCOLHE E DOBRA, ASSOBERBADA NUM ENTRECHOQUE DE ÂNSIAS."

É quando, num quase êxtase, favorecidos por uma inspiração sem peias, aproximamo-nos, milagrosamente, da Perfeição. Momento sublime que, bem como o raio nas florestas grandes, exalta e confunde, ilumina e atordoa para perder-se depois nos confins insuspeitos.

Bem assim a alma, que se vê desamparada e tímida, se encolhe e dobra, assoberbada num entrechoque de ânsias.

Os choques, então, voltam a suceder-se. É que nos falta força para superação. Mansamente, em silenciosas filas, voltam-nos, uma a uma, as dúvidas e incompreensões, causando uma insustentável agonia, que se faz maior por não ser passível de solução fácil.

Não queremos uma crença, pois já analisamos todas,. E nenhuma, sinceramente, nos comoveu o coração. E, todavia, ansiamos por ela, cada vez mais, convencidos de que só a fé, como pregou o Nazareno, remove montanhas. Somente a fé, que advinhamos mansa e não fanática, definitiva e não passageira, poderia dar-nos a verdadeira Paz de que falam os livros santos e praticam as almas definitivamente puras.

Assim, vamos sofrendo os embates da vida, a rolar como os seixos da praia ao sabor das ondas. Comparação que é certa, apesar de constituir um lugar-comum de que os românticos usaram e que todos os seus antagonistas continuam a abusar.

**Nelson Luz (PR).**

1915-1977

# A Medicina e as redes sociais

**Definitivamente vivemos na era da informação,** em que a propagação de notícias é rápida e impactante. Uma pesquisa realizada pela *Global Entertaiment and Media Outlook* revela que, em 2012, a web terá mais publicidade do que os jornais de todo o planeta. O levantamento, feito pela consultoria PricewaterhouseCoopers (PwC), coloca o Brasil e a China na posição de futuros protagonistas da expansão da mídia e do entretenimento mundiais.

Na sociedade, sempre existiram redes sociais, mas o uso da internet potencializou este tipo de reunião de pessoas graças às ferramentas que permitem seu gerenciamento virtual. Por meio de posts em forma de texto ou imagem, e comentários ou frases de até 140 caracteres, milhões de pessoas se interligam através de acontecimentos e atitudes.

Depois que o site de buscas Google foi promovido a doutor e houve crescente proliferação das redes sociais na internet, o interesse dos médicos pela web também aumentou. Tanto que, em Portugal, uma empresa criou recentemente a primeira rede social dirigida para este público. Através da *MyBubble*, os profissionais podem acessar conteúdos e serviços exclusivos e personalizados, e também interagir entre si. No entanto, a maior parte dos médicos ainda possui perfis em redes sociais abertas e suas informações pessoais são compartilhadas em tempo real com aqueles que estão interconectados com eles por um ou mais fatores.

É aí que entra a responsabilidade pelo que é postado. Estudos informais demonstram que os brasileiros são muito afeitos às novas tecnologias e que boa parte do fluxo de informações divulgado na internet é pessoal, de caráter voltado ao lazer e ao entretenimento, e que cada vez mais a web influencia a rotina dos cidadãos, potencializando ações e convencionando atitudes. Essa despretensão com que se compartilha o que cada um encontra de mais tocante nas redes e considera válido de ser dividido, como um *stand up comedy* famoso ou um movimento político e social, é a mágica e o segredo dos canais sociais.

Especialistas em comunicação relatam que a internet é a plataforma perfeita para criar, alimentar e sustentar uma crise e que as redes sociais criam um efeito de "jogar no ventilador", fazendo com que as chances de que uma crise se propague aumentem substancialmente. Por isso, os médicos devem planejar a divulgação de informações nas redes sociais, preocupando-se com o formato e com a coerência do conteúdo, e realizar um monitoramento frequentemente dos comentários para que, o que parece uma simples reclamação, não se transforme em uma crise.

*#ficaadica*

**Priscila P. Jorge Naufel (PR).**

# Tons e sons

A entonação e o timbre de voz são determinantes para nossa compreensão.

A mãe que consola, o professor que provoca, o médico que diagnostica nossos males, 150 maneiras diferentes de dizer eu te amo.

Preste atenção no sino da igreja convidando para a missa, no assobio despreocupado, no gato que ronrona, na chuva batendo na vidraça...

Apenas ouça.

Cante no chuveiro, aprecie Bach sem moderação, odeie Beethoven anunciando a chegada do caminhão de gás.

Sustenidos podem abraçar, bemóis podem ferir. Tudo depende do agrupamento das mínimas, semínimas e colcheias.

Em qualquer ocasião, deixe a música continuar!

Exercite o seu olhar, eduque o seu ouvido, desenvolva os seus sentidos, e, o que é muito importante: não perca o bom humor. Sorria com os olhos.

O par de sapatos masculinos em destaque na vitrine é de cor verde. – "Que horrível!!!"

– Espere um momento, está exposto na loja de Salvatore Ferragamo, em Milão!!! – "Ah, que lindo!"

A música da natureza para o compositor é nuance de cor na paisagem do artista.

Enquanto o barítono cantarola músicas ao vento, o escultor eterniza o movimento.

Chame o poeta para contar a história e o artista para dar cor.

Enquanto o médico avalia sintomas no sorriso da Gioconda, o aprendiz de artista admira a técnica do esfumato.

O teatro está preparado. Os músicos afinam os instrumentos, partituras estudadas com atenção. É o momento do maestro.

Na plateia, ouvintes pacientes, médicos que tocam piano, arquitetos que escrevem poesias, escritores que leem partituras...

**Deisi Casarin (SC).**

## AQUARELAR

*A Aquarela é uma arte delicada e transparente onde a tinta é diluída em água. Exige considerável rapidez e espontaneidade no uso dos pincéis, e o branco do papel proporciona efeitos de frescor e luminosidade.*

*Além da técnica, a aquarela é uma livre expressão onde o que se vê pode ser interpretado com flexibilidade. É uma possibilidade de reordenar a realidade selecionando o que é importante e descartando os elementos acessórios. Tecnicamente denomina-se "visão seletiva".*

*Uma boa aquarela, aparentemente complexa, possui uma estrutura simples. Seu fascínio consiste na imprevisibilidade do resultado final, passando por caminhos de tensão e excitamento. É a completa tradução de leveza em trabalhos de considerável rapidez.*

***Deisi Casarin (SC).***

# Sobre saudades

**Ao contrário de nostalgia que é uma falta do-**lorosa, saudade é uma ausência suave, uma privação serena, um desejo triste mas calmo de rever o que é querido. Ou de pensar no que ficou para trás. Dizem que a palavra é muito portuguesa e que teria sido inventada pelos mesmos. Não sei se verdadeiro, ou se outros idiomas carecem da palavra, só sei que muita coisa linda já foi escrita à respeito, e que damos amostras ao nossos leitores que estejam rebenqueados de saudades, uma expressão sulina da pessoa que se ressente da falta de alguém ou de algo querido, e que indiferentemente é usada tanto no singular quanto no plural.

Joaquim Nabuco dizia que entre todos os vocábulos não deve haver nenhum tão comovente quanto a palavra portuguesa saudade. Ela traduz a lástima da ausência, a tristeza das separações, toda a escala de privação de entes e objetos amados. E bem que poderia *Saudades*!!! em Carlos Drummond de Andrade:

"Por muito tempo achei que ausência é falta.
E lastimava, ignorante a falta
Hoje não lastimo.
Não há falta na ausência.
A ausência é estar em mim.
E sinto-a, branca, tão pegada,
aconchegada nos meus braços,
Que rio e danço e invento exclamações alegres,
Porque a ausência assimilada,
Ninguém rouba de mim."

E que tal o Casimiro de Abreu de:

"Oh! Que saudades eu tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!"

Quem teve uma infância feliz no interior deste país não tem como esquecer estes versos. E há também a síntese memorável de Guimarães Rosa: "Saudade é ser, depois de ter". Coisa de gênio. Enfim, saudades só tem quem vive. A não ser que viva aquela claridade de um rosto de mulher da poesia de Cecília Meireles:

"claro rosto inexplicável,
límpido rosto de outrora,
quase de água, só de areia,
dolorido e sorridente,
livre de amor e de sono..."

# Saindo do sacrifício

**Muitas de minhas pacientes, principalmente** mulheres, durante suas vidas tiveram que transitoriamente habitar uma unidade de cuidados intensivos. Sou de um tempo que inexistiam, e quando começaram não haviam boxes, sendo a separação dos pacientes fundamentalmente por cortinas. A privacidade não era levada em conta, principalmente numa fase da vida – a maioria na terceira idade – em que a pudicícia aumenta. Afinal ninguém gosta de mostrar a decadência corporal. Alguns chamavam as UTIs de inferno, e chegavam ao limite de me levar cópias de natureza oficial dando-me o direito, supostamente válido, de não mais colocá-las nesse setor hospitalar.

As UTIs mudaram muito, ficaram mais humanizadas, há boxes, e a pudicícia mais levada em linha de conta.

Coube-me o destino de adentrar uma dessas unidades como paciente. Como paciente privilegiado, não só por ser médico, mas porque a maioria dos chefes de plantão tinham sido meus ex-alunos e não escondiam o zelo e o carinho por mim. Apesar disso, vale o registro de certa comicidade e reflexão.

"UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA É UM LOCAL QUE FERE A DEMOGRAFIA HUMANA. NÃO HÁ TERRITÓRIO COM MAIS GENTE POR METRO QUADRADO. ENTÃO AS PESSOAS DEVIAM FALAR BEM BAIXINHO, A SOTO-VOCE. QUAL NADA."

Fiquei num boxe em frente à farmácia e "set" dos médicos, ambos conjugados. A cortina do boxe naturalmente aberta. Assim tem que ser para melhor vigilância. Só é fechada para higiene e certos procedimentos. E a todo momento, não é força de expressão, alguém chegava e requeria ao dispenseiro, que tinha um nome, ou pelo menos assim era chamado, diminutivo. Por motivo ético chamá-lo-ei de Sr. Diminutivo. Três fraldas grandes, Diminutivo! Meus caros, depois de um dia inteiro ouvindo os mesmos pedidos, ou quase, você não só reconhece a rotina das prescrições como não aguenta mais ouvir as mesmas coisas. É feito aquele cuidador de demenciado que depois de ouvir cem vezes no mesmo dia, a mesma pergunta, tem uma irritabilidade que dá vontade de jogar o paciente junto com água do banho. Por isso, o cuidador é especial e tem que entender o processo, o motivo clínico das reiterações, para amenizar ou destruir seu processo irritativo, e também por isso, os pacientes têm que ser medicados para que não suscitem animosidades. De vez em quando, o Diminutivo sumia. Afinal, devia ter lá suas necessidades. Era um corre-corre, pois nessas unidades tudo é urgente, pra já. Cadê o Diminutivo? Onde foi o Diminutivo? Vai chamar o Diminutivo! O Diminutivo ficou tão presente em minha vida que a sensação era de onipresença, o cara não devia dormir, ter lazer ou qualquer outra necessidade humana, a não ser trabalhar.

E já que falamos de diminutivos, e isso já foi assinalado pelo Drauzio Varella no seu livro *O Médico Doente,* a não ser na poesia e nas letras de música do Vinicius de Moraes, o diminutivo é altamente infantilizante. "– Doutor, só uma picadinha! – Doutor, só uma dorzinha!" Um eufemismo que nada atenua, porque você sabe que vai ser uma picada, mesmo. Ou então essa: o enfermeiro ou técnico ao trocar minha fralda e verificá-la limpa, dá duas batidinhas em minha bunda e diz: "– Menino bonzinho, de fralda limpinha!" Logo eu, um sexagenário sendo avaliado por bom comportamento como se pudesse controlar meu sistema nervoso autônomo. Há algo mais infantilizante?

Unidade de terapia intensiva é um local que fere a demografia humana. Não há território com mais gente por metro quadrado. Então as pessoas deviam falar bem baixinho, a *soto-voce*. Qual nada. A sensação é que todo mundo precisa ser bem ouvido. Então você passa a conhecer toda a fauna existente. Exemplo: no boxe o meu lado esquerdo tinha um Sr. Antônio. Assim era tratado.

Nunca o vi mais magro. Mas conheço bem suas doenças e alguns eventos pessoais, graças à inconfidencialidade do setor. Depois de já saído do hospital, um amigo que dá assistência espiritual aos pacientes, me falou que iria visitar o Sr. Antônio. Era o próprio. Ah, como esse mundo é pequeno e querem enchê-lo cada vez mais!

Numa UTI tem sempre médico, enfermagem e técnicos. Altamente competentes, são o setor mais competente de um hospital. Pois tudo é intensivo. Inclusive suas habilidades. Isso é bom, mas, há sempre um mas, gera uma onipotência semelhante à de muitos colegas que conhecemos. Então, vou avisando, não delire, se puder. Delirou, acabou sua credibilidade. Era um antes do delírio, outro depois de delirar. Fiz coisas poucas: arranquei uma sonda nasoenteral, tentei extrair uma via venosa, delitos menores. Acabou aí minha credibilidade, afinal era o que delirava, mesmo voltasse à lucidez. Certa vez pedi para falar com meu médico. Pedido negado, estaria suficientemente lúcido para um diálogo com alguém externo? Aliás, é interessante: numa UTI todos são alienígenas a não ser seus próprios habitantes; até os médicos não pertencentes ao *staff* intensivo têm pouca influência. Lá pelo terceiro dia descobri que havia um relógio no boxe, marcava 6 horas. Chamei alguém e pedi para que me dessem naquela noite um remédio para dormir, pois até então insone. Claro que não fui levado a sério. Eram seis da manhã, e não da tarde. Como pode ser levado a sério alguém que não sabe a que horas anda?

E há umas figuras diferentes. Não sei se enfermeiro ou técnico, devia ser técnico, havia alguém com talento vocal. Para si, claro. E cantava o homem, mal naturalmente, e só músicas que não gosto. Parecia de propósito. Além de cantante era palrador. Meu Deus, como falava! E para esse tipo personagem não há solução. Não há remédio para quem se atribui talentos inexistentes.

Bem, depois de supostamente lúcido, ponderei que deveria fazer algumas reclamações. Talvez durante a meia hora matinal ou vespertina de visitação. Mas como os familiares lidariam com isso. Seriam convenientes, ou piorariam a situação. Pois todos os dados clínicos estavam normais, e isso é essencial numa unidade de cuidados intensivos. Reclamar do quê? Do vozerio, da luz intensa, do não ser levado a sério, quem manda ter falado tantas bobagens? Ponderei que seria melhor ficar quieto, pelo menos não haveriam represálias. Numa UTI é fácil ficar conspirativo.

"HÁ ALGO NUMA UTI QUE É SAGRADO. DESDE QUE VOCÊ POSSA TER INGESTA HÍDRICA, POR MAIS QUE DELIRE, JAMAIS TERÁ UM PEDIDO DE ÁGUA NEGADO. POR FAVOR, ÁGUA FRESCA. E LÁ VEM A BOA ALMA COM UMA ÁGUA FRESQUINHA. QUE COISA BOA, O MELHOR DE UMA UTI, CERTAMENTE!"

Todos nós, quando guris, brincamos às vezes de lutar. E quando alguém pedia água era o sinal da derrota. Deixava imediatamente de apanhar e sofrer. Como num ringue de Vale-Tudo quando um oponente bate com a mão na lona ou pede água. Pois bem, há algo numa UTI que é sagrado. Desde que você possa ter ingesta hídrica, por mais que delire, jamais terá um pedido de água negado. Por favor, água fresca. E lá vem a boa alma com uma água fresquinha. Que coisa boa, o melhor de uma UTI, certamente!

Minha saga por meu inferno particular é cheia de pormenores. Mas devo ficar por aqui para não aborrecer o leitor. O resto são flores. Aos médicos que me cuidaram, à enfermagem sempre atenta, e ao hospital que me deu imerecido tratamento de superstar. A todos agradeço por um pouco mais de vida. E como é boa, principalmente com saúde. Apesar de todos os regalos dos médicos e do hospital, melhor não repetir a experiência, e não ter histórias para contar.

## PALAVRAS DE MESTRE III

*"Só eu próprio uma questão colocada ao mundo, e devo fornecer minha resposta; caso contrário, estarei reduzido à resposta que o mundo me der."*

***Carl Jung (1875 – 1961).***

# Memes

Durante radioterapia deverá haver acompanhamento da contagem de linfócitos. A síndrome aguda da irradiação é acompanhada de linfocitopenia acentuada.

Linfocitopenia transitória ocorre mesmo com doses baixas de glicocorticoides.

Linfocitose acentuada absoluta e relativa é característica de coqueluche.

A clínica do sangramento trombocitopênico ocorre: 1) com petéquias, manchas purpúricas ou equimoses confluentes; 2) grandes hematomas submucosos orais.

A biópsia pleural com agulha é útil em derrame exsudativo não diagnosticado, especialmente se há predomínio linfocítico (tuberculose, carcinoma, linfoma), devendo o material ser submetido a exame histopatológico e investigação bacteriológica.

O Timoma é anterior no tórax e maligno em metade dos casos. Pode se associar a: miastenia grave; aplasia de células vermelhas; síndrome de Cushing; dermatomiosite ou agamaglobulinemia (síndrome de Good).

O cisto pericárdico é assintomático, mais comum no ângulo cardiofrênico direito, de contorno liso e com mudança de forma conforme a posição; pode apresentar pulsação.

A fibrose retroperitoneal geralmente envolve o ureter em seu terço inferior.

A obstrução aguda de um ureter por cálculo pode causar anúria transitória (reflexa) no lado oposto.

O mieloma múltiplo é responsável por cerca de 70% dos testes verdadeiro-positivos de proteinúria de Bence-Jones. Outras causas: doenças difusas no tecido conjuntivo, linfomas, leucemias, ins. renal crônica e carcinoma metastático.

A impotência pode ser a primeira manifestação da neuropatia diabética.

A gripe pode ser seguida de hiposmia ou anosmia permanente.

Pode haver por mecanismo autoimune insuficiência primária e concomitante de tireoide e adrenal. Recebe o nome de síndrome de Schmidt.

Acentuada diminuição da VHS pode ocorrer em policitemia vera, anemia falciforme e síndrome de hiperviscosidade. Já o acentuado aumento no idoso pode significar vasculite de células gigantes ou polimialgia reumática.

A artrite tuberculosa, geralmente na forma de monoartrite crônica, tem na biópsia sinovial o exame mais importante com 90% de rendimento diagnóstico, por histopatologia ou cultura.

Na monoartrite aguda com dor acentuada pense em artrite séptica, gotosa ou pseudogotosa (pirofosfato).

Na granulomatose de Wegener os nódulos pulmonares geralmente são múltiplos, de tamanho variável e com frequência escavados. Procure envolvimento dos seios da face e rins.

Lembre-se: podagra não é exclusividade da gota, embora sua causa mais importante. Pode ocorrer com trauma, sarcoidose, pseudogota (pirofosfato) e na artrite psoriásica.

Não esqueça que o tromboembolismo venoso é a apresentação mais comum da síndrome do anticorpo antifosfolipídio.

A causa hereditária mais importante de hipercoagulabilidade é a mutação do fator V de Leiden.

Úlceras gastrointestinais recurrentes, múltiplas, e também de localização jejunal associadas a diarreia sugerem o diagnóstico de síndrome de Zollinger-Ellison.

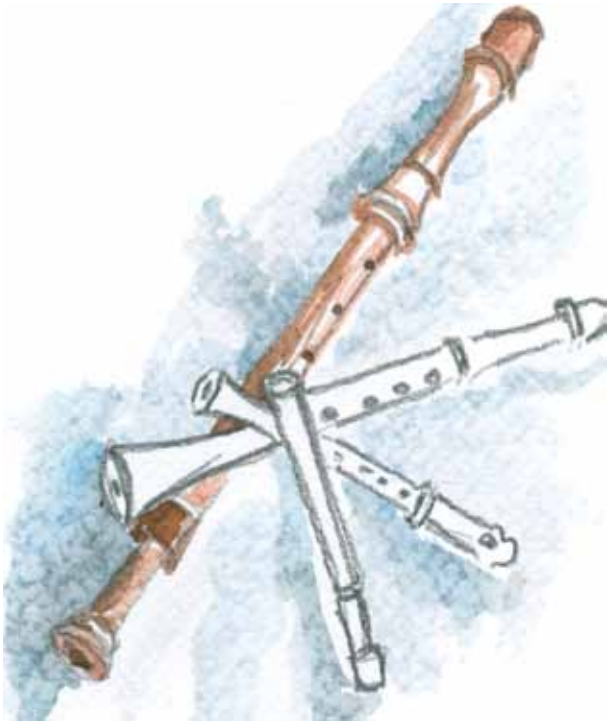
## WIKONOMIA

*Cinco princípios centrais da nova economia:*

- *Colaboração*
- *Abertura*
- *Compartilhamento da propriedade intelectual*
- *Interdependência*
- *Integridade*

*Tudo isso com a intermediação da Internet.*
***Don Tapscott.***

# Pílulas de sabedoria



**Aforismos, máximas, sentenças morais e que-**jandos são pílulas de sabedoria. Em sua síntese são comprimidos literários que podem valer por um livro. Engano-me, há livros que não valem um aforismo. Nesta edição o **IÁTRICO** dedica um espaço a uma das mais legítimas manifestações da cultura que ajudam a perpetuar a memória de um povo e, às vezes, a essência da ciência. Ou seja, o espírito da mais fina sabedoria. E tudo com o mundo encantatório das palavras. Talvez quem melhor tenha dado relevância às palavras em nosso meio, em uma síntese poética, tenha sido Murilo Mendes quando poetou: "A palavra nasce-me/ fere-me/ mata-me/ coisa-me/ ressuscita-me". A maior densidade de pensamento no mínimo de palavras.

• "A ciência consiste em saber; em pensar que se sabe reside a ignorância."

**Hipócrates.**

• "Tento dizer em duas frases o que um escritor diz num livro – e outro não diz num livro."

**Nietzche.**

• "O que pode ser afirmado sem provas pode ser rejeitado sem provas."

**C. Hitchens.**

• "O aforismo jamais coincide com a verdade; ou é meia verdade ou verdade e meia."

**Karl Kraus.**

• "O que me vem dos outros não é nunca ensinamento; é só provocação."

**R. W. Emerson.**

• "A vida é como tocar um solo de violino em público e aprender a manejar o instrumento enquanto se toca."

**Samuel Butter.**

• "A autossuficiência é a maior de todas as riquezas."

**Epicuro.**

• "Simplesmente aperfeiçoe a si mesmo; é a única coisa que você pode fazer para melhorar o mundo."

**Wittgenstein.**

• "O culto de si mesmo é estiolante; mas ser avesso a elogios é querer louvor dobrado."

**Emanuel Sá.**

• "O caminho da verdade começa por duvidar dos outros e principalmente de si mesmo."

**Freud.**

Como vedes os aforismos costumam ser céticos, um antídoto aos otimistas manuais de autoajuda. O avesso da chamada literatura inspiradora, sempre otimista. Qual a vantagem? É que são estímulos à ação, e por isso podem mudar uma vida. São como a visão hipocrática da filosofia. Hipócrates considerava os filósofos "médicos psicológicos", já que a vida não é nada fácil. Seguindo essa linha, leitor amigo, eis o que Epicuro pensava a respeito:

"Vã é a palavra de um filósofo, pela qual nenhum sofrimento mortal é curado. Assim como a medicina não confere nenhum benefício se não remover a doença do corpo, assim é inútil a filosofia se não remover o sofrimento da mente".

Pena que nem sempre a remoção seja possível, embora seja esse o objetivo de toda ciência que se preza. Já a vida não é ciência é arte, incerta como um vendaval. Para dar cor a essas incertezas nada como ler o poeta português José Régio, amigo de Fernando Pessoa, e também muito talentoso:

"Que ninguém me dê piedosas intenções, não me peça definições/ Ninguém me diga: Vem por aqui/ Minha vida é um vendaval que se soltou, é uma onda que se levantou, é um átomo a mais que se animou/ Não sei por onde vou/ Não sei para onde vou/ Sei que não vou por aí".

Como diria o amigo de Régio, Fernando Pessoa, eu não tenho filosofia, tenho sentidos...

# Otimismo cauteloso

**"A vida é curta, a prática difícil, a oportunidade fugaz, a experiência enganosa,o julgamento difícil."**
**HIPÓCRATES**

Até que enfim, os bons números da saúde no Brasil. E se lermos as entrelinhas? Uma série de artigos publicados pela revista *Lancet*, uma das três mais renomadas revistas médicas do mundo, aborda os números da saúde no Brasil, e sua evolução depois da Constituição de 1988, após o período militar. O material mostra dados verdadeiramente positivos e tem ar otimista. Mas será que está tudo bem mesmo?

Os dados podem aguçar o interesse dos fundos de investimento a aplicar na área de saúde no País, já que, coincidentemente, acaba de ocorrer uma mudança na legislação nacional, aprovando a participação acionária de estrangeiros, em até 50%, nos serviços de saúde. Para um local, que comumente fica na fila do pronto-socorro e não tem remédio para se tratar, nem tudo está tão positivo assim.

É errado dizer, por exemplo, que o direito à saúde para todos só passou a existir depois da Constituição de 1988. Antes disso já existiam programas nacionais, na cidade e no campo, de saúde pública e gratuita. Muitos dos hospitais públicos já existiam e a taxa de crescimento de leitos públicos em relação ao crescimento populacional agora é menor. O que ocorre é um deslocamento do atendimento do serviço público para o sistema suplementar de saúde, que é privado, desafoga o sistema público para os atendimentos, mas não melhora a qualidade do serviço médico. Não existe, por exemplo, nenhum hospital de convênio médico melhor do que o Hospital das Clínicas, da FMUSP, do que o Hospital São Paulo, da Unifesp, ou do que a Santa Casa de Misericórdia paulistana. O serviço privado não melhorou a qualidade do atendimento médico, apenas o desafogou de tanta demanda.

Outro importante assunto nunca tocado é a corrupção no sistema de saúde, que provoca desperdício de dinheiro e de vidas. Esse tema é crucial para mostrar se realmente existiu uma mudança para melhor. Os números mostram que a saúde pública não gasta mais, pro-

porcionalmente, do que há 20 anos. Quem banca tudo é o sistema privado, com as empresa ou as pessoas pagando por sua própria assistência. É o contrário do que está na Constituição, e do clamado pela série de estudos publicados, que a saúde é um dever do Estado.

Hoje as pessoas gastam cada vez mais com seguros ou planos de saúde e o sistema Judiciário tem cada vez mais ações para julgar, principalmente quando o problema médico é custoso, O problema ainda é dinheiro e nem passa pelo apreço à vida humana. Existe sim uma guerra: de um lado os convênios particulares e o governo querem gastar cada vez menos; e do outro a Medicina que fica cada vez mais cara.

No meio disso tudo estão os médicos e pacientes. Os primeiros ganham uma vergonhosa gorjeta pelo atendimento no sistema privado, e menos que uma esmola no setor público  daí a paralisação desses no mês de abril contra os convênios. Quanto aos segundos, um dia têm a medicação ou tratamento cobertos pelo mix público-privado (termo cunhado pelo grupo de estudo) e no outro dia isso não ocorre, colocando a oportunidade de cura em risco.

Existem apagões na saúde, sim, desperdício e corrupção. Os ganhos na área são evidentes e merecem menção, principalmente porque melhoraram a vida das mulheres e das crianças. Mas as vitórias foram muito mais sanitaristas do que pelo atendimento médico-hospitalar.

Por isso, mais do que se orgulhar dos dados apresentados, todos nós, empresários, profissionais de saúde e do governo, precisamos nos responsabilizar pelo silêncio que praticamos em relação à corrupção e ao desperdício e, sem falsas ilusões, enxergar que ainda somos um País muito desigual, e que nem Carlos Chagas ou Oswaldo Cruz estariam satisfeitos com esses números. Existe muito mais a ser feito.

**Dr. Rogério Tuma (SP).**

*Publicado originalmente em Carta Capital*

"EXISTE SIM UMA GUERRA: DE UM LADO OS CONVÊNIOS PARTICULARES E O GOVERNO QUEREM GASTAR CADA VEZ MENOS; E DO OUTRO A MEDICINA QUE FICA CADA VEZ MAIS CARA."

"MELHORA DOS INDICADORES DE SAÚDE NO BRASIL MASCARA OS PROBLEMAS DO ATENDIMENTO MÉDICO E HOSPITALAR."

# látricas

## PREFERÊNCIAS

*Prezada Dolores,*

Ter convicção de suas preferências é um sinal de maturidade e da memória intensamente vivida. Não nego nunca meus favoritos. E como escreves gosto muito de música. Daí a escolher apenas uma canção, aquela que gostaria de ter escrito, caso compositor, ou gravado, caso cantor, é uma proposta meio indecente, pois sinto deixar de fora centenas de melodias que amo. É como se estivesse traindo meus favoritos, e por personalidade sou múltiplo. Note que mesmo cantores famosos, muitos deles compositores, só se atrevem à gravar um disco com suas preferências quando já caminharam muito pela vida, e assim mesmo são discos com muitas composições. Dou-lhe um exemplo: Neal Diamond, gravou há pouco um CD sensacional, *Dreams*, com as músicas que ama, Só colocou uma composição sua (*I'm A Beliver)*, entre quatorze que ama e gravou. Vou satisfazê-la e dizer a contragosto uma música que gostaria de ter composto e gravado como fizeram muitos: *A Song For You* do Leon Russel, de 1970. A gravaria do jeito que fez Ray Charles, ou seja, um tema de amor sem fazer drama (os Carpenters gravaram primeiro), o que não é nada fácil. Pronto, atendi seu desejo, e traí minhas preferências. E são tantas... Pela escolha deve ter notado, sou um simples romântico, por mais que não o pareça, e por mais que o Fernando Pessoa achasse isso uma doença. Até.

## DESPRENDIMENTO

*Prezado Roberto,*

Penso que uma certa dose de desprendimento caberia bem em cada um de nós. Não certamente na dose que tinha Diógenes, o filósofo coríntio, um pouco exagerado. Certa vez, Alexandre, o grande conquistador, perguntou-lhe que favor o filósofo queria pedir. Sua resposta foi fulminante e literalmente desassombrada: pediu que o conquistador se colocasse um pouco de lado para que ele pudesse gozar seus raios de sol. Era esse o homem cínico e desprendido que andava de dia com uma lanterna para procurar o homem de bem. Tinha somente uma veste grosseira para o inverno e para o verão, e dormia e morava num tonel. Uma pequena dose desse desprendimento cabe sempre bem, não achas? Felicitações.

## FAZER AMIGOS

*Prezado Leonardo,*

Como se fosse eu um consultor sentimental pedes-me a fórmula de como fazer amigos. Para me esforçar a que não leias o Dale Carnegie com seu título famoso e livro dispensável dou-te a receita dos irmãos Goncourt: "nunca falar de si mesmo aos outros, falar-lhes sempre deles mesmos", essa a essência da arte de agradar. Embora todos saibam disso, sempre se esquecem. Pediste, pois não te esqueças! Um abraço fraterno.

## TEMPO E RUMO

*Prezado Rogério,*

Fazer seu tempo e rumo parece ser a aflição de qualquer jovem médico. Também tive minhas aflições. Isto é, até que ponto daria certo na minha profissão? Acresce o fato que, pelo menos para mim, era tão interessante e absorvente que certamente açambarcaria tudo o mais. Ainda mais que me tornei médico e professor de imediato. Foi nesse precoce estádio que me tomei decisão importante, ou seja, para cada hora de medicina estudada haveria também uma hora para outros estudos. Isso equilibrou a balança. Foi-me muito salutar. Mas, cada um tem que encontrar seu melhor rumo para que faça bem

seu tempo. Pelo que me dizes está tudo sobejo, basta ir em frente. Dúvidas sempre existirão. São nossa matéria-prima para pensar e fazer o momento. Saudações.

## SÓ GOSTO?

*Prezada Rose,*

Claro que as trilhas musicais de nosso "site" refletem meu gosto pessoal. Mas não é tão simples assim. Refletem também uma necessidade estética quanto ao bom gosto, que se discute sim, em compositores, vocalistas e arranjadores. Tal como as palavras de mestres, se conjugam, para formar um tecido uníssono. Servem de pauta para quem não tendo base musical ou nada entendendo de música, possa começar por melodias e letras que vão além do banal, do facilitário, sem deixar de tocar almas simples de carência melódica. Ou, pelo menos, é essa a intenção. Claro que espero que agradem, não a todos, e muito menos aos entendidos, que têm gosto mais exigente e refinado. É uma tentativa de sintonia. Como tantas outras tentativas. Boa audição e obrigado pelo interesse em saber.

## PARAGEM

*Prezado Dori,*

Arruma logo o que fazer. Aposentadoria é apenas breve paragem. De preferência para escolher algo ao próprio feitio. Não te esqueças das palavras de Unamuno na peça *Fedra*: "Tem que se sair de casa para melhor querê-la e apreciá-la; os que se encerram em casa é mais para molestar aos seus e por falta de valor para lutar com os de fora". Não deponhas as armas. Há vários voluntariados que podem nos encher a alma. Ou fazer passar a aposentadoria com gosto e dignidade. Boa paragem.

## GEOLOGIA E POESIA

*Prezado Américo,*

Talvez não tenhas lido mas o **IÁTRICO** já publicou sobre Miguel Torga. Uma urze de pessoa, rijo e resistente como essa planta de sua região. Médico como nós, e não como nós um prosador e poeta monumental. O adjetivo não é à toa, pois sua obra persistirá. Mas se queres ter mais um gostinho desse homem admirável te convido a ler um texto poético que uma querida amiga me enviou sobre ele e escrito em S. Leonardo de Galafura, em 8 de abril de 1977, e sintetiza o milagre de

uma terra que, entre outras coisas, nos dá o vinho do Porto e o Barca Velha:

"O Doiro sublimado. O prodígio de uma paisagem que deixa de o ser a força de se desmedir.

Não é um panorama que os olhos contemplam: é um excesso de natureza.

Socalcos que são passadas de homens titânicos a subir as encostas, volumes, cores, e modulações que nenhum escultor, pintor ou músico podem traduzir, horizontes para além dos limiares plausíveis da visão.

Um universo virginal, como se tivesse acabado de nascer, e já eterno pela harmonia, pela serenidade, pelo silencio que nem o rio se atreve a quebrar, ora a sumir-se furtivo por detrás dos montes, ora pasmado lá no fundo a reflectir o seu próprio assombro."

Um poema geológico. A beleza absoluta.

Esplêndido, não Américo? Você não sabe o orgulho que tenho de ter tido um colega de profissão capaz de nos descrever tal natureza. Ele mesmo um excesso biológico.

Tenho um querido companheiro carioca, Hilton Seda, que escreveu um livro sobre Torga. Num **IÁTRICO** futuro faremos uma resenha. Por enquanto, contente-se com as passadas desses homens titânicos a subir os socalcos para nos dar o prazer do gênio humano. Até.

### VAIDADES

*Prezado Antonio Carlos,*

Não tenho a veleidade de assinar artigos no **IÁTRICO** por que não julgo isso importante. Na verdade, pouca coisa acho verdadeiramente importante. Por isso, não assinar ou usar pseudônimos, devido à carência de contribuintes intelectuais faz parte de meus critérios. Não que não tenha vaidade, que é o que me perguntas, mas penso dever ser a mesma controlada. Afinal, como todos já deveríamos saber, parecer não ter nenhuma vaidade, é a maior das vaidades. Tudo é acaso e transitoriedade, pouca coisa fica, destarte prefiro dar destaque aos que colaboram com seu esforço e gratuidade; sem eles não haveria revista. E são poucos. Um abraço fraterno.

### BABAR NA GRAVATA

*Prezado Anselmo,*

Todos nós temos atos falhos e momentos de insânia. Quem disse que nunca os teve está mentindo, para os outros ou para si próprio. E no âmago da própria ciência os existe. Eu já cri em coisas que, em retrospecto, me pergunto como pude. Mas me conforto com o que Nelson Rodrigues diria: todos nós temos direito breve ao "débil mental de babar na gravata" que nos habita e que, às vezes, se manifesta. Mas esse direito tem que ser casual e transitório, e acompanhado de esforço para que não se repita. Esse esforço é um dever ético. Não se apoquente demais, lembre-se do que disse Millôr:

"Enquanto os sábios
discutem sem certeza
os imbecis
atacam de surpresa".

Portanto, tente primeiro se convencer a si próprio, e só depois os outros. Até mais.

## BOM HUMOR

*Médicos e pacientes sabem a dificuldade de perder peso. A obesidade é regida por fatores genéticos e comportamentais, e os últimos não são fáceis de lidar. Por isso, nos chamou atenção a descoberta recente de um colaborador da revista.*

*Eis, tá tudo explicado: descobri por que estou engordando! É o xampu... no rótulo está escrito: "para dar corpo e volume". Agora só vou usar detergente de louça. Diz assim no rótulo: "elimina até as gorduras mais difíceis que você julgava impossível de remover".*

***Dr. Antonio Ribas (PR).***

# Epitáfios

**Do autor helenístico Calímaco:**

"Pontiagudos, por toda a minha tumba, há espinhos e estacas. Fere os pés, se aqui vieres. Tímon, o misantropo, habito aqui. Mas passa, tu podes lamentar, mas passa logo."

"Sem dar bom dia, ó negro peito, passa reto; sem ver o teu sorriso é bom meu dia."

"Tímon, defunto, o que detestas, luz ou sombras? 'Sombras: há muitas mais de vós no hades.'"

"Aqui Saón de Acanto, o Dicônide, em santo som dorme: não digas que os bons morrem."

"Se procuras Timarco no Hades pra saber sobre as almas ou se há uma outra visa, procura o filho de Pausânias Ptolemaico: ele se encontra junto aos piedosos."

"Tão conciso o estrangeiro, que sua parca epígrafe: 'Téris, o de Aristeu, Cretense', é longa."

"Se vais a Cizico, é fácil achar Hípaco e Dídime: a família é bem famosa. E darás uma triste noticia, mas fala que aqui eu cubro o filho deles, Críticas."

"E Cáridas repousa sob ti? 'Se é filhos de Arimas de Cirene aqui debaixo'. Cáridas, como vais? 'Num breu'. E tem retorno? 'Falso'. E Plutão? 'Conversa'. Estou perdido! 'Pois é verdade; mas se queres uma boa: um boi de Pela vale um touro no Hades.'"

"Alguém conhece o Amanhã? Quanto a ti, Cármide, inda ontem ante os nossos olhos, chorando hoje enterramos, o teu pai Diófon nunca assistira a nada mais atroz."

"Timónoe – quem? Não saberia, pelos nomes, sem ter na tumba o nome do teu pai, Timóteo, e de Metimna, tua cidade. Um luto imenso sofre o teu viúvo, Eutímenes!"

"Crétis, com tantos casos e agradáveis jogos, buscam-na sempre as jovens moças Sâmias; doce falante companheira. E agora dorme aqui o sono que é devido a todos."

"Se nunca houvesse as ágeis naus! Não choraríamos por Sópolis, o filho Diocleido. Seu corpo boia pelo mar, e em seu lugar nos resta um nome e uma tumba oca."

"Náxio Lico morreu nas ondas, não na terra, vendo a alma e barca juntas se perderem, comerciante em Egina; o corpo está nas águas e eu, a tumba, que tenho o nome apenas, clamo palavras verdadeiras: 'Foge ao mar ó nauta, se os cabritos mergulharem'."

"Filipo, o pai, enterra o seu filho de doze, toda sua esperança, seu Nicóteles."

"Tu que passas por minha tumba, sabe: sou filho e pai de Clímaco em Cirene. Conheces ambos: um guiou as pátrias armas, outro cantou mais forte que a inveja. É justo: as musas, quando põem o olhar num jovem, no fim, não abandonam o grisalho."

"Levava uma vida humilde, com bem pouco e isento de males e injustiça. Terra amiga, se eu, Micilo, louvei o mal, não sejas leve; nem mesmo os outros Numes que me prendem."

"Por este sol, que eu não te reconheço, pobre Cleônico Tessálico: onde estavas? És pura ossada e pelo! Acaso o mesmo Nume nos prende, a mesma danação divina? Já

sei: Euxíteo te arrebata – também viste, com teus dois olhos, infeliz, o belo."

"Passas na tumba do Batíada, perito em versos e em repartir sorrisos em vinhos."

"Sacerdotisa de Demétre, dos Cabiros eu fora, depois, de Dindimene, meu senhor, outrora; mas virei velha, e cinzas eu sou agora... de muitas jovens moças fui preceptora. Nasceram-me dois machos, e os meus olhos fechei por fim satisfeita em seus braços: segue sem demora."

"Da Frígia Escre, nobre leite, com fartura Mico cuidava enquanto ela viveu, e ora fez estas efígies para todos verem que a velha era querida por seus peitos."

"Quem és, ó náufrago estrangeiro? Pois Leôntico achou na praia o corpo e fez teu túmulo chorando a própria vida efêmera, sem paz: no mar navega, como a gaivota."

"Quem quer que chegue à tumba de Símon de Élide: junto ao filho de Hipeu vocês passaram."

"Cá estás, Menécrates de Eno, e eras valente: o que te despachou, meu caro hóspede? O mesmo que ao Centauro? 'Era o tempo do sono, mas o maldito vinho leva a culpa'."

"Cíntias, coragem! O arco do cretense Equemas foi deposto em Ortígia junto a Ártemis, e hoje descansa quem vos devastou no monte, cabras; depois a deusa deu-lhe trégua."

"Que adormeças, Conópion, como tu me fazes deitar diante dessas portas frias. Que adormeças, injusta, como ao amante deitas, impiedosa até nos sonhos. Os vizinhos têm pena; mas tu, nem nos sonhos; porém as cãs recordarão meus ditos."

**Escrito por D. Pedro no túmulo de Inês de Castro, morta em 7 de janeiro de 1355:**
"Até a fim do mundo."

**Epitáfio muito usual entre os latinos:**
"Eu hoje, você amanhã."

**Epitáfio do monge Bande Crespin:**
"Nunca se verá nada semelhante. Dele viviam em grande honra mais gente que outros cem."

**Epitáfio de Gregório de Plaisance. Século XIII:**
"Deixou como por milagre seus filhos, amigos e suas posses para a Deus servir humildemente, e manteve-se neste lugar monges na devoção da Ordem, em grande favor e em grande religião, e entregou a Deus sua alma santa e alegremente."

**Século XVIII:**
"E tu, venhas me ver em meu asilo."

"Para me trazer encanto em minha triste morada, virás visitar ao fim de um belo dia meu poético mausoléu."

**Soneto escrito por Machado de Assis em razão da morte de sua esposa, Carolina:**
A Carolina
"Querida, ao pé do leito derradeiro
Em que descansa dessa longa vida,
Aqui venho e virei, pobre querida,
Trazer-te o coração do companheiro.

Pulsa-lhe aquele afeto verdadeiro
Que, a despeito de toda a humana lida,
Fez a nossa existência apetecida
E num recanto pôs o mundo inteiro.

Trago-te flores – restos arrancados
Da terra que nos viu passar unidos
E ora mortos nos deixa e separados.

Que eu, se tenho nos olhos malferidos
Pensamentos de vida formulados,
São pensamentos idos e vividos."

**Sandy S. Margotto (PR).**

# Uma história de amor

**O que faz uma história de amor dar certo? Na** ficção o leitor já viu muitas, é usual; na prática escasseiam. Se a realidade é fímbria, a ficção é pletora, para compensar, decerto. Mas, qual seria a fórmula do sucesso? Como para qualquer sucesso, não há fórmula, só acaso.

Tome-se o caso de *Love Story*, agora lançado em DVD. O leitor já deve ter ouvido falar, lido ou assistido ao filme. Se nada disso ocorreu, talvez por ser jovem, já escutou a expressão: "Isso tá pra lá de *love story*!", como redundância de dramalhão, tipo mexicano da Pelmex. É, sou velho, do tempo do Miguel Aceves Mejia e da Maria Antonieta Pons. Ou, se melhor for, do Cantinflas. Se nunca ouviu falar deles, servem as atuais novelas do país amigo do norte. Pois bem, corria o ano de 1970 do passado século e a Paramount preparava o lançamento do filme com esse título. Os chefões tiveram uma ideia que, depois, se revelaria brilhante. Pediram ao ignoto roteirista, Erich Segal, que colocasse o roteiro em livro como peça preparatória do lançamento do filme, isso em 1969, meses antes. O livro foi um estouro. Como rastilho de pólvora começou a ser lido por todos. Se Scott Fitzgerald, grande escritor, não deu certo como roteirista em Hollywood; Erich Segal, roteirista e pequeno escritor, foi subitamente incensado aos píncaros. Adiante-se, primeira e única vez. Sucesso nunca mais. Mas se esse livro o foi, a trajetória do filme, casada com o livro, estava feita. Mais de 100 milhões de dólares na bilheteria o que não era pouco para época.

"NA MEDICINA, SOBRA TALENTO E FALTA RENDIMENTO. APESAR DISSO, CONTINUAMOS UMA LINDA HISTÓRIA DE AMOR COM NOSSOS PACIENTES, CURÁVEIS OU NÃO."

Mas o que liam e viam os americanos? Um drama comum já escrito e filmado inúmeras vezes, embora com viezes diferentes. A banalidade: mocinho rico e estudante de direito em Harvard se apaixona por menina pobre de faculdade inexpressiva. E não foram felizes para sempre. A família do mocinho era contra, naturalmente, e a mocinha teve doença fatal, possivelmente leucemia, único mistério do enredo.

Decerto, o prezado leitor já se deparou com tal sorte de argumentos na ficção, mas por que tal livro e filme atearam fogo nas mentes americanas? Ainda mais na fase da rebeldia juvenil que nada aceitava? Ou seria por que tal rebeldia pedia um descanso amoroso? Ou seria o slogan, não faça a guerra, faça o amor, o sublimador? E tudo isso com atores desconhecidos, roteirista idem, baixa produção e apenas um diretor firme? E filme que tinha como sofrível síntese filosófica a frase que ficou famosa: "Amar é nunca ter que pedir perdão?" Vá ser love story assim na única coisa que, de fato, se salvava no filme, a trilha sonora de Francis Lai que ganhou o Oscar!

Agora que o jovem leitor pode apreciar esse fenômeno, também poderá tirar suas conclusões. A minha é bem prosaica. O comitê celestial determina num determinado momento qual é o anseio geral dos humanos, e a capacidade involuntária de um escritor coloca para circular esse anseio coletivo. Ou seja, tira na loteria da vida um sucesso, único pois sim, mas suficiente para deixá-lo rico. E, periodicamente, esse anseio desconhecido lhes é dado ao acaso, por um afortunado sem talento, embora trabalhador. Enquanto isso, na Medicina, por mais trabalho que exista e seja feito, o talento raramente prevalece. Vide os vis honorários, se é que assim se podem denominar. Ou seja, sobra talento e falta rendimento. Apesar disso, continuamos uma linda história de amor com nossos pacientes, curáveis ou não.

# Um século de permanente sedução

**Quem foi que disse que o cinema fez cem anos** em 1995? Todo mundo. E quem sou eu para discordar?

Mas o cinema tal como o conhecemos desde mais ou menos 1910 só agora – façam as contas – está celebrando o seu centenário. O cinematógrafo dos irmãos Lumière, cuja primeira apresentação pública completou um século em 1995, em pouco tempo transformou-se em outra coisa pelas mãos do mágico Georges Méliès, o primeiro a contribuir para que a sempre invocada e embaraçosa profecia de Louis Lumière ("o cinema é um invento sem futuro") fosse estrepitosamente desmoralizada sem sair da fronteira.

Ao transformá-lo num passatempo irresistível, cheio de truques e pândegas, Méliès praticamente reinventou o cinema. Foram seus filmes que primeiro exploraram as potencialidades ilusórias das imagens em movimento. A partir das fantasias dele, o cinema descobriu sua real vocação: encantar as grandes massas urbanas com cenas que pareciam pertencer a outro mundo. Em vez de filmar um trem chegando à estação, operários saindo de uma fábrica, monarcas assistindo a desfiles marciais, o mágico parisiense despachou um foguete à lua.

"A rigor, foi ele quem inventou tudo o que de essencial o cinema possui", sentenciou um de seus biógrafos. Tudo, não. Uma coisa essencial não lhe pode ser atribuída: Méliès chegou ao espaço, mas não descobriu astros nem estrelas. Seus intérpretes eram figuras tão obscuras quanto os passantes usualmente captados pelas câmeras de Lumière.

Sem astros e estrelas, teria sido outro o futuro do invento sem futuro. Sem eles, o filme talvez não tivesse deixado de ser um mero passatempo de mafuá.

Astro, estrela. Quem sequestrou essas palavras para o vocabulário cinematográfico? Sem dúvida, um gênio em analogia. Astro, estrela, mito, diva, deusa... Não pertencem mesmo a este mundo os que reinam na tela e por seus feitos são venerados pelos comuns mortais – dentro e fora das salas de exibição, não por acaso referidas, com frequência, como "templos".

E pensar que até mais ou menos 1910 o cinema viveu sem mitos, com seus intérpretes ocultos pelo anonimato. Em parte, ocultos por vontade própria (eles não queriam comprometer sua reputação teatral com performances caça-níqueis) e, em parte, por decisão dos produtores, receosos de que a popularização dos atores inflacionasse suas folhas de pagamento.

Nos filmes do início do século, os atores – elementos secundários de um entretenimento ainda escravo de suas aptidões mágicas – não representavam (atributo teatral), apenas posavam (atributo fotográfico); daí a expressão "filme posado", usada para distingui-lo do documentário. Entre 1907 e 1908, uma drástica mudança no sistema de produção abriu caminho para que o cinema se aproximasse do modo de representação teatral. Num ano, o percentual de filmes posados produzidos nos EUA passou de 17% para 66%. Fenômeno de igual proporção ocorreu na Europa no mesmo período, cabendo aos "filmes de arte" da francesa Pathé mostrar o caminho das pedras.

"AO TRANSFORMÁ-LO NUM PASSATEMPO IRRESISTÍVEL, CHEIO DE TRUQUES E PÂNDEGAS, MÉLIÈS PRATICAMENTE REINVENTOU O CINEMA."

O Star System, portanto, é fruto de uma aproximação do cinema com o teatro. Mas não apenas isso. Ao menos na América, a descoberta de que rostos populares podiam aumentar a popularidade do cinema também contou com a ajuda de uma guerra, a dos produtores independentes com os donos das patentes cinematográficas (Thomas Edison & cia.) que resultou na criação de Hollywood. Por trás da "fa-

bricação" de Florence Lawrence, a primeira estrela do cinema americano, estavam dois desejos: o do público por figuras nas quais pudesse se espelhar e o de um produtor independente (Carl Laemmle) por uma fatia maior do mercado.

Lançada com artimanhas publicitárias tão ousadas quanto inéditas em 1910 (até boatos de sua morte foram espalhados, para que sua "ressurreição" causasse enorme impacto junto ao público), Florence Lawrence, a "Biograph Girl", sintetiza um momento ímpar na evolução do cinema. Com ela, o cinema inaugura o seu Olimpo, em pouco tempo apinhado de ídolos para todos os gostos: William S. Hart, Chaplin, Mary Pickford, Douglas Fairbanks, Harold Lloyd.

"EM 1912, NIELSEN TINHA O MAIOR SALÁRIO DO CINEMA: US$ 80 MIL POR ANO. FLORENCE NÃO GANHAVA MAIS DE US$ 12 MIL."

A Europa também fabricou os seus: o francês Max Linder, a dinamarquesa Asta Nielsen e a alemã Hanny Porten. Primeiro astro da comédia mundial, Linder fez sucesso até nos EUA. Nielsen também. Perto dela, aliás, Florence Lawrence primava pela modéstia. Em 1912, Nielsen tinha o maior salário do cinema: US$ 80 mil por ano. Florence não ganhava mais de US$ 12 mil. Em 1915, o recorde continuava sendo europeu: US$ 175 mil, contabilizados pela diva italiana Francesca Bertini. Só no ano seguinte Hollywood tomou a dianteira, com Mary Pickford, "a namorada da América", faturando US$ 670 mil.

O que faz uma estrela? Que atributos especiais lhe asseguram uma aura mítica? Que virtudes a tornam um emblema e um ideal de perfeição? Tudo isso continua sendo um enigma. Ao contrário do que Ethel Barrymore apregoava, para tornar-se uma estrela uma atriz não precisa ter, necessariamente, o rosto de Vênus, o cérebro de Minerva e a graça de Terpsicore (a musa da dança). O fundamental é que ela (ou ele) preencha os quesitos

básicos de beleza e fetiche do seu tempo. As pernas de Clara Bow e os peitos de Jayne Mansfield (mãe da atriz Mariska Hargitay, a Olivia da telessérie *Law and Order*, SVU) não fariam hoje o mesmo sucesso que fizeram, respectivamente, nos anos 20 e 50.

Um dia, Marlene Dietrich virou-se para a filha e comentou, apontando para a sala de espera de um aeroporto: "Olhe só quanta gente feia existe no mundo. É por isso que nós, artistas de cinema, ganhamos tão bem". Marlene não enganou sua filha, mas não lhe disse toda a verdade. Se o fizesse, a pequena Maria talvez não entendesse. Na realidade, o que endeusamos e invejamos nas estrelas do cinema não é tanto a beleza física, mas seu misterioso e inefável poder de sedução.

Por mais que se tenham distinguido por um detalhe de suas anatomias, estrelas como Greta Garbo (rosto), Marlene Dietrich (pernas, olhos e voz), Joan Crawford (olhos), Ava Gardner (olhos e boca), Marilyn Monroe (boca, seios e nádegas), Audrey Hepburn (olhos e boca), Elizabeth Taylor (olhos), Cyd Charisse (pernas), Kim Novak (colo e costas), Brigitte Bardot (lábios, seios, nádegas e cabelo), Julia Roberts (boca) e Sharon Stone (olhos e "aquilo"), tinham ou têm algo ainda mais forte e transcendental: glamour.

Encanto pessoal, magnetismo, charme: é assim que os dicionários definem glamour, palavra de origem escocesa curiosamente derivada de "grammar" (gramática). Na sintaxe do sortilégio, é ela quem dita as regras definitivas. E fundamenta o estrelismo de atrizes não particularmente belas e sedutoras, como Bette Davis, Katharine Hepburn e Meryl Streep. Para não falar de atores, como Humphrey Bogart, Fred Astaire, Jean Gabin, Jean-Paul Belmondo e Jack Nicholson.

Glamour não é um dote natural, mas um artifício burilado pela perícia de técnicos em plástica, elegância, iluminação e marketing. Glamour, portanto, se adquire – mas nem todos podem comprá-lo. Sua aquisição exige sacrifícios, sobretudo de ordem física (Rita Hayworth teve de se submeter a uma dolorosa cirurgia para aumentar a testa). Não é menos árdua a sua conservação (Cary Grant teve que se esforçar um bocado para estar sempre à altura do símbolo máximo de elegância e sofisticação em que se transformou). As recompensas são tais e tantas que poucos atores se confessaram arrependidos das concessões a que se sujeitaram, trocando de cara, nome e, não raro, até de biografia.

"GLAMOUR NÃO É UM DOTE NATURAL, MAS UM ARTIFÍCIO BURILADO PELA PERÍCIA DE TÉCNICOS EM PLÁSTICA, ELEGÂNCIA, ILUMINAÇÃO E MARKETING."

Os patriarcas de Hollywood também odiavam o que eram e representavam. Imigrantes judeus de origem humilde haviam feito dinheiro vendendo tapetes, tecidos e quinquilharias. Possuíam tudo, menos duas preciosidades: classe e prestígio. O cinema abriu-lhes as portas para o Country Club. "A maior coisa que o cinema me deu", vangloriava-se o produtor Samuel Goldwyn, "foi classe". Para tanto, também mudaram de nome (Goldwyn se chamava Goldfish), adotaram hábitos gentios e passaram a jogar golfe, colecionar obras de arte e cavalos de raça. Viraram, eles próprios, personagens de cinema.

"Eu fui uma grande mentira", dizia Joan Crawford no final da vida. "Eu me chamo Lucille La Sueur e não tenho mais o rosto que a velhice consumiu. O cinema é capaz de todas as mágicas, menos uma: preservar a nossa juventude". Na vida real, sim. Na tela, não. Na tela, tudo é eterno. Essa é a maior magia do cinema. Por isso, todos nós, inclusive as estrelas que fora da tela também fenecem e morrem, o cultuamos como a religião do século.

E entendemos o desespero daquela personagem da peça *Angel City*, de Sam Shepard, que, a certa altura, desabafa: "Eu odeio minha vida. Queria que ela fosse um filme. Eu odeio o que sou. Eu queria estar vivendo um filme, mas não estou e nunca estarei".

**Sérgio Augusto**

*publicado na Revista Florense, nº24*

# A importação de médicos no Brasil: realidade ou sonho

**Em 1948, a Inglaterra saíra vitoriosa da Segunda** Guerra Mundial mas se encontrava quebrada financeiramente. A ascensão do Partido Trabalhista ao poder tornou o Parlamento um instrumento de reformas sociais entre as quais a mais importante foi a criação da National Health.

A constituição dos médicos generalistas, que tinham sob seu cuidado um número finito de habitantes de uma mesma área geográfica e o encaminhamento dos pacientes para os especialistas, aliada aos procedimentos relativamente limitados da época e o fato de todos os serviços serem totalmente gratuitos, era uma das marcas registradas do plano e a razão de sua popularidade.

"OS CUSTOS CRESCENTES DA ASSISTÊNCIA MÉDICA NA ÁREA DO DIAGNÓSTICO E DA TERAPÊUTICA ULTRAPASSAM A CURVA NORMAL DA INFLAÇÃO DE BENS DE CONSUMO."

Posso falar da National Health com desenvoltura. Ela fez parte de minha vida e de minha formação, embora minha pós-graduação em Londres se deu em 1961, quando ainda vigorava em sua plenitude como ainda vigora.

Infelizmente, a National Health tornou-se um sistema limitado. Os custos crescentes da assistência médica na área do diagnóstico e da terapêutica ultrapassam a curva normal da inflação de bens de consumo.

Pode-se dizer que os custos em Medicina seguem uma curva logarítmica e não geométrica porque o progresso da Ciência incorpora, a cada minuto, novos recursos e medicamentos; e essa tecnologia carrega consigo um custo elevado de investimentos de pesquisa.

Assim, o atendimento médico universal e grátis só pode valer para a atenção primária de Saúde e deixa de fora os procedimentos de alta complexidade e custo. Com o surgimento da internet e da democratização da informação, todos dominam o conhecimento das novidades médicas praticamente no mesmo momento em que surgem.

A nova classe de pacientes exige do médico a aplicação de todos os recursos e de toda a tecnologia disponível e, por razões óbvias, quer que sejam gratuitos. O surgimento dos planos de saúde foi uma das primeiras consequências desse impasse. Impedido de arcar com o custo global da assistência secundária e dos procedimentos de alto custo, o governo cedeu espaço para terceiras partes pagadoras.

Existe um conflito fundamental entre os objetivos do médico e dos planos de saúde. Para o médico, o que se busca é o bem-estar do paciente a qualquer custo. Para as terceiras partes pagadoras, o que interessa é o equilíbrio financeiro entre a receita e a despesa, preferentemente com a realização de lucro.

Voltando à Inglaterra, onde o fenômeno é mais antigo, com a entrada de planos de saúde logo percebeu-se que o exercício da Medicina havia perdido toda a aura de romantismo que acompanhava a profissão até o fim da Segunda Guerra. O princípio hipocrático e os ideais de servir deram lugar a conflitos, greves e desinteresse de jovens.

A National Health sentiu, a partir dos anos 50, redução no número de GP's (General Practicioners), base do sistema. Muitos médicos do subcontinente indiano migraram para o Reino Unido e, com a persistência da dificuldade em preencher vagas, reduziu-se o padrão de exames médicos exigidos para a revalidação do diploma.

Calcula-se que embora cidadãos indianos e paquistaneses representem apenas 12 % da população do Reino Unido, os médicos são 33% do total. É quase certo que, facilitando a revalidação dos diplomas, a qualidade do atendimento piorou. Apesar disso, continua a haver no Reino Unido uma Medicina de ponta e grandes avanços em pesquisa.

Mas a ocorrência deste fenômeno poderia ser transplantada para o Brasil. Não temos ainda importação sistemática de médicos de outros países da America Latina, não mudamos ainda o sistema de revalidação de diplomas e não temos ainda um êxodo de jovens para outras profissões. Entre o Labour Party, de 1948, e o Governo atual do Brasil também existem diferenças, embora no que diz respeito à assistência médica uma visão socialista sempre foi moralmente mais aceita que o salve-se quem puder.

Nenhum paciente do Reino Unido foi prejudicado ao ser atendido na National Health. Pode-se especular que se algum tratamento de ponta deixou de ser oferecido a um paciente em particular, nem porisso deixou de receber o melhor que o Estado lhe oferecia e que esse tratamento estava disponível a todos os cidadãos.

"A NOVA CLASSE DE PACIENTES EXIGE DO MÉDICO A APLICAÇÃO DE TODOS OS RECURSOS E DE TODA A TECNOLOGIA DISPONÍVEL E, POR RAZÕES ÓBVIAS, QUER QUE SEJAM GRATUITOS."

Se a história se repete, talvez possamos refletir melhor sobre o que foi dito e usar nossas mentes para encontrar um meio termo mais aceitável para médicos e – principalmente – para pacientes que não se desrespeite as máximas: **"PATIEN PRIMUM" et "PRIMUM NON NOCERE"**.

**Dr. Maurício Brik (PR).**

LANÇAMENTO POÉTICO

## AMOR AUSENTE

*É um amor diferente. Como tantos amores são diferentes.*
*Esse é um amor que não se define pela palavra literal.*
*É um amor que existe. Está presente na pessoa que o sente.*

*Mas só o conhece, quem sente.*
*Ele transpõe uma barreira invisível.*

*Não se expõe, não acalenta, não toca, não convence.*
*Este amor não demonstra calor nem proximidade, tampouco cumplicidade.*
*Amor ausente é falta. Amor ausente é displicência. É dispensibilidade.*
*Não necessita de afastamento geográfico. Não carece de nenhuma distância.*
*Amor ausente está perto, mas não é doado, não é ofertado.*
*É um amor que se impõe por existir mas não se propõe a dividir.*
*Não se mistura a outro amor. Não se entrega, nem com dor.*
*Amor ausente escolhe quem pode tê-lo como presente.*
*Não é pra qualquer um.*

***Dra. Tânia Hegler (PR).***

# Todo paciente tem uma história para contar: Lisa Sanders

**Lisa Sanders, então repórter da CBS, cobria temas** relacionados à saúde. Certa vez filmava junto do Dr. Bob Arnot em uma área de *rafting*. Por um momento o médico sumiu. Quando voltou a vê-lo, puxava uma senhora até uma pequena praia de pedras e iniciava manobras de ressucitação. Diante daquela cena a jornalista revelara uma "insatisfação oculta" com seu papel na TV.

Formou-se médica pela Universidade de Columbia, fez residência em medicina interna e por ali ficou para dar aulas. Interessou-se por fisiopatologia embora o que a fascinava eram as histórias que os médicos contavam sobre seus diagnósticos notáveis. Tanto tempo acompanhando temas relacionados a fez pensar que sabia como as coisas funcionavam neste meio. Impressão desmistificada pelo dia a dia nas enfermarias.

"A AUTORA TENTA CONDUZIR O LEITOR ATRAVÉS DA MENTE DE UM MÉDICO DESDE A COLETA DE INFORMAÇÕES ATÉ A SUA CONCLUSÃO. EXAMINA CRITICAMENTE CADA ETAPA E BUSCA EXPLICAR AS DIFICULDADES, AS LIMITAÇÕES E A IMPORTÂNCIA DA HISTÓRIA, DO EXAME FÍSICO E DOS EXAMES COMPLEMENTARES NO RACIOCÍNIO."

Continuou a escrever para dividir com as pessoas o interessante e complicado trabalho de detetive que o médico tem até chegar ao diagnóstico. Destaca que qualquer um pode vir a ser paciente um dia.

Dos artigos na revista do New York Times surgiu a ideia do livro *Todo Paciente Tem uma História Para Contar*. Escrito a partir de casos clínicos difíceis resolvidos nos detalhes como numa história de "Sherlock Holmes", não fossem reais.

A autora tenta conduzir o leitor através da mente de um médico desde a coleta de informações até a sua conclusão. Examina criticamente cada etapa e busca explicar as dificuldades, as limitações e a importância da história, do exame físico e dos exames complementares no raciocínio.

Se o diálogo inicial com o paciente, a ferramenta diagnóstica mais antiga de que se dispõe, elucida até 90% dos casos, por que os médicos são tão ruins ao desempenhá-lo? Você certamente tem a resposta, e não hexitaria em dizer que o tempo é um dificultador. Nossa colega vai além e questiona os modelos de interrogatórios, a falta de treinamento, a dificuldade em controlar o emocional ao associar pacientes às doenças. O fato de existirem diagnósticos rápidos, que demandam poucas perguntas bem dirigidas, interfere. Mas a história é diferente de uma entrevista. Enquanto esta coloca de um lado uma pergunta e do outro a resposta, àquela revela mais do que a doença, mostra "que paciente tem a doença".

O exame físico morreu? Não, mas sem dúvida perdeu força e em parte graças à boa evolução da Medicina. Hoje se dispõe de menos pacientes para se aprender alguns sinais e sintomas de doenças que são tratadas precocemente. E ainda, o avanço tecnológico transferiu a importância para o resultado do ecocardiograma frente à ausculta cardíaca, além de, comparativamente, o exame clínico parecer algo primitivo, íntimo, invasivo e até psicologicamente intimidante para o examinador. Sabe-se a sensibilidade de uma tomografia ou de um anticorpo para determinada doença, mas não de uma manobra semiológica. Porém, se o exame físico se perder, um sistema de saúde mais lento, menos eficaz e mais caro crescerá. Muita tecnologia e pouco toque deixarão bastante a desejar, tanto para pacientes quanto para os médicos. Busca-se algo enxuto e acurado, bem realizado, e por que não treinado, aperfeiçoado, atualizado e sujeito a críticas?

Com os dados coletados o raciocínio se impõe. Como os erros acontecem? Pode ser isento de culpa, quando a apresentação é atípica ou incomum. Ou a culpa pode ser

do sistema, pelo equívoco laboratorial, pela demora nos resultados ou dificuldades em se adquirir prontuários. O erro cognitivo está ligado ao raciocínio médico, e a falta de conhecimento é responsável por uma minoria (quando se trata de doenças raras). Mais frequentemente o problema está na coleta de dados ou na síntese inadequada. O raciocínio diagnóstico inclui uma abordagem intuitiva, que estabelece uma correlação entre uma situação nova e um dentre vários exemplos da memória. Complementar o computador mental com computadores de fato que não cansam, não se confundem e tem memória muito mais ampla parece algo interessante.

Lisa faz emergir seu lado de jornalista e conta um pouco da história da informática e das tentativas em se criar sistemas de aprimoramento diagnóstico digital. Entrevistou um dos pioneiros nesta área que conta porque desistiu! Tentou contato com a equipe do Google sem sucesso, talvez por médicos serem consumidores preciosos! O que se conclui é que "os doutores", ao fazerem seus diagnósticos, ainda confiam mais nos seus cérebros e no dos colegas. Por quê?

Os seres humanos bem treinados superam a máquina na arte do diagnóstico por serem incrivelmente eficazes na tarefa de avaliar um problema (eliminam o não importante e se concentram numa decisão boa o suficiente); concebem atalhos mentais ao tomar decisões e chegar a conclusões (algo impossível para computadores); não possuem regras imutáveis num jogo (diagnóstico) onde as peças nunca são exatamente iguais; detêm ferramentas poderosas que talvez jamais possam ser igualadas por um robô (os órgãos do sentido); e por fim, frente a um quadro clínico difícil, pedem ajuda a seu par! Quando o médico está satisfeito com seu diagnóstico é pouco provável que decida usar o cérebro digital. A máquina poderia ajudar a responder a pergunta "o que mais isto poderia ser?" Reduziria equívocos e ganharia tempo, mas jamais substituiria a figura do homem.

Em suas palavras, o livro tenta colocar o leitor "na linha de frente, no lugar do médico, à beira do leito para que conheça a sensação de incerteza e mistério gerada quando o clínico é confrontado com um paciente cujo problema poderá matá-lo". Faz isso de forma envolvente e realista, baseada no depoimento de pacientes e colegas dos quais diz se distinguirem pela disposição em discutir seus erros

**Dr. João Felipe de Lara Bueno (PR).**

"QUANDO O MÉDICO ESTÁ SATISFEITO COM SEU DIAGNÓSTICO É POUCO PROVÁVEL QUE DECIDA USAR O CÉREBRO DIGITAL. A MÁQUINA PODERIA AJUDAR A RESPONDER A PERGUNTA 'O QUE MAIS ISTO PODERIA SER?' REDUZIRIA EQUÍVOCOS E GANHARIA TEMPO, MAS JAMAIS SUBSTITUIRIA A FIGURA DO HOMEM."

# Visor cirúrgico

**O Dr. Francisco Gregori Júnior é um homem** corajoso. Desembrulhar-se não é fácil. Movido por uma necessidade intrínseca, procurou no livro de poemas *Reflexões De Um Cirurgião*, passar a limpo uma parte de sua vida médica e cirúrgica e pessoal. O resultado, às vezes comum, às vezes perturbador, mas sempre sensível na busca da essência da própria realidade vivida. E não seria bom nem pungente se não fosse extirpado da vivência com intensidade e amor. Afinal, a beleza está em quem não tem medo de criar ou inventar na trincheira das necessidades humanas. Em quem não tem medo de professar que existem três tipos de homens: aqueles que criam obras; aqueles que as colecionam, mesmo que seja em memória; e aqueles que nem as conhecem. Estes são ignorados; os segundos, geralmente aplaudidos; e os primeiros, normalmente criticados.

Portanto, seja positiva ou negativa, a crítica é privilégio apenas de quem cria. Como, criou Gregori, os poemas que publicamos nesta edição, com a cartola visor cirúrgico, forjados do sobressalto da vida. E que nos levam à reflexão de que a beleza também se extrai do sofrimento. Aliás, é quando mais crescemos.

# Reflexões de um cirurgião

## CIRURGIÃO

*Caminha o cirurgião,*
*Adentrando o Centro Cirúrgico.*
*Já operava o paciente,*
*Há dias, virtualmente.*

*Preocupado, armando estratégias,*
*Um caso difícil se apresentara,*
*Temeroso com possíveis falhas,*
*Que, cuidadoso, poderia evitar.*

*Longe de pecar por negligência,*
*Imperícia ou imprudência,*
*Certamente, já errei, mais de uma vez.*
*Faço parte dos que erra, não dos que mentem.*

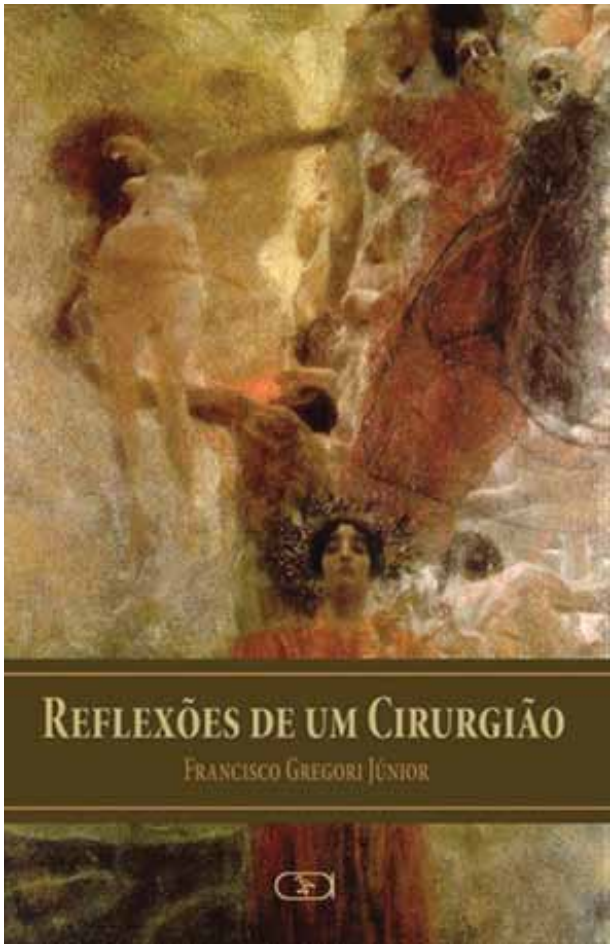
*Humanos, cirurgiões não são deuses,*
*Por isso, erram; pior, sabem quando erram.*
*Isso deixa-os frágeis.*
*Por vezes, empurra-os adiante.*

*Cirurgiões deprimem-se,*
*Sentem-se impotentes,*
*Caminham sós pela estrada, sem destino,*
*Quase sempre, procurando o norte.*

*No entanto, cirurgiões são parceiros de atitudes.*
*Graças a elas, vidas são salvas.*
*Sabem que não tomá-las já é uma decisão,*
*Pela conveniência, em geral.*

*Atitudes com critérios, ortodoxas,*
*Não ortodoxas também, como última alternativa,*
*Seguindo o mandamento hipocrático maior:*
*Envidar todos os meios para preservar a vida.*

*É muito cômodo atribuir insucessos*
*Às fatalidades ou ao desejo divino,*
*Quando atitudes não são tomadas,*
*Ou mesmo, prejudicialmente retardadas.*




*Críticas sempre surgirão, já que, não raro,*
*Existem oportunistas de plantão.*
*Passarão como nuvens, mesmo densas,*
*Com o vento, o sopro forte da razão.*

*Como todos, cirurgiões têm um lar à espera,*
*Um abrigo maior que os apoia, serenamente,*
*Levantando-os e lembrando-os, fortemente,*
*De que agiriam com seus entes igualmente.*

## ÚLTIMA ALTERNATIVA

*Há treze anos, numa calma manhã,*
*Chega à Emergência uma pobre anciã.*

*Falta-lhe o ar, pressão arterial inaudível,*
*Agônica, em mau estado geral.*

*Quadro dramático, já havia sido operada.*
*Na vigência de um novo infarto,*
*Sangra por um pequeno orifício,*
*Em um coração parcialmente necrosado.*

*Abro seu peito,*
*Coração tamponado, artificial instalado.*
*A pressão arterial é normalizada,*
*E a situação, temporariamente, controlada.*

*Múltiplas suturas em área necrosada.*
*Por várias vezes, colas biológicas aplicadas.*
*Algumas horas se passaram.*
*Sem sucesso, o sangramento aumentado.*

*É o fim do tratamento ortodoxo,*
*Resta-me a última alternativa:*
*Cola sintética, tóxica, não-estéril, de uso comercial.*
*Atitude original, porém totalmente heterodoxa.*

*Imaginando o que sucederia, sem o aval*
*Da enfermagem, chamo a mim a responsabilidade.*
*A cola é aplicada como um manchão pneumático,*
*E, com três camadas, cessava a hemorragia.*

*E agora? Problemas à frente. Complicações*
*Neurológicas e infecções poderiam vir,*
*No entanto, eu pensava: só em vivos elas podem surgir.*
*Bem, a anciã deixa o hospital, a vida segue.*

*Um ano depois, a notícia vem à baila.*
*Não a escondi, apenas não acreditei necessário divulgá-la.*
*Com ela, a explosão de notícias.*
*Com ela, críticas frágeis, temporárias.*

*Nos dias tensos que vivi,*
*Durante e após a operação,*
*Durante e após a explosiva divulgação,*
*Dúvidas e angústias me atormentavam.*

*Somente por poucos momentos, felizmente.*
*Situações similares não tardaram a*
*aparecer: segui em frente.*
*Eis meu lema: "Tento de tudo, tenho vidas nas mãos.*
*Com Hipócrates ao meu lado, colho os frutos da razão".*

# PERDA

*Há muitos anos,*
*Aproximava-se o Natal;*
*Um clima de férias pairava no ar.*
*Tempo de refletir, tempo de festejar.*

*Hospital decorado,*
*Médicos, funcionários confraternizando.*
*Tudo pronto para comemorar; no entanto,*
*Seguia a rotina de operações.*

*Esperançosa, uma família me procura.*
*Traz o filho pequeno, com lesão cardíaca.*
*Simples, teria dito o clínico, uma pequena cirurgia:*
*Apenas abrir uma válvula aórtica estenosada.*

*Dificultava a saída de sangue do coração.*
*Cirurgia sem urgência, mas com absoluta indicação.*
*Por que, então, realizá-la próximo ao Natal?*
*Nesse dia, comemorariam em casa o sucesso da operação!*

*Cônscio de que nenhuma cirurgia cardíaca*
*Seria tão simples como apresentada,*
*Iniciei-a numa calma manhã.*
*A tragédia, porém, já estava decretada.*

*Um amontoado de tecidos fibrosos;*
*Tratava-se de uma válvula degenerada,*
*Sem condições de ser preservada.*
*Sua substituição estaria indicada.*

*A menor prótese artificial*
*Era enorme para o pequeno coração.*
*Exigiam-se procedimentos correlatos.*
*A aorta teria de ser ampliada.*

*Procedimento complexo, mais tempo de operação.*
*Bem, a criança deixa o Centro Cirúrgico;*
*Na UTI, o coração mostra-se enfraquecido.*
*Horas depois, retorna à mesa, de onde não sai mais com vida.*

*Uma profunda tristeza me abate.*
*A lembrança dos pais me vem à mente.*
*Por não havê-los preparado para o pior, eu me culpava.*
*Não queria ter-lhes frustrado em sua boa expectativa.*

*Enfrentei-os: era nítida a dor em seus rostos.*

*O pai, cabisbaixo, chorava, copiosamente.*
*A mãe, desesperada, clamava pelo filho.*
*Não havia como, mas daria tudo para consegui-lo.*

*Foram os mais longos e tristes minutos de minha carreira.*
*Senti a agressão em seus olhares.*
*Longe de esperar a menor compreensão,*
*Entendi inteiramente a situação.*

*Demorei anos para esquecer. Agora, ao descrevê-la,*
*Percebo que não a esqueci totalmente. Tornei-me, sim,*
*Um cirurgião de adultos, de preferência. Passei a exigir*
*A responsabilidade da família por qualquer risco.*

*Hoje, somente opero se estiver convencido*
*De que os familiares reconheçam a angústia*
*E a tensão por que passa toda a equipe, e que,*
*Na perda, a dor e as lágrimas não serão apenas deles.*

# PALAVRAS

*Linguagem, inadequado meio de comunicação.*
*Criadas por nós, as palavras pronunciadas*
*Nem sempre significam o que ouvimos,*
*Nem sempre traduzem a verdadeira intenção.*

*Encantadoras, algumas vezes mostram um amor real.*
*Sinceras, fazem aflorar sentimentos puros.*
*Soerguem pessoas combalidas, desoladas.*
*Conseguem dar aos amigos apoio incondicional.*

*Palavras também expressam ódio,*
*Mal doentio, ciúme, inveja.*
*Desagregam lares, confundem pessoas,*
*Iludem-nas, difamam-nas, destroem-nas.*

*Palavras celebram a paz,*
*Ao mesmo tempo em que iniciam guerras.*
*Promovem união, assim como desunião.*
*Usadas e abusadas, por vezes, cruéis são.*

*Pior é seu silêncio.*
*Negá-las a quem grita por ajuda*
*Num momento doloroso de perda,*
*Desilusão ou desesperança.*

*Pior ainda, o silêncio criminoso,*
*Negando a verdade clamada,*
*Na ausência do posicionamento necessário,*
*No sofrimento do excluído, do doente e do esfomeado.*

*Palavras valem muito, seguidas de exemplo.*
*Entretanto, imagino o desuso não muito distante.*
*Melhor do que esta forma de expressão,*
*Vejo o pensamento como futuro da comunicação.*

*Seria mais autêntica e menos enganosa.*
*Distorcê-la, difícil seria, certamente.*
*A mentira não se consolidaria*
*E a falsidade sucumbiria.*

*As pessoas nos conheceriam por inteiro.*
*Assim, nos aceitariam, ou não.*
*Admirar-nos-iam, ou não.*
*Amar-nos-iam, ou nos odiariam.*

*E se, no futuro, maliciosamente,*
*Aprenderemos a esconder e disfarçar os sentimentos,*
*Enfim, mostrá-los distintos do real,*
*Aí, sim, nunca mais viveríamos impunes.*

# ENCRUZILHADA

*Seis horas da manhã,*
*Agoniza o velho à minha frente.*
*A esperança está ausente,*
*Sentimentos confundem minha mente.*

*Persiste o martírio doloroso*
*De um homem que deixou de viver.*
*O coração bate forte em seu peito,*
*Sua alma já o abandonou há algum tempo.*

*Martírio de sua antiga companheira,*
*Negando-se a aceitar a perda em definitivo,*
*Passando a clamar por um ato penoso,*
*Fosse eu capaz ou tivesse esse direito.*

*Como abreviar este fim?*
*Desligar aparelhos, interromper infusões?*
*De um modo, certo achava,*
*De outro, eu me negava.*

*Um misto de alívio e dor, finalmente.*
*Sobreveio a morte, fim de uma história frequente,*
*Não fora o velho doente, o pai.*
*Não fora eu, seu filho, o médico assistente.*

# Sucesso e fracasso

**Vivemos em um mundo competitivo, habitado** por pessoas orgulhosas e vaidosas, que quase só pensam em resultados e que gostam mais de serem aplaudidas que amadas.

Os apaixonados por resultados adoram estabelecer um perfil dos vencedores, que sirva para todas as atividades. A única coisa em comum é a vontade, uma mistura de algo indefinido com ambição. Mas cada um faz do seu jeito.

"POR ENVOLVER TANTOS FATORES, NEM SEMPRE, NO FUTEBOL, OS MELHORES SÃO OS VENCEDORES."

No futebol, há muitas maneiras de vencer e de perder. Por haver tantos fatores técnicos envolvidos nos resultados das partidas, além do imponderável, nem sempre os melhores são os vencedores.

Com frequência, um técnico erra, e o time acerta. Ou o contrário. Quando dá certo, o técnico é excepcional. Quando dá errado, é péssimo.

Isso não significa que os técnicos não sejam importantes. Vi vários mudarem a história de um jogo, para melhor ou para pior. É preciso ter competência para escolher, treinar, comandar, escalar, substituir, além de conviver com as críticas e os elogios, com o fracasso e o sucesso.

Há, no entanto, uma supervalorização dos técnicos. É mais fácil escolher um herói ou um vilão. A partir da conduta dos treinadores, comentaristas analisam tudo o que acontece em um jogo. É uma maneira de valorizar seus conhecimentos, como se falasse: "Eu entendo o que o técnico fez".

Até dirigentes são avaliados pelos resultados dos times, como se isso dependesse sempre da administração do clube. Quando o time ganha, o planejamento e as contratações dos dirigentes foram perfeitas. Uma das coisas mais mentirosas do futebol é o planejamento. Explica todas as vitórias e derrotas.

Não sei se Belluzzo foi tão ruim, como a maioria diz. Ele reconheceu vários erros. De qualquer maneira, dizer que ele foi péssimo presidente do Palmeiras porque não conquistou títulos é uma grosseira simplificação.

Um dos erros de Belluzzo foi acreditar que técnicos caríssimos, como Luxemburgo, Muricy e Felipão, têm o poder de, sozinhos, conquistar títulos, e que Valdívia é um craque. Endividou mais ainda o clube.

Todos nós já fracassamos em vários momentos. Costumamos lembrar dos sucessos e esquecer dos fracassos. Há ainda os que não suportam o sucesso, que carregam um sentimento de culpa, real ou imaginário, como se não fossem merecedores.

Existem também os que, por soberba ou simplicidade, ignoram e desprezam o sucesso, como se estivessem acima das vaidades.

São as contradições da alma.

**Dr. Eduardo Gonçalves de Andrade, o Tostão (MG).**

# Risoto de bacalhau

**Bacalhau é o nome comum para os pei-**xes do gênero Gadus, pertencente á família Gadidae. A origem do vocábulo designativo talvez assente nas formas franceses cab(e)liau, mas a origem possivelmente seja da língua neerlandesa Kabeljaauw.

O Bacalhau é um peixe salgado, seco e naturalmente preparado, conservando todas as propriedades do peixe fresco. É nutritivo, saboroso, de fácil digestão, rico em minerais e vitaminas e colesterol quase zero. É saudável e totalmente natural.

Recebi esta receita do conceituado urologista Bruno Brambilla, conceituado não só em sua profissão como também como grande cozinheiro. Já tive oportunidade de vê-lo em ação e posso dizer que é impressionante o capricho com que seus pratos são elaborados, decorados, servidos e, hum!! apreciados.

Os pratos com bacalhau remetem ao encontro de datas importantes como o Natal e a Páscoa, mas quando nos sentamos diante de um prato elaborado com esta iguaria a confraternização acontece independentemente de se tratar de uma data festiva, mas a festa acontece mesmo assim.

Como diz o Bruno: "Aprecie sem moderação!"

CURIOSIDADE

## O BACALHAU

*Este é um dos peixes mais conhecidos das águas frias do mar Atlântico Norte, no Círculo Polar Ártico. Cresce rápido e as fêmeas são espectaculares no que diz respeito a terem filhotes: põem de 2 a 8 milhões de ovos por ano. Mas nem todos sobrevivem aos ataques das aves e de outros peixes predadores. Podem viver até aos 25 anos e alcançar quase 2 metros e 500 kg. Apesar de nadarem habitualmente a mais de 200 metros de profundidade, deslocam-se em grandes cardumes e oferecem pouca resistência à captura, o que facilita a vida dos pescadores e a ameaça de extinção. É um animal simétrico, ou seja, o seu corpo é igual do lado direito e esquerdo, o que não é comum em todos os peixes. Outra curiosidade é que não tem o corpo totalmente opaco: é translúcido- a luz passa através dele dando um efeito muito interessante.*

# INGREDIENTES PARA 4 PESSOAS

*– Arroz comum ou arbóreo (2 xícaras de chá cheias)*
*– Alho grande (Meio dente)*
*– Cebola média (1/4 picadinho)*
*– Manteiga Integral c/ sal (2 tabletes 200g)*
*– Brócolis (1/4 do maço)*
*– Azeitonas pretas fatiadas (100g)*
*– Creme de leite (1 lata pequena)*
*– Cheiro verde (alguns ramos)*
*– Vinho branco seco (1 copo comum)*
*– Queijo parmesão ralado (200g)*
*– Bacalhau (400g)*

# MODO DE PREPARO

*1) Dessalgue o Bacalhau iniciando 36 horas antes do preparo, trocando a água de 6/6 horas e mantendo sempre em geladeira.*
*(Reserve um pouco da última dessalinização).*
*No dia do preparo dê uma rápida escaldada e então desfie o bacalhau, pedaços bem pequenos.*
*2) Panela sobre fogo baixo no início, com meio tablete de manteiga, alho e cebola, arroz e, então, quando iniciar a fritura, aumente o fogo e acrescente o vinho, deixando evaporar. Acrescente água fervendo até dois/três dedos acima do nível do arroz.*
*3) Inicialmente não colocar sal, lembrar-se de que o bacalhau poderá conter teor de sal mesmo após a dessalinização, bem como, as azeitonas.*
*4) Quando o arroz estiver a meio ponto do cozimento acrescente o bacalhau e então; se necessário mais água. Use aquela reservada que era onde estava o bacalhau de molho. Prove antes, verifique se não está muito salgado. Se estiver, dilua acrescentando mais água.*
*5) Acrescente um tablete de manteiga e o queijo e o brócolis (bem pequeno). Observe a consistência aveludada.*
*6) Desligue o fogo, acrescente as azeitonas.*
*7) Caso queira neutralizar um pouco o sabor porque acha que ficou salgado ou gosto forte do bacalhau, então, já com o fogo desligado acrescente creme de leite até chegar ao sabor desejado.*
*8) Se desejar intensificar o sabor: acrescente queijo parmesão.*

# A SABER

*– Não deixe pedaços graúdos de bacalhau, nem de brócolis, não prejudique o visual do seu prato.*
*– O cheiro verde deixe para guarnecer num cantinho do prato, para os que gostem de misturar. É delicioso!*
*– Deixe queijo parmesão ralado sobre a mesa. Ajuda a carregar o sabor.*
*– Enfeite os pratos com pedacinhos de brócolis, tomate cereja e se desejar, um pedacinho de bacalhau, ou como mandar sua criatividade.*
*– Aqueça os pratos antes de servir.*
*– Seus convidados deverão estar a postos ao servir os pratos. Lembre-se: o risoto empasta se esfriar.*
*– Ao comprar o bacalhau, não precisa ser partes grossas, pode ser aquela bandeja com pedaços em tiras.*
*– Sugestão de sobremesa: Peras flambadas.*

RECEITA DO DR. BRUNO BRAMBILLA

# Caro colega, Moacyr Scliar

**A finitude é a nossa única certeza. Prolongá-la,** amenizar o sofrimento e confortar fazem parte da missão, do cotidiano médico. Esta transição, capitaneada exclusivamente pelo tempo, ignora raça, credo, poder, conhecimento... Diz a lenda que Esculápio – ou Asclépio, para os gregos – adquiriu tão grande habilidade que podia trazer os mortos de volta à vida, pelo que Zeus o puniu, matando-o com um raio. O deus da Medicina e da cura da mitologia greco-romana, que pode ter vivido de fato em torno de 1200 a.C., inspira a arte de tratar e ensina que não há privilegiados. Nem mesmo aqueles que se dedicam a "salvar vidas" e propagar conhecimento. E lá se vão nessa viagem ao Olimpo, ou ao desconhecido, deixando saudade mas, acima de tudo, exemplos de dignidade, humanismo e solidariedade.

Muitos colegas se foram neste primeiro semestre de 2011. Para homenageá-los, todos, referimo-nos ao colega e escritor Moacyr Scliar, que nos deixou em 27 de fevereiro, às vésperas de completar 74 anos de vida intensa e produtiva. Ele se fez presente na edição 27 do **IÁTRICO**, em artigo titulado "Autores misteriosos", que trata do legado de conhecimento reflexivo depositado nas várias épocas, conferindo anonimidade aos reais criadores e, não raro, associando-o a autores consagrados. A recíproca vale para o Mundo Médico e a plenitude do exercício da Medicina. Scliar mereceu artigo especial na coluna "Personagem médico", do Jornal da Medicina (CFM), do qual extraímos algumas passagens.

**FONTE DE INSPIRAÇÃO**

"É raro que escreva alguma coisa em que não haja alusão à minha condição de médico". A declaração de Moacyr Scliar, dada em conversa com o jornalista Ademar Vargas de Freitas, do jornal da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em 2003, mostra a influência da Medicina em sua vida e obra. "A Medicina me

inspirou muito. No livro *Doutor Miragem* conto a história de um médico que é sequestrado e cujo sequestrador fica doente", descreveu o autor, que tinha duas grandes paixões: a saúde pública e a história da Medicina. "Também escrevi sobre personagens históricas, como os médicos Oswaldo Cruz (*Sonhos Tropicais*) e Noel Nutels (*A Majestade do Xingu*)".

"A MEDICINA ME INSPIROU MUITO." MOACYR SCLIAR (1938 – 2011)

Apaixonado pelo ser humano e pela missão de cuidar, a inspiração de Scliar vinha de sua experiência de vida. Gaúcho do Bairro Bom Fim, em Porto Alegre, professor, sanitarista, deixou uma obra respeitável. Foram mais de 70 livros – romances, contos, crônicas e ensaios –, vários dos quais premiados no Brasil e no exterior. Além da Medicina, a realidade da classe média urbana e o judaísmo pontuam

sua obra. "Sempre li muito para saber como pensavam os médicos do passado, sobretudo aqueles que enfrentavam doenças endêmicas e epidêmicas. É um tipo de conhecimento que ensina muito e que neutraliza um pouco da inevitável arrogância profissional". Esta afirmação é um trecho extraído do livro *Rubem Alves & Moacyr Scliar Conversam sobre o Corpo e a Alma*, obra inédita divulgada pelo jornal Zero Hora logo após a sua morte e que será publicado postumamente.

Na obra, Scliar fala sobre sua opção pela saúde pública: "Me formei em Medicina em 1962. Trabalhei como clínico durante alguns anos, inclusive em um sanatório de tuberculose. Ali, tive uma visão diferente da doença: constatei que ela podia ser vista como um problema da população, diagnosticada, prevenida e tratada (...). Fiz então uma opção: fui trabalhar em saúde pública, o que fiz pelo resto da minha vida profissional".

Com 45 anos de casado com Judith Vivien Olivien e pai de Roberto, Moacyr Scliar faria aniversário em 23 de março. Formado pela UFRGS, ocupava desde 2003 a cadeira nº 31 da Academia Brasileira de Letras (ABL). A morte desse expoente da literatura e da Medicina fez com que o CFM decretasse luto de três dias, deixando sua bandeira a meio mastro neste período. Intelectuais lamentaram a perda. Do reduto familiar veio a declaração distinta de seu legado: "Permanece em cada um de nós a lembrança de um homem digno, dono de uma mente brilhante e criativa, que viveu a vida em toda a sua plenitude".

# JUDICIALIZAÇÃO DA MEDICINA, TEMA DO CONCURSO DE MONOGRAFIA DO CONSELHO

*A cada ano, as demandas judiciais por medicamentos e procedimentos de alto custo não fornecidos pelo Sistema Único de Saúde vêm causando um impacto crescente nas contas públicas. O fenômeno é igualmente impactante na saúde suplementar, demonstrando que os cidadãos estão cada vez mais conscientes de seus direitos e buscando os caminhos adequados para resguardá-los. Para fomentar a discussão, o CRM-PR elegeu a Judicialização na Medicina como é tema central da 22.ª edição do Concurso de Monografia sobre Ética Médica, Bioética e Profissão Médica, que terá suas inscrições até 31 de agosto.*

*A premiação ocorre sempre em meios às comemorações do Dia do Médico, em outubro. O autor do trabalho premiado em primeiro lugar faz jus a prêmio de R$ 7.500,00, cabendo R$ 3.000,00 ao segundo colocado, se escolhido. As monografias são publicadas na Revista Arquivos do Conselho como contribuição da classe médica às discussões sobre temas relevantes à sociedade, à pesquisa e ao conhecimento. O regulamento consta da Resolução CRM-PR N.º 159/2008 (**www.portalmedico.org.br/resolucoes/CRMPR/resolucoes/2008/159_2008.htm**). Dúvidas podem ser dirimidas por e-mail (**protocolo@crmpr.org.br**) ou pelo fone (41) 3240-4000.*

### *AÇÕES NA JUSTIÇA*

*No ano passado, a União gastou R$ 132,58 milhões com tratamentos médicos determinados por decisão judicial – mais de 50 vezes o valor gasto em 2005 (R$ 2,24 milhões). Pela ausência de comissão científica institucionalizada para balizamento técnico das decisões do Judiciário, nem sempre é possível determinar se os procedimentos são os mais recomendados. Também em 2010, a União foi citada em 3,4 mil ações para a obtenção de remédios caros. Porém, se forem considerados os processos contra outros entes federados do Estado brasileiro – Estados-membros, Distrito Federal e municípios –, além de entidades privadas, como as operadoras de saúde suplementar, o número é muito maior. De acordo com o Conselho Nacional de Justiça, a quantidade de ações na área de saúde que tramitam nos Tribunais de Justiça dos Estados e nos Tribunais Regionais Federais chega a aproximadamente 250 mil. Em recente entrevista, o ministro da Saúde, Alexandre Padilha, defendeu o entendimento de que é preciso fazer uma distinção entre os procedimentos estabelecidos por protocolo dos que não têm amparo técnico. Reconhece, contudo, que o SUS precisa aprimorar-se para garantir o fornecimento dos medicamentos recomendados.*

# Os excedentes: da crise à consolidação do ideal médico

**Como tem sido uma tradição desde 1986, o** Conselho de Medicina do Paraná homenageia anualmente, em outubro, os médicos que completam 50 anos de formados como exemplos dignos à profissão. Com histórico de conduta ilibada ao longo dessa trajetória, recebem o Diploma de Mérito Ético-Profissional e a Estatueta da Medicina. É um momento ímpar de confraternização e, digamos, de consagração hipocrática. No Dia do Médico deste ano a deferência se repete, mas agora sob característica inusitada, por reunir integrantes de duas turmas da Universidade Federal que, ao ingressarem no Curso de Medicina em 1956, foram antagônicas e protagonizaram conflitos ou impasses que se refletiram nos campos político, didático, assistencial e também social, sendo assim marcantes na constituição da história da Medicina paranaense. O tempo e a inspiração nos princípios basilares da Medicina fizeram sua parte para corrigir as cicatrizes e estreitar o destino dos personagens.

Para maioria dos médicos que estão hoje no exercício da profissão, por formarem o contingente mais jovem, esta curiosa jornada pode soar desconhecida ou, pelo menos, nem tão conhecida. O mesmo vale para a sociedade como um todo. Porém, ao se fazer uma leitura desse extrato histórico, sobressai a convicção de que, de fato, "o tempo é senhor da razão". Deixadas à parte as escaramuças da época, constata-se que o alargamento do número de aprovados naquela relação do vestibular de 55 anos atrás, com a criação da chamada turma de excedentes, refletiu de forma altamente positiva no seio da Medicina. Profissionais de reconhecida capacidade deram – ou vêm dando - sua contribuição à prática e ao ensino médico e defesa da ética. E dos desdobramentos políticos daquela minirrevolução, decretada pelo movimento estudantil que alcançou outros níveis de educação e paragens, adviram conquistas ansiadas para época e para o futuro, como a conclusão dos hospitais de interesse público, em especial a retomada das obras de construção do Hospital de Clínicas da UFPR, que viria a ser inaugurado em 1961, a defesa da autonomia da UFPR e das escolas de Farmácia e Odontologia, aumento de verba e reformulação curricular nas ciências biomédicas e as articulações para o nascimento de uma nova escola médica no Paraná, a da Católica, que se consolidou já no ano seguinte (1957).

## REGISTROS HISTÓRICOS

Os registros históricos, substanciados por depoimentos e publicações da época – como jornais O Dia, Gazeta do Povo, O Estado do Paraná e Diário do Paraná e ainda a Revista da UNE – não deixam dúvida sobre a conduta crítica e a intolerância política presentes na sociedade no começo da segunda metade dos anos cinquentas do século passado. Havia pouco Getúlio Vargas se suicidara em meio a uma crise institucional no País. Café Filho, o vice, Carlos Luz e Nereu Ramos fizeram a transição turbulenta até a eleição de Juscelino Kubitschek de Oliveira, empossado em 31 de janeiro daquele ano de 1956 sob olhar desconfiado das Forças Armadas. No Paraná, numa manobra política, Moisés Lupion ocupava pela segunda vez o cargo de governador. Juscelino – médico de formação – e Lupion seriam, ao lado do então reitor da UFPR, Prof. Flávio Suplicy de Lacerda, alguns dos principais personagens no desfecho do caso dos "excedentes", que viraria turma suplementar e teria sua primeira aula somente em 1.º de agosto de 1956, uma semana antes que a "regular" de 120 alunos. Perderam, ambas, um semestre por conta

"MOÇOS, SOU MÉDICO. FUI ESTUDANTE POBRE. VIM DE UM LAR POBRE E CONHECI TODAS AS APERTURAS DOS POBRES. PEÇO, SENHOR REITOR, QUE DEFIRA O PEDIDO DESSES JOVENS, POIS ESSA ATRIBUIÇÃO NÃO ME CABE." (JUSCELINO KUBITSCHEK)

do impasse que colocaram em lados opostos colegas antigos do ensino até o acesso ao curso superior

O suntuoso prédio da UFPR na Praça Santos Andrade (que viraria símbolo de Curitiba quase meio século depois) tinha sido totalmente concluído e inaugurado em 1955, abrigando, inclusive, a Faculdade de Medicina, Farmácia e Odontologia. Seria ali o cenário inaugural do impasse. O vestibular realizado no início do ano seguinte teve a relação de aprovados "inchada" com os nomes dos que tinham alcançado e até superado a média de ingresso. Seria habitual na época que os poucos que atingiam a média também buscassem a matrícula, na condição de excedente. Porém, eram 76 nomes a mais. Dada a dica, até mesmo por veteranos presentes no DANC (Diretório Acadêmico Nilo Cairo), alguns dos que tinham nota requereram a matrícula. E a notícia logo correu. Queixando-se das dificuldades vivenciadas, inclusive no corpo docente, professores, veteranos e os calouros normais iniciaram a mobilização para descartar a possibilidade de ter uma turma de quase 200 anos na Medicina. A Aliança Liberal Acadêmica já fazia indicativo de greve na hipótese de acolhimento dos excedentes.

*Juscelino, os excedentes e momentos da greve.*

O outro "lado" se articulava politicamente e também buscava apoio em alguns veículos de comunicação onde, aliás, alguns dos pretensos acadêmicos já trabalhavam ou tinham bom trânsito. Uma comissão foi ao Rio de Janeiro, então capital federal, para pleitear o endosso do Presidente da República e do ministro da Educação. Em São Paulo, o governador Franco Montoro endossava o pedido. No âmbito local, a simpatia do governador Moisés Lupion à causa deu fôlego à turma, até mesmo permitindo que alguns de seus representantes – e também do outro grupo - tivessem acesso, em sua casa (hoje Castelo do Batel), para conversar com o Presidente Juscelino, o então ministro do MEC Clóvis Salgado e o reitor da UFPR Flávio Suplicy de Lacerda, precedendo a reunião do partido político de situação, o PSD, e a inauguração oficial da Casa do Estudante Universitário (obras e ocupação começaram anos antes), motivo da vinda da comitiva presidencial. Do trajeto do Aeroporto do Bacacheri até a casa do governador Lupion, Juscelino tinha acompanhado as várias faixas de apelo feitas pelos "quase-calouros", que teriam virado a madrugada trabalhando essa mídia.

Pelos testemunhos e registros históricos, o Presidente ouviu os dois lados e firmou sua posição de apoio à causa dos excedentes,

lembrando a falta de médicos no Brasil – citou que mais de 700 cidades não tinham profissionais, além do que, naquele período, existiam apenas 27 escolas médicas. E declarou: "Moços, sou médico. Fui estudante pobre. Vim de um lar pobre e conheci todas as aperturas dos pobres. Peço, senhor Reitor, que defira o pedido desses jovens, pois essa atribuição não me cabe". O Professor Suplicy de Lacerda assentiu que "o seu pedido é uma ordem, Presidente", ao que Juscelino asseverou que era a sua opinião, mas que o ato deveria servir como exemplo para outras universidades do país, "para que não fechem suas portas aos que desejam estudar". A questão estava fechada. A abertura das matrículas seria iminente. A repercussão foi imediata e com seus prós e contras, quer nos jornais, na sociedade e no meio estudantil. Estava decretado o impasse que liquidaria o primeiro semestre letivo com a greve da Faculdade de Medicina, Farmácia e Odontologia e a sua irradiação para outros cenários, como São Paulo, Rio Grande do Sul e Pernambuco, sob outros pretextos.

**"PAREDE UNIVERSITÁRIA"**

No final de abril daquele 1956 estava criada a "parede universitária" em meio a greve dos estudantes, com bloqueio da entrada da faculdade pelos veteranos e calouros da leva dos 120 primeiros classificados para impedir a matrícula dos excedentes, que chegaram a acampar na Praça Santos Andrade. Era a intensificação do conflito, que foi muito além das ações políticas e protestos, ganhando contornos graves por atos de violência e danos ao patrimônio. Até mesmo um caixão foi levado à porta da Federal, com estudantes "velando o cadáver da moral" antes de promover passeatas pelas ruas centrais. Foram muitas as tentativas de negociação para dissolver o impasse, envolvendo desde o ministro da Educação e o Prof. Jurandyr Lodi, diretor da Divisão de Ensino do MEC, até dirigentes da UNE, do DANC e da Docência da Federal, esta em grande parte relutante em acolher os excedentes pelas dificuldades já presentes no cotidiano.

Em 22 de maio era publicado o famoso edital autorizando a matrícula dos excedentes e dando 72 horas para o retorno às aulas dos demais alunos. Na prática, pouco efeito. A greve prosseguiu e nenhum dos excedentes conseguiu entrar na secretaria da faculdade para fazer a matrícula. O primeiro grupo de 13 alunos só conseguiu cumprir a formalidade via um dos professores, Octávio da Silveira, solidário aos estudantes da além-lista (e que anos depois seria homenageado emprestando o nome à turma de formandos). Outro professor, Atlântido Borba Cortes (que seria o paraninfo), não teve a mesma sorte e foi barrado pelos grevistas. Na Capital Federal, continuavam as gestões de ambos os lados.

Em 21 de junho, o chefe do gabinete do MEC, Celso Brandt, recebeu uma comissão representativa dos veteranos da Federal, que apresentou memorial com série de reivindicações: de ensino médico eficiente, conclusão do HC, aumento de verba para faculdade de Medicina, autonomia das escolas de Farmácia e Odontologia e revogação da ordem de matrícula dos excedentes. Brandt disse que todos pleitos seriam atendidos, exceto o último, reafirmando que "o Presidente se sentirá satisfeito em ver os 76 excedentes matriculados no curso de Medicina, com o que deverá ser criada uma turma suplementar, sem qualquer prejuízo para os demais alunos". E decretou: "O Senhor Presidente está disposto a atender as solicitações dos acadêmicos de Medicina da Faculdade do Paraná para que sejam matriculados os excedentes, pois o Brasil necessita de médicos, conforme ele próprio assinalou na visita que fez ao Paraná".

"O SENHOR PRESIDENTE ESTÁ DISPOSTO A ATENDER AS SOLICITAÇÕES DOS ACADÊMICOS DE MEDICINA DA FACULDADE DO PARANÁ PARA QUE SEJAM MATRICULADOS OS EXCEDENTES, POIS O BRASIL NECESSITA DE MÉDICOS, CONFORME ELE PRÓPRIO ASSINALOU NA VISITA QUE FEZ AO PARANÁ". (CELSO BRANDT)

**RIVALIDADE AO LONGO DO CURSO**

Com as promessas feitas pela Presidência no acolhimento de medidas benéficas à formação e prática médica no Paraná, a desmobilização foi natural, sob entendimento de que conquistas tinham sido alcançadas, em especial com a retomada das obras do Hospital

de Clínicas, aportes financeiros à Faculdade e iminente abertura de um novo curso médico, na Católica. O gélido julho ajudou a esfriar ânimos e as aulas começaram em 1.º de agosto, mas para a turma suplementar . A aula inaugural com o Prof. Joaquim de Matos Barreto teve a presença de 47 dos 76 alunos (sendo que 63 se formariam no mesmo ano, 1961). Dia 6, após assembleia deliberando pelo fim da greve e aceitação do novo modelo implementado, começaram as aulas do grupo regular. A partir de então, cada turma foi pro seu lado. A rivalidade estava decretada e, pelo menos em público, nenhuma demonstração de afeto na relação dos membros dos grupos. Ao contrário. Até mesmo um diretório acadêmico foi criado exclusivamente para a turma.

Mesmo com a carência de professores e locais, era impossível reunir as duas turmas num mesmo local. E bem que o austero professor Mário de Abreu tentou uma aula conjunta no 5.º ano. Inutilmente. Era teórica e ele argumentou que não tinha lógica dar duas aulas iguais. Como rememoram os (então) alunos Duílton de Paola e Luiz Carlos Sobânia - um de cada turma -, o porta-voz do grupo maior anunciou que não aceitava a presença dos "excedentes". "Não dou mais aula", decretou o eminente mestre como despedida definitiva do polo de conflito. A turma suplementar foi obrigada até mesmo a montar o Diretório Acadêmico Miguel Couto, que seria extinto à conclusão do curso, logo após a formatura que, por sinal, também mereceu datas diferentes naquele dezembro de 1961, fechando o ciclo formador no qual, se não teve incidentes maiores, também não teve muita relação de cordialidade. E nos 50 anos seguintes, todas as confraternizações seguiram a mesma característica. No Jubileu de Ouro, cada grupo fará sua própria festa, mas terá a "redenção" na Casa do Médico para, juntos, receberem a justa homenagem do Diploma de Mérito Ético-Profissional que, pena, não terá a presença de todos aqueles que chegaram ao fim daquela jornada de 1961, também comemorando a inauguração do Hospital de Clínicas da UFPR, e que se iniciaram na profissão.

**Hernani Vieira (PR).**

*Manchetes dos jornais da época.*

# CAMINHOS ENTRELAÇADOS

*Se foi de distanciamento das duas turmas ingressantes no curso de Medicina em 1956, a partir da conclusão do período acadêmico o que se tornou marcante foi a conduta ética e profissional dos dois grupos, com seus integrantes transformando-se em expoentes exemplares da prática e da formação médica, contribuindo para o natural estreitamento de relações. Duilton de Paola e Luiz Carlos Sobânia retratam muito bem este fenômeno. Eram de turmas diferentes e mantiveram o antagonismo prevalente durante a jornada acadêmica. Seus caminhos acabaram se estreitando. Renomados em suas especialidades (Duilton, neurologia, e Sobânia, e ortopedia e traumotologia), passaram pela docência, com importante atuação na formação de colegas e se destacaram em defesa das causas médicas. Ambos são conselheiros natos do CRM-PR – que foi fundado quando eles ainda estavam na faculdade. Foram presidentes da autarquia e também foram representantes do Paraná no Conselho Federal de Medicina. Na gestão 1983/1986, Duilton foi presidente e teve Sobânia como vice, que, depois, sucedeu-o.*

*Duilton de Paola era da turma dos excedentes, assim como Rosy, que conheceu no curso. Acabaram noivando no quarto ano e casando um ano depois de formados, tendo o primeiro filho (que também seguiria a profissão) dois anos mais tarde. Foi na gestão presidida pelo Dr. Duilton que ocorreu o primeiro julgamento ético no Paraná, na década de 80. Ehrenfried Othmar Wittig também fazia parte do grupo. Igualmente neurologista, tem um histórico ímpar em prol da Medicina. Foi professor da UFPR, fundador do Museu da Medicina, é membro da Academia Paranaense de Medicina e conselheiro do CRM, ao qual vem se dedicando há muitos anos, sempre preocupado em bem orientar e valorizar o médico. Ele é o editor-fundador da Revista Arquivos, nascida como instrumento de propagação da ética e do conhecimento. Ainda foi idealizador da homenagem do Diploma de Mérito Ético-Profissional, que este ano o alcança, e da Medalha de Lucas – Tributo ao Mérito Médico, comenda voltada a exaltar profissionais engajados em causas humanitárias.*

Duilton, Sobânia e Wittig à frente da galeria de ex-presidentes do CRM, na Casa do Médico.

*O Prof. Wittig recorda que a matrícula de excedentes era comum naquela época, mas beneficiava número reduzido de alunos que alcançava a média de aprovação. Assinala que foram integrantes do próprio Danc que alertaram para a possibilidade de o grupo - que tinha 11 mulheres - de pleitear vaga no curso.*

*Luiz Carlos Sobânia integrava a turma regular que ingressou em 1956. Além de participar ativamente do Conselho Profissional, também foi secretário Estadual de Saúde. Tem filho médico. Ele lembra com bom humor de passagens conflitantes dos grupos, como a frustrada tentativa de aula conjunta do Prof. Mário de Abreu. Por terem estudado e se formado separadamente, diz Sobania que nunca ocorreu uma festa conjugada de confraternização. Carlos Felipe de Sio era colega de turma de Sobânia. Presidiu o centro de debates científicos Vidal Brasil e chegou a secretariar o Danc. Após graduar-se, radicou-se na região Centro-Oeste do Paraná, onde montou hospital, atuando na representatividade do setor, sendo um dos fundadores da Federação dos Hospitais do Paraná. Ele conta que, ainda no período acadêmico, Curitiba viveria mais um período de agitação com a chamada Guerra do Pente (dezembro de 1959).*

*Confira no Portal do Conselho (**www.crmpr.org.br**) a relação de todos os que se formaram no curso de Medicina da UFPR em 1961.*

# Pioneiros da Medicina do Paraná

1846

## Dr. Faivre
### O Benemérito da Imigração

Jean Maurice Faivre nasceu em Combe Raillard, França, a 21 de setembro de 1795. Médico formado pela Faculdade de Paris, veio para o Rio de Janeiro em 1826, onde se entrega as suas atividades profissionais.

Junto com Joaquim Cândido Soares de Meirelles, José Francisco Xavier Sigaud e Luiz Vicente de Simoni em 30 de junho de 1829, fundou a Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, que em 1889, passou a chamar-se Academia Nacional de Medicina.

Na época, era um dos mais importantes clínicos da Corte. Foi médico de José Bonifácio e da Imperatriz Thereza Christina Maria.

Casou-se com Ana Taulois, filha do ilustre engenheiro Pedro Taulois. Uma tragédia destruiu o seu lar. Sua esposa morreu 44 dias após haver dado à luz a sua filha Maria, nascida morta a 28 de março de 1841. Então começou a viajar pelo sertão, ora de Minas, ora de Goiás (onde fez relatório sobre o tratamento da morféia com as águas termais de Caldas Novas), ou da então 5ª Comarca de São Paulo, onde às margens do rio Ivaí decidiu fixar-se.

Em 1846 com assentimento do Governo Imperial e com o apoio moral e material da Imperatriz, Faivre foi buscar na França 25 famílias num total de 63 pessoas, e fundou a Colônia Teresa, no vale do Ivaí. Faivre era um sonhador e idealizou fundar uma comunidade agrícola feliz, longe da escravidão e do dinheiro, que, segundo ele, corrompia os homens.

Além de ser diretor financeiro e material da colônia, era também guia, mentor, apaziguador e sobretudo médico. Não raro caravanas de localidades vizinhas iam procurá-lo para consultas médicas.

Morreu na noite de 30 de agosto de 1858, pelas oito horas, na sede da Colônia, "o indefeso operário do bem". Foi enterrado na própria Colônia Teresa. Dele disse Visconde Taunay: "Foi um dos beneméritos da imigração".

Quando Faivre morreu, a população da Colônia era de 248 habitantes. A colônia não prosperou. No lugar, hoje existe uma pequena localidade chamada Teresa Cristina, no município de Reserva.

CRM-PR

CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA DO ESTADO DO PARANÁ

www.crmpr.org.br